BIBLIOTECA DE ESTUDOS LIVRES

III

H. BARBUSSE

RUSSIA

Coimbra

1931

BMBM

Academica 8.000
5X

RÚSSIA

BIBLIOTECA DE ESTUDOS LIVRES

Obras publicadas:

I — Brito Camacho — *A Questão Romana.* (Considerações preliminares de Tomaz da Fonsêca.)
II — Aragão e Melo — *Tolerancia.*
III — A. Barbusse — *Rússia.*

No prelo:

Romain Roland — *Gandhi.*
Luís Araquistain — *A Revolução Mexicana.*
Tomaz da Fonsêca — *No Rescaldo de Lourdes.*

Em preparação:

A coleção de Romances e novelas de interesse social: «Coleção Horizonte».

BIBLIOTECA DE ESTUDOS LIVRES

III

H. BARBUSSE

RÚSSIA

Versão Portuguêsa

EDIÇÃO DO
INSTITUTO DE ESTUDOS LIVRES
DEPOSITO
ACADÉMICA-EDITORA—SILVA RAPOSO & C.ª, L.da
R. CANDIDO DOS REIS, 12
COIMBRA—1931

Unica versão em português
autorisada pelo autor.
Reservados todos os direitos.

A Biblioteca de Estudos Livres, *no intuito de corresponder à simpatia com que foi acolhida pelo público letrado, alarga hoje o seu programa inicial, trasendo aos seus leitores um dos trabalhos de Barbusse, famoso homem de letras que, no campo das ideias, continua mantendo o mesmo ardor que o distinguiu nessa linha de fogo onde colheu alentos e razões para o seu livro, hoje universalisado, Le Feu.*

No que nêste momento oferecemos ao público — impressões da viagem que, em 1929 realisou à Rússia, por ocasião do VI congresso soviético — perpassa o grande vento que sacudiu e animou o povo eslavo após a grande guerra. Depoimento de caracteristicas especiais que o tornam um verdadeiro documentário, embora incompleto, êste livro deve sêr lido por todos os que desejem conhecer a Rússia atual.

A mocidade das escolas, mormente a dos

cursos superiores, estuda e observa, com interesse crescente, a obra da civilização moderna, que está provocando uma singular transformação nas leis e nos costumes, revolucionando assim todos os ramos da actividade humana.

Com efeito, era tempo que os fenomenos provocadores dessas transformações se fizessem sentir, tambem, neste sucalco da Peninsula Ibérica, onde as maiorias, hoje, como hontem, só dispertam quando o visinho, atento e previdente, já colhe o fruto de suas lides e fadigas.

A Rússia — *primeira obra de Barbusse, vertida em português — é um livro claro e simples e, por isso, de fácil assimilação pela gente de pequena cultura.*

A dentro da directriz que nos imposemos, de servir aos nossos leitores um depoimento consciencioso ácerca dos grandes problemas politicos mundiais — única razão que nos impôs

a publicação da «Rússia» — daremos em seguida à estampa o livro de Romain Roland «Mahatma Gandhy», e o do escritor famoso, que é Luiz Araquistan «A Revolução Mexicana». Em continuação estudaremos, atravez de obras de mérito, a situação na Italia, na Alemanha, nos ultimos tempos da monarquia Espanhola, etc.

Julgamos, assim, satisfazer plenamente a função que nos cabe na obra de difusão e instrução, tão necessária no nosso país e deixar plenamente satisfeitos os nossos leitores. A êstes pedimos que nos dêem todas as sugestões que julgarem uteis e aproveitaveis, pois todas serão recebidas com aquela atenção e carinho que nos merecem aqueles que pensam como nós.

Coimbra, 1-6-31.

O Instituto de Estudos Livres

I

Sintese

A U. R. S. S. é formada por todo o norte da Asia e uma grande parte da Europa, constituindo um bloco, de uma extensão igual à do Império Britanico, antes da sua queda e à do Império de Timour Leng no seu apogeu. E', matematicamente, a sexta parte do mundo.

Atravez da rêde das latitudes horizontais, num scenario de palácios de inverno e de campanários ventrudos, todo um velho bric-à-brac histórico desapareceu para sempre: corôas, tiaras, águias negras, ukases, icones, iconostases de ouro, boyardos, barinas, frades, popes, grão-duques, generais de pelissa, diplomatas de suiças, ricos mercadores repletos de champagne, principes russos, ditadores da moda e das comédias fóra de moda. Boris Goudounov, Ivan o Terrivel, Miguel Strogoff, grandes operas, melodramas. Fuzilaria, bombas. Tremôr de terra. O machado do operário tudo destruiu. Tudo está agora muito longe, num outro andar da história.

Qual é, hoje, o scenario dos campos, das cida-

des? Como sempre, sobre todas as coisas da Rússia, uma marca: a imensidade. Tudo ali é grande: as cousas, as obras, as estradas, os cortêjos e os sonhos. Com estas duas palavras: comprimento, — largura, — dá-se uma vaga ideia da Russia.

Na planicie branca como papel, pequenas isbas, cubos pretos; imensas palissadas minusculas, desenhadas a tinta; arvores raquíticas, vergadas ao peso da neve, estradas sem fim; troïkas (o cavalo do meio trota, os outros dois galopam); por sobre todos os cavalos atrelados, dum extremo ao outro do país, altas coleiras em ogiva, pequenos pórticos ambulantes.

Crianças rosadas pelo frio, homens com botas, bonés e barbas; babas (*) cobertos de desenhos vistosos; raparigas de lenços de côres atados na cabeça e pesadas saias, coloridas como tapêtes (vermelho, amarelo, azul, — canteiros de jardim). A multidão dá, só por si, a ideia duma festa. Bordados infantis e feéricos, cortejos opulentos, luxo de vida. Dansas de figuras graves para os camponêses e soldados, ao som dum harmonium frenético. Menos colorido, no entanto, que nos quadros dos museus e nos brinquedos feitos à navalha e pintados de côres vivas, apesar de as obras dos artistas exprimirem a realidade. Enormes pés sobre a neve, bolas de feltro, grandes botas. As isbas tem à volta das janelas rendas de madeira re-

(*) baba — espécie de pudim com créme, passas de Corinto, cidra, rhum e Kirsch, muito apreciado na Polónia.

cortada e são pintadas de côres vivas. E' assim, desde a Ukrania ao Mar do Norte (a palavra Arkhangel dá a ideia do gêlo, Mourmansk tem forma de nevoeiro) e tambem do outro lado do Ural.

As casas da Ukrania são cobertas dum colmo prateado, semelhante à pelagem do «petit-gris».

Noutras partes são cobertas de tábuas e nos lugares abastados e nas grandes cidades, de folhas de zinco pintadas de castanho avermelhado.

Precisamos de nos servir do scenário giratório para mostrar, rápidamente, as di'erenças que existem conforme a estação ou a região. Porque ha a Rússia de verão e a Rússia de inverno, assim como ha a setentrional e a meridional. Norte-sul, novembro-abril, branco-verde: a Sibéria do sul, e uma grande parte da Sibéria, durante os mêses de sol, é um paraiso terrestre de flôres e de fructos, Califórnia Asiatica. O solo da Ukrania e de todo o centro da Russia é um espesso tapête, formado de quadrados, de retangulos, de tiras de culturas cosidas umas às outras: existe ali um imenso stock continental de terra negra que o inverno branqueia como linho. Atravessando Nijni-Novgorod e durante dois mil e quinhentos quilómetros mais, a planicie liquefaz-se no Volga. A Steppe dos Bachkires é prateada por causa das hervas sacudidas pelo vento: é a imensa região do ar puro, onde o homem, transplantado das cidades, aumenta um pound em trinta dias. A Crimêa pedregosa, de vales fertilissimos, tem palissadas magistraes de ciprestes a desenharem

parques que, assim, lembram cemiterios em festa. (O cipreste é um estrangeiro, mas tomou solidamente posse do solo, de forma que as costas da Crimêa são mais sicilianas que a Sicília). Nas margens do Mar Negro, jardins exoticos, palmeiras peludas como ursos. Algures, em Soukhoum, entra-se na penumbra duma floresta de palmeiras. Caucasianos com turbantes cinzentos e grandes mantos pretos, duros como pedra. Georgianos de fina cabeça coberta com o grande boné de astrakan, o busto elegante, as pernas finas enfiadas em botas, que são verdadeiras meias em couro macio, tendo uma delgada sola. Veem-se estas finas silhuetas, que se desenham, que passam e repassam, nas regiões que o veneravel Caucaso domina com os seus cabelos brancos. Noutros pontos, compridos bonés de pelo, enormes ninhos, brancos ou pretos: cabeças. No Turkmenistan,—camelos, poços, areias, tetos redondos dum branco luminoso, Oriente em grandes doses—, aparecem individuos com pequenas calotes multiculores e compridas levitas.

E' uma grande mistura de nacionalidades, em que as camadas se baralham, entrando umas nas outras: Ousbeks, Mongois, Kalmouks, Kirghizes, Samoyédos, Turcos e todas as outras raças das fronteiras sovieticas (ha sessenta principais). Harmonia Kaleidoscopica das populações, harmonia em dois biliões de hectares. O nacionalismo desapareceu ao contacto do trabalho. Em todos os pontos do continente, taboletas em varias linguas. O

governo de Moscou cultiva as linguas nacionaes. De Leste a Oeste, as velhas linguas sonoras e pitorescas renascem das suas cinzas e comissões de sábios teem criado alfabetos para as que os não tinham ou cuja grafia era demasiadamente complicada. Os novos alfabetos são em caracteres latinos: "Atélégraf», ou então: «Aposta» (escrito assim), é abkhasiano e na montra duma mercearia de Azerbaidjau, «maquaroni», é turco. Toda a doce e engenhosa politica das nacionalidades e das autonomias foi posta à margem. Qualquer dia, como facilidade internacional, será adoptado, para o russo, o alfabeto latino.

Todos os camponeses do globo se assemelham. Ha muitos na Rússia, como aliás nos restantes países, que são os mais atrazados do mundo. Têem medo dos incendios, mas têem, tambêm, medo dos seguros.

Quando uma isba se incendeia, reconstroiem-na mesmo encostada às outras. «Mas, assim, aumentam o risco de incendio?—Isto impede, principalmente, que o visinho lhe deite o fogo, porque se a minha ardesse a dele tambem ardia». No entanto, os servos, definitivamente libertos, seguem com um olhar cada vez mais interessado os resultados positivos da agricultura colectiva e da agricultura de Estado e as vantagens que estes métodos racionais de cultura representam para cada um sobre a pequena exploração privada. Os números estão à vista: os camponeses

russos são misticos, mas misticos do seguro e certo; vão à procura das realidades e os números teem uma eloquencia diabolica. Por toda a parte, arredores grandiosos de cidades: grandiosidade tambem nos campos. Todas as encrusilhadas da Rússia fazem pensar no infinito. Grandes extensões verdejantes, cortadas ao meio por calçadas de pedra ou enormes pistas lamacentas. De cada lado do caminho, donde em onde, em frente umas das outras, casas de madeira. Enormes praças que parecem planícies; à volta, um palácio, algumas construções baixas, muros, uma igreja com os campanarios bojudos pintados de verde ou de azul berrante, com pontas de ouro scintilantes e penduricalhos dourados, suspensos dos braços das cruzes.

Moscou. Kremlin barbaro e magnífico, torres de coberturas verdes e vermelhas, fortaleza cheia de monumentos ao meio da cidade. São-Basilio, fortificada e baixa, com enormes tiras de cores. Tveskaia, Petrovskaia, trasbordando de gente.

Velhos monumentos, opulentos e celebres, utilisados para novos fins e nos quais, destruidas as antigas barreiras, penetra o mar humano. Ao lado, edificios novos: vidro e cimento armado, desde os alicerces até ao cimo; enormes geometrias volumosas cinzento-escuras ou cinzento-claras. Pelas fachadas ou atravessando as ruas, a revolução de Outubro exibe-se aos olhos de todos: bandeiras vermelhas, bandeirolas encarnadas que gritam as palavras de fé que teem escritas, fouce e martelo, estrela sovietica.

Poucos automoveis (na U. R. S. S. existem cincoenta vezes menos automoveis do que em França e mil vezes menos do que nos Estados Unidos). Tramways; um metropolitano em preparação. Fiacres velhos e acanhados: dispõem apenas de lugar e meio; antigos calhambeques com cocheiros paradoxais no trage e nas pretensões. Espalhados pelas praças e pelas esquinas, formigam os vendedores ambulantes com as suas montras portateis, mosaicos multicores de caixas de cigarros, de frutos, de flores, de bonbons ou de cordões para calçado. Pequenos engraxadores, de sentinela nas ruas de maior movimento: constituem um dos pontos de contacto da Rússia de hontem com a de hoje, assim como os apreciadores das sementes de girasol, que, enquanto trabalham ou mesmo enquanto falam, descascam os grãos com os dentes, mastigam a amendoa e cospem fóra a casca. E' o vicio do camponês russo. Quantas vezes não os tenho surpreendido, nas aldeias e nos palcos dos teatros!

A todas as esquinas, altas urnas cilindrincas de ferro, de gargalo estreito e boca afunilada — por toda a parte, para se deitarem os papeis e os detritos: são a pontuação de todas as ruas sovieticas, de todos os jardins e lugares públicos.

Não ha cafés e poucos restaurantes. E nestes: borch carminado, caviar preto ou alaranjado, créme, salmão fumado, esturjão, frangos, frangos e mais frangos, kacha e enormes pepinos mergulhados em

água. Chá em copos; preferem-no assim, apesar-de incomodo — pequena victoria da tradição sobre a lógica.

As cabeças dos transeuntes? Alem dos que vêm duma outra parte da Europa ou duma outra parte do mundo, vêem-se, de vez em quando, alguns tipos característicos do continente sovietico (já os entrevimos algumas linhas atraz). Por exemplo, o rosto oval do Georgiano, formoso como uma miniatura persa, grandes olhos pretos e nariz aquilino; o perfil levantino e magro do Arménio, a face enrugada ou balôfa do Judeu ou a cara quadrada, olhos obliquos e malares salientes do Turaniano. Se fóra dêstes tipos especiais, que vão já rareando, procurar-mos um «tipo russo» não o encontramos. Talvez tivesse havido um certo tipo aristocratico original de que se encontram ainda specimens, sedutores e degenerados, no estrangeiro, onde esperam... sem esperança. Ha tambem restos veneraveis que se deixaram ficar: algum velho burguês, pomposamente fóra de moda, coberto de penachos poeirentos e de veludos coçados, ou algum potentado de outrora, como aquele que, nêste momento, se exibe pelas ruas da cidade de Leninakan, com o seu uniforme antediluviano de general tsarista. O resto é, como a Americana, uma raça nova saída duma grande mistura. Ha menos, do russo, na população sovietica de hoje, do que, do inglês, no povo americano. Vêem-se morenos absolutos e louros integrais, a volumosa cabeça rapada do Alemão, geral-

mente de óculos, a face angulosa do Anglo-saxão, e, tambem, toda a serie de intelectuais género francês, de barbicha, e tipos romanticos, de compridas barbas. E' melhor não falar senão com muita circunspeção do tipo russo e da raça russa, porque, provavelmente, já não existem. Ou melhor, o que existe é uma nova raça, mais ligada por caracteres sociaes do que por particularidades étnicas. E' uma raça proletária e proletarisada, bastante camponesa (todos esses rapazes e raparigas, solidos e rijos, que passam) popular, sã e fresca. E' melhor não lhe dar nome historico ou geográfico: é a raça sovietica.

As cabeças dos homens, mesmo nas cidades, estão desabituadas do chapeu. Vê-se sobretudo a boina e, por vezes, a pequena calote oriental, redonda, estreita e multicor, ligada estreitamente ao alto do craneo (são as duas formas mais usadas de cobrir a cabeça, em todos os pontos do continente sovietico). No inverno toda a espécie de bonés de peles; no verão, geralmente, cabeça descoberta.

Vestuario? A vestia de pano. No geral, o capote militar ou então a túnica-camisa de pano preto ou de pano branco (bordada ou não) com cinto de couro. E para completar o trage, nove vezes em cada dez, na cidade, uma pasta debaixo do braço ou na mão. Metade dos pares de pernas que passam, levam calças e sapatos, a outra metade calções e botas de cano.

Todas estas cabeças, todos êstes troncos e todas

estas pernas, parecem permutaveis entre si. Seja qual fôr a combinação que se fizer das partes superiores com as inferiores de homens, que indiquei, obteremos sempre, aproximadamente, o aspecto de metade — a metade masculina — da população moscovita. A outra metade anda de cabeça descoberta ou com um lenço branco ou de côr ou então com a cabeça apertada no pequeno casco de feltro que, no momento presente, a moda tornou universal, as saias curtas e uma notavel proporção de cabelos cortados.

Quando chove ou neva, vêem-se curtas botas de feltro engrossar cilindricamente as pernas femininas, mas o que se vê mais, em todo o país, são galochas: pequenas barcas duplas, indispensáveis aos peões durante todo o inverno. Deixam-se à porta quando se entra em casa dos outros. Nos vestíbulos das repartições e dos hoteis, vêem-se verdadeiros regimentos de galochas vazias, que esperam, aos pares.

E' sempre mais ou menos o mesmo, o aspecto da multidão que se acotovela em todas as grandes ruas centrais das cidades da U. R. S. S.: Nijni-Novgorod, cortada em toda a extensão por dois enormes rios; Leningrado que vemos atravez duma outra cidade longinqua e enovoada: São-Pertersburgo, Leningrado, magestosa série de monumentos pintados a côres, colunas brancas sobre fundo verde, ocre ou alaranjado, e a fortaleza de Pedro e Paulo, com o seu zimbório saindo da Terra, fino e aguçado como uma

lança; Kharkov onde o colossal edificio dos trusts, constitue, só por si, uma cidade inteira, em comprimento, altura e profundidade, e Kiev, Odessa, Tifilis, Baku e Tachkente.

Nas cidades e até no campo, a maior parte das antigas residencias de ricos são dum máu gosto notavel. São edificios construidos segundo o "estilo moderno" do dealbar do século XX e demonstram perentóriamente que, nessa época, houve no Império dos tsares, uma perigosa vaga de enriquecimento: grades de escadarias e de janelas, cujas silhuetas arrebicadas recordam, aos Parisienses, a arquitetura, humilhante para a gloria nacional, das estações do metropolitano. Estas fachadas de fancaria, que se desfazem, dão a sua nota triste a todas as evocações da Rússia atual.

Nas cidades e nas aldeias, em cada igreja aberta, uma vez por semana, cinco ou seis pessoas que, extasiadas e de olhos fechados, ainda podem imaginar que são numerosas. As igrejas abertas, mais do que as igrejas fechadas, fazem pensar na morte dum culto. Ao domingo entrevê-se uma missa pouco iluminada, discreta e confidencial. Os popes, piolhosos, de comprida cabeleira e barba patriarcal, com o inseparavel chapeu de côco na cabeça, vão rareando nas cidades e principiam a sentir-se cada vêz mais deslocados, no meio dos camponêses, que os não vêem com bons olhos.

Nas regiões onde dantes havia mosteiros (hoje

transformados em sanatorios) vagueiam alguns ex--monges, facilmente reconheciveis pela fisionomia hipócrita, pelas barbas compridas, vegetação vagamente espiritual, por enormes cabeleiras com a ponta mais comprida atada com um fio, e pelos farrapos com que se cobrem, os que não gostam de trabalhar.

Independentemente da acção dos padres e dos monges, algumas seitas evangélicas ou tolstoïanas, injectam na mocidade uma religião de que foram expurgados todos os absurdos que era possivel eliminar à religião sem a eliminar a ela própria; ainda ficaram, porêm, em numero suficiente para que esta religião, parcialmente purificada, caia por si, mais dia menos dia, pela força das circunstancias, diante do povo que já sabe vêr e abre os olhos.

Muitas cousas continuam como dantes, adentro das atuais fronteiras da União Sovietica.

E' claro, as fábricas são sempre fábricas e os campos, campos; e a lingua russa é ainda pouco mais ou menos a mesma (com excepção dalguns aspetos da sua grafía), e pode-se perguntar depois de olhar o passado e o presente: afinal, o que é que está mudado?

A mudança é tão grande que se não pode vêr com os olhos. Entre hontem e hoje, no territorio russo, existe a maior mutação que ainda se realizou no mundo. Tudo está transformado pela base. Do Oceano Glacial até ao Cáspio e ao Mar do Japão, a antiga ordem de coisas está voltada ao contrário. E'

a imensa massa dos trabalhadores, esmagada em todas as outras épocas e em todos os outros países, que veio para cima e dirige a vida.

Todas as empresas, todos os serviços, todas as organisações, teem o seu núcleo comunista—motor e regulador. Uma enorme quantidade de rodagens colétivas, engrenadas umas nas outras, conduz a vida colétiva.

Existe uma célula vermelha em cada escola, em cada estabelecimento ou instituição, em cada club de homens, de mulheres, de rapazes ou de crianças, em cada repartição e em cada aldeia. Por toda a parte se vê o retrato de Lenine em fundo vermelho; a fouce e o martelo, e algumas das frases que, ha doze anos, conduziram à vitória a grande vaga proletaria. Os edificios públicos—fabricas, escolas e repartições—teem as paredes interiores cobertas de impressos: preceitos morais, cursos económicos ou politicos em estilo telegráfico, conselhos médicos, caricaturas relacionadas com as grandes questões da vida. Ha, tambem, afixadas por toda a parte: nas esquinas, nos vãos de escada, nas montras das lojas,—estatísticas que elucidam o povo ácerca da realidade ambiente.

As estatísticas, que são os bocados melhores da eloquencia das coisas, contam o enorme esforço realisado, o equilibrio económico restabelecido, no meio das ruinas, do odio universal e da calunia abominavel, os sacrificios e as realizações na indústria,

na agricultura, na instrução e na sanidade pública; o imenso orçamento de cem biliões equilibrado.

O proletariado, senhor de todos os postos de mando, obtem, mais integralmente que dantes, a síntese do trabalho racional e fá-lo sob a bandeira da cooperação, do coletivismo e, até já, do comunismo.

O caracter russo, apesar das modificações da historia, continua a ser o caracter russo. Uma grande parte dos habitos e dos costumes não se modificou. Os sovieticos não podem dispensar o xadrês, os taboleiros de calcular e gostam, tanto como dantes, da balalaïka, do harmonium e das longas conversas, em que se gasta o tempo, e, como dantes, não são grandes admiradores da pontualidade (as qualidades excepcionais de alguns chefes confirmam a regra).

Mas, cada vez mais se espalha entre eles o sentido e o gosto pelos dados scientificos, a paixão da reconstrução nacional, contra todos os obstáculos e da defeza militar da Revolução. Os estudantes, rapazes e raparigas, quando passeiam juntos discutem ácerca dos numeros de contróle estabelecidos pelo quasi infalivel Plano Oficial de Cinco Anos. . .

A electrificação é na U. R. S. S. uma especie de divindade adorada por todos.

Estima-se o Exercito Vermelho e a Guepeú que defendem o interesse geral das gentes.

Tudo o que é feito por este povo é vivo e

prático. Traça antecipadamente toda a sua vida económica para varios anos.

Procura sempre para a realidade e, no geral, alcança-a.

A sua pintura, tenta alcançar a verdade entre a formula da exactidão do detalhe e as formulas esquematicas que se apoiam no essencial. O seu cinema cria vida em abundancia, a sua nova literatura surge da terra como uma seara.

E' o realismo em acção. Efectua festas espantosas, enormes, com os seus corpos colectivos, e as númerosas fabricas e trabalhos públicos cobrem o seu territorio de pedras novas. (Eclosão semelhante à das igrejas na Idade Media — e isto mostra a diferença definitiva que se observa entre os homens de hoje e os místicos de então).

Impulsionada pela vaga das Juventudes e pelos exercitos de rapazes de lenço vermelho, esta multidão que constitue a nova raça unificada do trabalho, não é sómente a mais inteligente e a mais sã que existe, é tambem a mais feliz. Todos começam a ter a consciencia da sua parte de realização e da dignidade total que incumbe a cada um.

Igualdade no trabalho. A' primeira vista, nada distingue a dona de casa da creada, o ministro do seu secretario, o general do soldado: nem o trage, nem a maneira como se falam. Nunca se viu isto. Esta regra excitante da igualdade eleva a compreensão de todos de maneira que se torna um reforço da

disciplina. O trabalho, quando se compreende a sua missão, torna-se mais efectivo.

Ha, por vezes, faltas, desfalecimentos e até bastantes pontos fracos.

Haverá lutas, batalhas, sofrimentos — mas a patria racional do trabalho tem de continuar a existir, agora que principiou. E não pode deixar de continuar a brilhar e a chamar a si os homens.

II

Impressões de Congresso

Entre as minhas impressões sobre êste VI Congresso Internacional, que tanto deu que falar de si, a mais profunda foi a que me causou a sessão de abertura. Pareceu-me belo, no mais vasto sentido creador do termo. Raramente me tem sido dado assistir a um início tão impressionante e tão grandioso.

Era, como toda a gente sabe, na grande sala da Casa dos Sindicatos de Moscou, ex-sala de espetáculos, dum ex-club aristocrático. A sala de espetáculos serve agora para as reuniões solénes da Revolução: o teatro transformou-se em templo. No scenário dessa tarde, a ornamentação era duma explendida simplicidade. Em toda a volta da sala, colunas brancas, esguias, lisas, brilhantes. Entre as colunas, de alto a baixo, tapeçarias vermelhas. Portanto, grandes linhas maciças, vermelhas e brancas, verticaes. Por sobre as colunas, o teto branco, ornado com relevos, sobriamente. Entre os capiteis das colunás, ao

longo dos quatro lados da sala, uma série de lustres, constelações organisadas. Por cima, em grandes linhas horizontais, branco sobre vermelho, as indicações, os gritos de união, os chamamentos universais da Revolução ás massas, — e isto assemelha-se materialmente ás inscrições gigantescas, sobre fundos de côres, que dominam a multidão infinitesimal, sob a imensa cúpula de Santa Sofia de Constantinópola, essa montanha ôca.

Mas não é tudo. Na sala ha uma complicada maquinaria. Distinguem-se os grandes craneos metálicos dos projectores, com as suas longas pernas esqueléticas e a sua enorme máscara de rêde, que não é senão uma retina estriada, ora obscura, ora chamejante. São vários, instalados no palco, que é o estrado da presidencia e dos oradores, ou deante dele. As pequenas caixas pretas dos microfones estão colocadas diante dos lugares dos oradores. Todos êstes aparelhos são ligados ás fontes de energia, por fios e cabos condutores, alguns dos quais atravessam o espaço, serpenteando os outros pelo chão, como as cordagens nos tombadilhos dos navios. Veêm-se, tambem, os receptores duplos, que os congressistas, sentados nos fauteuils de orquestra, colocam à volta da cabeça. Desenha-se, por esta maneira, uma silhueta de fabrica no antigo teatro, ou, melhor, parece que vai representar-se um drama scientífico neste templo, com a insígnia do martelo e da fouce, sobre o tecido da bandeira vermelha.

Está aberta a sessão. Nos assentos da sala estão colocados, em filas simétricas e silenciosas, arrumados como numa caixa, os que vão ouvir e discutir durante um mês. Diante dêles levanta-se o palco e, ao meio desse grande estrado, a tribuna. De cada lado da tribuna, mesas. Por cima, em dois planos sobrepostos, um maciço compacto e geometrico de hortensias, em toda a largura da sala, depois uma mesa, coberta de pano vermelho, que ocupa igualmente todo o diâmetro do palco. Detraz dessa comprida mesa, uma fila de fauteuils vasios, excepto o do centro em que se destaca um homem de pé, que principia a falar, no meio de profundo silencio.

Pouca luz: os grandes lustres pendentes em toda a volta da sala, só se iluminam a si próprios. Esse homem, que a custo se apercebe e de quem se ouve a voz, tão pequeno na grandiosidade decorativa da sala, aparece à frente da assembleia, como se fôsse a sua cabeça e a sua imagem. E' Boukharine, presidente da Internacional Comunista.

Evoca-se, partindo dêle, uma hierarquia organisada de inumeros prolongamentos internacionaes: as secções principais, de que, cada grupo de assistentes, representa, por sua vez, as cabeças e todo um sistema de rodagens e de homens, que mergulha nas massas profundas do mapa-mundi.

Não é simbolismo literário, mas uma visão directa, nítida, nêste scenario branco e vermelho, das

linhas lógicas da arquitetura social e do coração vermelho da terra.

Num dado momento o orador presta homenagem aos mortos: ás victimas da Revolução mundial em marcha, e toda a assistencia se levanta. Pára de falar. Ouve-se música, um hino magnifico, calmo, sagrado. Depois a música extingue-se e Boukharine recomeça o discurso.

Tudo isto é duma simplicidade imensa, e, se assim se pode dizer, temivel. Sente-se que toda esta solenidade, a que estamos assistindo, repousa, sobre uma força da natureza: a que estremece em carne e ossos; e distinguem-se todas as raizes que ela tem fora desta sala. Só neste momento compreendi bem o sentido da frase de Lounatcharsky: as festas soviéticas esforçam-se por serem a reprodução ideal da sociedade.

Os delegados ouvem o discurso de Boukarine, cada um na sua propria lingua, à medida que vai sendo pronunciado, uns diretamente em russo, os outros, que tem um receptor duplo à volta da cabeça, na de cada um: inglês, francês ou alemão. Com efeito, cada um deles meteu no lugar próprio a ficha que, na sua frente, está ligada ao seu receptor e ouve a voz de um dos tradutores, dissimulados à volta da tribuna, que vão traduzindo o discurso diante dos microfones à medida que vai sendo pronunciado. (E' a primeira vez que êste processo é usado com sucesso num Congresso Internacional).

Depois o tohu-bohu da eleição da mesa — umas três dezenas de individuos que sobem para o palco e cujas cabeças povoam a parte mais elevada. (Veem-se mal, porque, como já disse, ha pouca luz). Alguns delegados se sucedem na tribuna. São os mais trágicos, os que representam o proletariado mais ensanguentado pela luta revolucionária e pela perseguição: o italiano, o balkânico e, por fim, o chinês. O delegado chinês debate-se na tribuna. O seu discurso assemelha-se a uma série de clamores. E para o fim da sua arenga, quando lança gritos de socorro, anátemas e juramentos revolucionários, os outros delegados chinêses, que estão na sala (uma dezena: operários, estudantes, raparigas), poem-se de pé, levantam a mão direita, e essas finas e diabólicas silhuetas gritam em côro com o seu representante. E' um espetáculo pungente, comovedor, que nos faz sentir, por entre a série de gritos, a dôr e a cólera do inumeravel proletariado, que, nêste momento, é dizimado na extrema Asia.

A grande cerimónia verdadeira — verdadeira até ás entranhas — retoma o seu andamento com o discurso dum soldado. Um simples soldado, de pé, na tribuna, precisamente ao meio. De cada lado do orador, à laia de Estado-Maior, dois soldaditos semelhantes. Diz que não é soldado russo, mas soldado do proletariado universal.

Em seguida, operários soviéticos, (algumas indústrias e diversas regiões) sucedem-se aos grupos de

três e de quatro: o do meio, que fala, os outros, à volta, pensando o que o camarada diz. Por vezes, apresentam num quadro peças de máquinas, produtos do seu trabalho. Explicam o que fazem. Descrevem o espírito e a alegria do seu esforço, que em lugar de ser arrancado à força ao operário e recair sobre êle, é feito, agora, tanto por êle como para êle.

Depois, vem um representante das populações não russas da União, um Ousbeck, magro e feroz, com o boné chato e a comprida bluza azul: a sua república é situada no oriente Asiático, por baixo da Sibéria, nos confins da China e da India. Grita desesperadamente, na sua lingua gutural, a sua fidelidade e o seu amor pelos Sovietes, que fizeram desenvolver essa população, lhe deram força e, nobremente, a introduziram na civilização socialista.

Na penumbra que enche a sala do Congresso as iluminações explodem: rajadas de luz, machadadas luminosas, saiem dos projectores: o conjunto fica dividido em zonas, em sectores claros e escuros. Bruscamente, não se vê senão a grande mesa vermelha, por cima das hortências, uma fila de cabeças, um canto da sala ou um pedaço do formigueiro da assistencia. Ou então, o obus luminoso bombardeia um orador, toca de luz alguem, que scintila como um astro na sala cheia de gente: a blusa russa e a cabeça loira e juvenil de Boukharine, ou Clara Zetkin, aureolada de cabelos brancos, ou a máscara sulcada de rugas de Katayama, algum perfil fino de Indiano,

ou a cabeça angulosa de Thallemann. Os lustres e as lâmpadas elétricas amarelecem ao contacto da luz intensa dos projectores.

No desenrolar dêste primeiro acto do Congresso, que é um acto de exposição, e que traduz tão fortemente as dimensões e a multiplicidade do movimento ameaçador que agita todo o mundo, depois dêste desfile de homens que veem mostrar o presente e o futuro, Marcel Cachin, em nome da mêsa, saúda e resume esta acção liminar em algumas frases sonoras, que martela na tríbuna como um ferreiro.

E é uma exaltação justa e precisa que nos enche o coração, a nós, os dedicados à causa.

Ha, por vezes, neste grandioso espectáculo, como nas grandes obras e como na vida, a nota cómica. E' dada pela gesticulação dos fotógrafos no meio do Congresso. Tirar fotografias no Congresso é um sport. Os fotógrafos evoluem à volta da tribuna, na borda do estrado. Serpenteiam, dão voltas rápidas, manejam a máquina com veemencia e precisão, de forma a aproveitar as zonas iluminadas pelos projectores em continuo movimento, ou então, tendo as suas caixas mágicas penduradas ao pescoço por uma correia, curvam-se para a frente e para traz, prontos a aproveitarem o momento oportuno. «São pândegos; não se pode empregar outra palavra», diz-me o jovem Liebknecht, que está ao meu lado neste momento.

A' margem do Congresso, movimentam a sua

grande vida, como úteis e honestos comparsas e dão animação, praticamente, a esta assembleia mais solene que as outras, porque vem em seguida às outras, por cima das outras, para fazer avançar um passo a organisação da ordem revolucionária, contra a desordem burguêsa, contra a guerra imperialista.

III

O drama da terra e do trigo na União Soviética

Se a questão agrária se põe hoje, quasi por toda a parte, com as suas terriveis exigências, e se torna um dos problemas mais grandiosos do tempo presente, quere dizer do futuro (o futuro não é senão o presente em acção)—toma na União Soviética, no Estado Operário e Camponez, uma importância excepcional, que se pode qualificar de vital.

O principio fundamental da revolução russa é a transformação metódica das velhas relações sociais e a mudança das bases da sociedade, em proveito das classes trabalhadoras. A revolução de Outubro de 1917 instituiu, sobre um território de dois biliões de hectares, povoado por 149 milhões de habitantes—a decima parte da humanidade—uma republica proletária que deve integralmente conduzir a uma comunidade organizada de trabalhadores das cidades e dos campos. A participação das massas no poder, por uma administração tão directa como matemática-

mente possivel de realizar, e a fusão da soberania política com a direcção económica, exigem, como condição, o monopolio das matérias primas e dos meios de produção, a centralização de esta e de todos os meios económicos. Este mecanismo supõe, pois, como base, a anulação da propriedade privada.

Um tal programa não foi, até agora, senão parcialmente realizado. Uma certa margem teve de ser deixada, provisóriamente, à iniciativa e à propriedade individuais, quando depois da guerra de 1914, e da guerra civil, a revolução assentou definitivamente a sua autoridade sôbre as ruinas do ex-imperio dos tsars, e empreendeu a sua obra positiva: a reconstrução económica. Por esta época — em 1921 — a situação era «catastrófica»: a maquina económica destruida ou desarranjada, os transportes quasi parados, a industria reduzida dolorosamente à quinta parte do seu rendimento de antes da guerra, etc....

A obra de reconstrução, empreendida desta maneira, sôbre os escombros, os desertos e os campos de batalha, desenvolveu-se até atingir e ultrapassar, no ano de 1927, o nivel das cifras de antes da guerra, de 12 % para a industria, e de 8 % para a agricultura.

Esta edificação económica foi realizada, em grande parte, segundo os principios socialistas da revolução de Outubro. A indústria socialista entra na cifra da produção industrial soviética por 77,1 % (industria do Estado), e 8,8 % (cooperativas). O

sector industrial privado representa, pois, 14,1 %. Para o comercio: sector socialista, 81,9 %, sector capitalista, 18,1 %. Para a agricultura: sector socialista, 2,7 %, sector privado, 97,3 %.

Como se vê, a nacionalização socialista não se efectua nas mesmas proporções nas três grandes vias económicas paralelas: industria, comercio e agricultura, e no que diz respeito à economia agrícola, a participação do mecanismo colectivista é extremamente restricta em relação ao conjunto. A terra foi distribuida aos camponezes em minimas parcelas individuais. As pequenas explorações privadas multiplicaram-se consideravelmente (16 milhões antes da guerra, 25 milhões hoje).

O poder dos Soviétes esforçou-se por colocar a agricultura em economia socialista, por duas vias distintas: a exploração colectiva, confiada às chamadas colectividades rurais, (Kolkhoz). Este sistema é como um meio termo entre a exploração individual e a exploração do Estado. Os Kolkhoz administram a propriedade privada, mas fazem-no pelo esforço coordenado dum grande conjunto de proprietários. São as cooperativas de produção, e, segundo a expressão de Staline, «cooperativas de produção extremamente acentuada», que se baseiam sôbre as cooperativas de venda e de consumo e teem ligações com o Estado. Lado a lado desta exploração colectiva, organisou-se numa pequena medida, a exploração agrícola do Estado.

Em 1913, havia no Império russo três categorias de detentores da terra: 1.º os grandes proprietários prediais; 2.º os kulaks ou camponezes ricos; 3.º os biadnaks e seredniaks ou camponezes pobres e remediados.

Para não nos importarmos senão com a cultura mais considerável, a do trigo, diremos que, sôbre os cinco biliões de pouds (1) que representava a colheita do trigo russo, a primeira categoria fornecia 600 milhões de pouds, a segunda um bilião e novecentos milhões e a terceira dois biliões e 500 milhões.

Hoje, os lavradores ricos, quere dizer os grandes proprietários, desapareceram, e encontramos as três categorias seguintes: 1.º economias colectivas e do Estado (80 milhões de pouds de trigo); 2.º os kulaks (617 milhões de pouds); 3.º os camponezes pobres e remediados (4 biliões e 52 milhões). O conjunto da produção actual do trigo dá 4 biliões e 749 milhões, (aproximadamente a mesma cifra de antes da guerra).

Esta repartição das diferentes fórmulas do trabalho agrícola preocupa vivamente o governo. Constitue uma anomalia de grande importância no conjunto da economia, quasi totalmente socializada, além de que, apresenta múltiplos inconvenientes sob o ponto de vista do rendimento actual e do desenvolvimento futuro da agricultura na U. R. S. S. A exploração privada, dividida por mínimas parcelas, só dá

(1) O poud corresponde a 16 ou 17 quilos.

um resultado atrofiado, pela continua impossibilidade em que se encontram os pequenos agricultores de empregar meios de cultura aperfeiçoados, e de mecanisar o seu trabalho. Daqui resulta que cada exploração assim defraudada se encerra, a pouco e pouco, numa produção que a custo chega para as suas necessidades. O ritmo do crescimento da produção, tão sensivel nos outros ramos da economia soviética, encontra-se, de facto, num estado de estagnação relativa, no dominio agricola.

Em 1928, a U. R. S. S. sofreu uma crise de trigo bastante grave. O stock destinado ao abastecimento nacional foi insuficiente. Isto influiu muito no preço e na qualidade do pão. Atribue-se esta penúria ao crescimento, muito rapido, da actividade industrial e urbana, cujas necessidades e procuras aumentaram, êstes ultimos ános, muito mais rapidamente do que aumentou a produção agrícola. E' preciso entrar em linha de conta com o facto de outras culturas terem sido intensificadas em prejuizo da do trigo. Tambem se deve notar que o consumo rural é muito mais abundante que outrora; o camponez come mais e melhor que na epoca imperial. De resto, a prova que a crise não provem duma diminuição de produção vê-se no facto de, no 1.º de Abril desse ano de 1928, o trigo armazenado na U. R. S. S. para o consumo nacional atingir 549 milhões de pouds, ou sejam 100 milhões mais que no ano de 1927, e dois milhões mais que em 1926, em que não houve crise.

Um outro aspecto muito grave da situação, é a insuficiência do trigo destinado ao comercio exterior. E' de toda a importância para a U. R. S. S., apresentar cereais no mercado estrangeiro. Grandes dificuldades se apresentaram no decorrer da edificação economica do Estado Operario, pela contínua falta de cereais. Daqui resultam desacordos entre a classe operária e a camponeza, desacordos que não cessaram completamente quando ao regimen das requisições se sucedeu, em 1921, o imposto em géneros. De resto êste estado de coisas interditava a U. R. S. S. de participar, como lhe convinha, em transações com o estrangeiro. Outrora a grande propriedade fornecia 281.600.000 pouds de trigo para a venda no estrangeiro. Os Kulaks alimentavam o mercado exterior com 650.600.000 pouds, e os camponezes pobres, com 369 milhões. Total: 1 bilião e 300 milhões de pouds. Hoje a massa enorme dos camponezes pobres e remediados não lança ao mercado senão 466 milhões de pouds. Os Kulaks, cuja produção foi reduzida ao terço, não participam senão com 126 milhões de pouds, e as ecónomias soviéticas e colectivas com 38 milhões. A cifra total de produção é, pois, duas vezes menor que a de antes-guerra.

O Comissariado da Agricultura e o governo da União julgam indispensavel atingir uma reserva pelo menos de 100 milhões de pouds, fornecida inteiramente pelas economias colectivas e colectivistas. Esta reserva é o minimo necessário para restabelecer a situa-

ção comercial sobre bases equilibradas, e evitar as manobras da espéculação.

A solução do problema concreto que se põe, é fazer passar as pequenas explorações individuaes, de terceira categoria, à primeira categoria: kolkhoz's e explorações do Estado. «O exito está primeiramente na passagem da pequena economia rural retardatária fracionada, para a grande economia colectiva unificada, provida de máquinas, abastecida das conquistas da sciência, e capaz de lançar o máximo de trigo no mercado». E' preciso refazer a grande agricultura com a pequena.

Depois do que fica dito, esta transformação apresenta-se sob dois aspectos: aumento das colectividades rurais e da cultura do Estado.

Durante muito tempo, os camponezes mostraram-se pertinazmente scepticos e desconfiados, na sua generalidade, em face do regimen da cultura colectiva. Julgavam ver nela uma manobra política. Mas o camponez russo que tem um grande fundo de realismo — não obstante uma legenda que o faz um iluminado, quando êle não é senão um caloroso e pertinaz caçador da verdade e da realidade, cuja estrutura é extremamente lógica e muito acessivel aos resultados obtidos e às lições de coisas — foi bem depressa obrigado a constatar que a exploração em conjunto é mais vantajosa para aqueles que nela tomam parte, que um grupo de explorações individuais duma extensão equivalente. Colocado deante dos factos

cede perante a evidencia. Reencontrou em si, ou melhor, fabricou de novo esse instinto da comunidade que outrora o tinha orientado para o mir. Foi sobretudo, o interesse bem compreendido que o levou a reconhecer que um só, não pode fazer tanto trabalho, nem tão bom, como apoiando-se sobre outrem, para a divisão do trabalho.

A possibilidade de utilisar máquinas e de aplicar métodos aperfeiçoados, se a exploração agricola tem uma certa extensão, aumenta consideravelmente a produtividade da terra. Nas «comunas» da Ukrânia o trabalho colectivo faz produzir 90 a 117 pouds de trigo por deciatine, contra 25 a 90 nas explorações individuáis, e isto é sabido e visto por todos.

Do mesmo modo, graças aos meios que o trabalho em comum permite pôr em obra, uma deciatine é semeada em duas vezes menos de tempo, que quando o proprietário explóra só, egoistamente, a parte de terra que lhe pertence. Lénine teve razão em dizer que o que leva o camponez para o socialismo, não é a fé, nem o amor da justiça, mas o belo e bom proveito, porque compreende a superioridade positiva do trabalho de conjunto. Esta noção substitui-se, em muitos cerebros de camponezes, à alegria infantil de possuir cada um exclusivamente o seu pedaço de terra, o que, debaixo da escravidão tsarista, parecia ao pobre «mujik» o ideal supremo.

Por esta razão, um grande impulso se notou, durante êstes ultimos anos, para a cultura em comum.

Pode-se dizer que êste regime será, dentro em pouco, adoptado nos campos da U. R. S. S., e que os seus progressos serão, sem duvida, rápidos. O XV.º Congresso do Partido Comunista Russo constatou a existência de todas as condições necessárias para um movimento colectivo das massas, em relação à agricultura. Medidas importantes fôram tomadas, recentemente, no Congresso das economias colectivas pan-soviéticas: decidiu-se a criação dum fundo indivisivel, e a limitação do direito de propriedade de cada um dos membros dos kholkoz, afim de garantir a solidez e duração destas emprezas.

Enfim, o governo consagrou, este ano, para subvencionar estas explorações, o dôbro do capital gasto no ano anterior ou sejam 60 milhões de rublos (780 milhões de francos). Tenciona reformar as antigas organisações e crear outras novas, de tal maneira que a produção actual das economias colectivas, que é de 55 milhões de pouds, seja dentro em pouco dobrada, e que a percentagem do trigo destinada, nestas economias, ao comércio exterior (actualmente 30 %) seja aumentada.

*

* *

Quanto à outra categoria de explorações, destinadas a incorporar a agricultura nacional no sector socialista—as explorações do Estado—o governo deci-

diu dar-lhe uma enorme extensão, e está-se hoje executando um plano magistral.

Esta vasta iniciativa foi exposta, ha algum tempo, em notáveis discursos de Staline, de Rykov, e de Kalinine no Congresso pan-Soviético dos Kholkoz. O fim é, já o disse, constituir uma reserva de trigo que não pode ser anualmente inferior a cem milhões de pouds. Na posse dêste stock suplementar, que lhe permitirá libertar-se das manobras da espéculação, e impedir as fraudes, o governo do Estado Obreiro e Camponez poderá abordar o mercado estrangeiro, e reconstituir uma exportação de trigo que não é presentemente senão metade da sua cifra de antes-guerra.

O Comissário da Agricultura da U. R. S. S. faz-nos saber, numa exposição, que a nova rêde de economias rurais projectada, e já empreendida, será estabelecida sobre terrenos pertencentes ao Estado, e actualmente livres, de maneira que de nenhum modo os interesses dos camponezes possam ser postos em causa, (ou pelo menos o que certos dentre eles podem julgar ser seus interesses, pois muitos reclamam hoje a criação de emprezas comuns). As novas economias rurais ocuparão 4 milhões de hectares. A superficie de cada uma delas não será inferior a 30.000 hectares. As cifras seguintes dão uma ideia da envergadura da empreza agrícola em que se lança o poder soviético: será preciso um capital de 335 milhões de rublos (4.355 milhões de francos). Este

capital, equivalente ao que foi dado para a construção da grande estação eléctrica do Dniéprostroi, deve ser considerado como um calculo minimo. O Comissário da Agricultura Koubiak julga que a despeza atingirá 600 milhões de rublos, durante quatro anos, e que «isto é absolutamente necessário, se quizermos mudar as condições e a prática da edificação socialista, existente já na frente económica». Koubiak acrescenta: «O pais pode dar uma tal sôma». Notemos que êste ano o governo gastou, nas economias rurais do Estado, somas consideraveis.

A organização desta formidavel empreza exige 10.000 tractores, 20.000 charruas e cavalos, 10.000 semeadores, 10.000 ceifeiras, 18.000 semeadores e ceifeiras a cavalo, e 40.000 carros para transportes. E' necessário mobilisar mais de 1.000 técnicos.

Compreendem-se as dificuldades que apresenta para a U. R. S. S. a realisação de semelhante plano, que englobará territórios duma extensão de 30.000 a 50.000 hectares, quer dizer, aldeias e distritos inteiros. Não existe precedente duma organisação agrícola desta envergadura excepto em certos trabalhos americanos de desmontagem e sementeira. Os métodos americanos serão, de resto, aproveitados pelo Comissariado da Agricultura soviética, que pretende agir rapidamente, mas também com muita prudência, no que diz respeito especialmente á escolha de maquinas agrícolas, que podem dar lugar a dissabores, se

não fôrem adaptadas, com precisão, às condições do solo.

Quanto às construções, tais como os alpendres ou granjas, para a armazenagem do grão, podem evitar-se se se aplicar o sistema americano: transporte imediato da colheita, do campo para a estação.

A obra projectada e posta em execução não está ainda fixada em todos os seus detalhes, e isto voluntáriamente, para dar um certo logar às modificações e às iniciativas novas, que o trabalho prático sem duvida impõe. O plano desenvolve-se na acção, segundo a fórmula, ao mesmo tempo prática e revolucionária, dos realizadores soviéticos.

IV

O homem mais velho do mundo

Tem cento e quarenta anos — mais, talvez. Vi-o a semana passada. Vive em Lati, aldeia da pequena república da Abkasia, em pleno Cáucaso, a sessenta verstas das margens do Mar Negro.

Em Soukhoum fala-se bastante dêste prodigioso ante-passado. Foi Tchamba, presidente do Comité Executivo Central da Rèpública, o primeiro que me falou na sua existência. Cento e quarenta anos! Extraordinário record mundial. Se os centenários são raros, raros são entre êles os que ultrapassam os cento e cinco e atingem cento e dez anos (e esta ultima idade não se constata senão em certas regiões da Bulgária e do Cáucaso). Salvo talvez o caso dum certo camponez da Inglaterra chamado Thomaz Parr, que viveu, creio eu, no seculo XVI, parece que não tinha sido nunca transgredida a lei, que o deus de Israel, aborrecido de discutir infinitamente com os homens, estabeleceu, como nos assegura a Biblia, renunciando fabricar tipos do genero de Noé e de Mathusalem, a

dando às criaturas humanas, como extremo limite de existência, «cento e vinte anos».

Mas, como eu ia dizendo, em certas populações caucasianas abundam os centenários. Na Abkhasia viam-se muitas vezes homens ou mulheres de oitenta, cem, cento e cinco anos e mais, e não é raro encontrar uma creatura completamente encanecida e curvada que, apontando-nos alguem, diz: «Eis meu pai».

E é por isso que os Abkhasianos não se admiram tanto como nós desta idade desmedida: cento e quarenta anos. Entretanto consideram Nicolas Andréiévitch Chapkovski como o mais velho entre os mais velhos, e colocam-no sem contestação, sózinho, no alto da escala das idades.

Quiz vê-lo, e pedi ao governo da Abkhasia para me auxiliar, pois não é pequena tarefa chegar até êle. O camarada Guéguélia, um velho de respeitavel barba branca (ao lado dêle, tinha um rapazito de nove anos, seu filho) disse-me: «De bom grado o farei vir de Soukhoum aqui, mas corre o risco de chegar morto. O caminho é longo e assaz perigoso».

Assegurei-lhe que desejava fazer eu próprio a viagem — e êle instalou então no gabinete do presidente da Rèpública, que ocupava interinamente como vice-presidente do Comité Central, um verdadeiro conselho de guerra para organisar esta viagem. Convocou funcionários e técnicos. Estes faziam tregeitos, porque a primeira parte da viagem, de Soukhoum a Tsebelda, trinta quilometros de montanha, não era

muito comoda, depois das chuvadas dos ultimos dias e a segunda parte, de Tsebelda a Lati, ainda menos. Uns aconselhavam a consultar, antes de empreender fosse o que fosse, os metereologistas de Soukhoum, porque uma tempestade que se desencadeasse durante a viagem prejudicaria imenso a sua segurança. Outros ainda propunham esperar uma série de dias bonitos. Segundo a opinião geral o percurso até Tsebelda não se poderia fazer num automovel grande, que não teria espaço para dar as curvas nas cornijas, mas aconselhavam antes um phaeton puchado por dois cavalos ou um pequeno automóvel Ford. Foi esta ultima solução (assim como a da partida imediata), que se adoptou.

Quanto ao trajecto, igualmente de trinta quilometros, de Tsebelda a Lati, não se podia fazer senão a cavalo. Arranjar-nos-hiam os animais, para mim e para os meus companheiros e fornecer-nos-hiam uma escolta de cavalaria.

A caminho! No outro dia de manhã apeamo-nos em Tsebelda onde deixamos o automóvel e subimos para as celas caucasianas dos cavalos de montanha, de olhar muito dôce, compridas crinas e caudas em forma de penacho. Dois explêndidos cavaleiros abriam o cortejo, Khadjirat Dakhirovitch Djikirba e Pilia, o chefe e o sub-chefe da milícia da Abekhasia, altos e sólidos militares de grandes capotes beige claro, bonés passe-montanha verde escuros, que lembram capacetes moles, com a estrela

azul soviética bordada e com botas caucasianas em pele de cabra, finas como luvas. Um miliciano, Belkania, Migreliano de olhos, sobrancelhas e cabelo pretos, casacão negro, boné branco com a pala vermelha, de mosquete e chicote, fechava a marcha. Bem depressa, nas gargantas, as ferraduras dos cavalos soaram na rocha viva. E' às vezes bastante desagradavel esta procissão, em fila indiana, por esses caminhos estreitos, suspensos sobre o abismo, em pedra maciça, muito lisa, em que as ferraduras escorregam e onde os cavalos não conseguem equilibrar-se senão por terem quatro patas. No sítio chamado Bogadskaia skala, existe uma muralha a pique por tal forma perpendicular, de tal maneira lisa e vertical que parece cortada artificialmente em centenas de metros de profundidade.

A meia altura, em todo o comprimento, durante quilómetro e meio, o caminho é uma estreita cornija, tendo aproximadamente dois metros de largura. Quando a gente principia a andar nela não se apercebe logo do abismo vertiginoso sobre que se caminha e ouve-se, sem ver, rugir, no fundo, o Kador torrencial. Mas quando, depois de ter dobrado uma curva, a gente se volta, sente-se uma certa aspiração de vertigem tomar-nos retrospectivamente, só com a ideia de que se acaba de percorrer essa fina saliência em que os cavaleiros aparecem como pequenos flocos ténues, com minusculas patas de insectos, encostados à gigantesca muralha e sente-se frio na espinha só de

pensar que é preciso percorrê-la de novo ao voltar para trás. Depois o caminho à borda do abismo torna-se mais fácil. Por fim serpenteia, em plano, nas visinhanças duma aldeia e torna-se horrivelmente lamacento e pedregoso.

Ao cair da tarde chegamos a Lati, onde temos de passar a noite. Só amanhã iremos ver o velhote que mora nas visinhanças: presentemente é muito tarde. Eis-nos no pateo, depois de retirada a cancela de tábuas e, em seguida, no longo peristilo de uma casa de madeira, que a custo se apercebe.

Os habitantes de Lati são patriarcais e hospitaleiros como nos velhos tempos. Os desta casa estão reunidos à volta do lume, que arde no chão de terra batida da grande sala comum (não ha chaminé: o fumo vai enegrecer, lá em cima, os barrotes do telhado). Nenhum outro móvel, alem dum armário e de alguns bancos e ao mesmo tempo que à familia, esta verdadeira sala comum dá asilo a galinhas, a gatos e a um bode preso à parede (a parede desta parte da casa é encanastrada e vista de fora, assemelha-se à um enorme cesto quadrado). E' a verdadeira lareira, o sakla, e muitos camponezes abkhasianos enriquecidos, não querem ouvir falar doutra forma de aquecimento, teem necessidade — disse-nos um deles entusiasticamente — que o fumo do sakla lhes queime os olhos até à hora da morte.

... Não foi nessa sala que nos receberam mas num pequeno quarto de paredes de pedra, caiado,

com um fogão e decorado, bastante inesperadamente, com uma velha taboleta de armazem, em caracteres georgianos. Uma grande parte do compartimento está ocupada por uma enorme pilha de colchões e mantas, destinados aos hospedes.

Nesta casa, pertencente a camponezes abastados, (categoria dos seredniaks) predominam os costumes e os hábitos antigos. Perguntamos o nome exato do velhote, mas perguntamo-lo a uma mulher e não é decente que uma mulher pronuncie, diante de estranhos, o nome de um homem que não seja seu marido, por isso a nossa interlocutora, apesar de ter mais de noventa anos, não nos respondeu. Tambem não obtivemos resposta quando perguntamos a uma mulher quantos filhos tinha: não é uma pergunta decente para um homem fazer a uma mulher. Conseguimos, no entanto, agindo com habilidade, chegar a conhecer, principalmente por intermédio da nossa hospedeira nonagenária, uma quantidade notavel de detalhes acerca do super-centenário. Ela é sobrinha do velho, tendo casado com o filho do seu irmão. E' fina como um desenho feito por um artista delicado, o rosto cavado de rugas, os olhos brilhantes na face comprida e os gestos duma grande viveza. Apareceu-nos primeiro em trage de camponeza, depois tornou a vir-nos falar vestida de aparato: veu escuro na cabeça, capa de peluche (um pouco menos velha do que ela) e sapatos. Chama-se Aroumsouda Chapkovski. Conta-nos que Nicolas Chapkovski é de

origem polaca: o seu pai, André, emigrou da Polónia para o Cáucaso. Afirma que o seu tio Nicolau, já de idade veneranda quando ela era criança, tem hoje não cento e quarenta, mas, exactamente, cento e quarenta e seis anos.

A refeição. Comêmos frango — cada um um pedaço espetado na ponta do garfo — e tambem uma espécie de massa de farinha de milho, crua, de que temos uma bola na nossa frente e de que se tiram bocados para comer, depois de amassados nos dedos e embebidos em oleo de nózes — em seguida compota de frutas e mel. Todas as mulheres da casa, sem excepção, desde as mais velhas até às pequenas Zunia e Aéda, assistem de pé, em fila, por detraz de nós, ao grande rito da nutrição, atentas, a servirem-nos a água fresca.

No outro dia de manhã, como se diz no cinema, depois dos nossos cavalos patinharem durante algum tempo por caminhos transformados em lamaçais, chegámos a um vasto cercado cheio de herva, com uma casa de madeira ao meio. Apesar de cair uma chuva fina, várias pessôas estavam no prado, e, entre elas, um homem de barba branca, com um pequeno chapeu de feltro preto, coberto com um bachlik (turbante cáucasiano de lã tingida) não enrolado, mas pendente, em forma de capuz (o chapéu de feltro e o bachlik são tradicionais entre os camponêses abkhasianos e georgianos). Andava, com bastante facilidade, encostado a uma bengala.

Era ele.

Sem dúvida, aos nossos olhos, já não é uma glória sêr muito idoso e não é caso para conceder um caracter sagrado ao equilíbrio e à solidez dum organismo — mas não deixa de sêr impressionante encontrar-se a gente na presença do que, sem dúvida, é o homem mais velho do mundo e, mais ainda, que constitue, na espécie humana, entre os cem biliões de indivíduos que tem pisado o globo desde o começo da nossa éra, um caso excepcional, quasi fabuloso.

Se Aroumsouda diz a verdade, Nicolas Chapkovski nasceu em 1782, no reinado de Catarina, a Grande, sete anos antes da Revolução Francêsa. Se tivesse vivido em França, teria visto Luis XVI e Maria Antonieta, Danton e Robespierre. Nasceu antes de Lamartine, de Balzac e de Lord Byron. Tinha vinte anos quando nasceu Vitor Hugo e quarenta e seis quando nasceu Tolstoï. Êste miraculoso sobrevivente tinha mais catorze anos do que Nicolau I. Tinha dezanove anos quando Alexandre I subiu ao trono dos Tsares e vinte e dois quando Napoleão I se fez proclamar imperador... E se se quizer continuar êste jôgo patético de evocações, podemos chegar à conclusão de que, rigorosamente, o seu pai poderia ter conhecido o tsar Pedro o Grande.

Cumprimentou-nos, inclinando-se, com a mão sobre o coração. Apresentou-nos sua mulher e os seus filhos. Convidou-nos a subir para o pequeno terraço da sua casinha de madeira. Foi aí que nos

instalámos. Tinha à sua volta toda a espécie de parentela e nós eramos seis. Pediu cadeiras, com uma voz forte e muito firme:

— Tragam cadeiras para os meus hospedes!

A conversa começou.

O quadro não deixava de ter um certo pitoresco. Eu estava sentado ao lado do homem de que a morte estranhamente se esqueceu. Em frente, solidamente instalado numa cadeira, com musculatura atlética, apertada no capote, Djikirba, oficial comandante da milícia, de nariz bourbonico e olhos azuis, transmitia-lhe as minhas perguntas em lingua abkhasiana. Nicolas Andreievitch respondia; Djikirba traduzia para russo; o camarada Samuel Ignat, que tinha feito o favor de me acompanhar para esse fim, traduzia o russo para inglês e a minha secretaria Anette Vidal tomava notas. Cada uma das pessoas ali reunidas esmaltava esta complexa conversação — muito nitida e claramente conduzida, apesar das suas numerosas rodagens — com as suas reflexões e os seus comentários.

No espaço de tempo necessário para que cada umá das minhas perguntas feitas em inglês, recebesse a sua resposta na mesma língua, tive ocasião de observar minuciosamente Nicolas Chapkovski. Tem o aspecto de bastante idoso, sem duvida, mas não apresenta os sinais de decrepitude que torna tão penoso o aspecto dos homens muito velhos. Não tem o rosto monstruosamente engelhado, as palpebras

sanguíneas, a boca babosa e a pele momificada da maior parte daqueles que ultrapassaram os limites da idade. Não tem muitas rugas e o olhar é claro, o gesto vivo. Não tem nenhuma espécie de doença. Não usa lunetas e até ainda lhe resta um dente. Queixa-se sómente um pouco de, ha alguns anos, se vir tornando um pouco duro de ouvido; mas isso nota-se dificilmente. O seu organismo é duma têmpera pouco comum. Afirma que não sabe o que é estar doente e que ainda ha sómente quarenta e até vinte anos, era «forte como as montanhas», trazendo às costas fardos que teriam esmagado homens de vinte e cinco anos. Dantes — com cento e vinte anos — tomava banho de inverno, no rio, o que nenhum dos rapazes de Lati ousava fazer. Bebia vinho e comia muito. Hoje parece-lhe que tem baixado muito nestes assumptos. No entanto, o vinho e até a vodka não lhe fazem medo.

Terá ele o sentimento de que bate um sensacional record universal? Seja... Nunca, com efeito, ouviu falar de alguem que fosse mais velho do que ele é actualmente e viu, pouco a pouco, inclinarem-se e cairem por terra, até hoje, todos os homens à sua volta. Está por tal forma habituado a acumular os anos que lhe parece ter aproximadamente duzentos. Mas não se preocupa muito dessa superioridede que possui, cada vez maior, entre todos os homens. Cito-lhe o caso unico do seu antigo concorrente Tomaz Parr, tendo o cuidado de acrescentar, para não atentar

contra os seus direitos, que é um caso pode dizer-se, legendário. Não sabia e achou interessante. Diz êle:

«Não sei porque é que sou tão velho. O tempo passa, e eu fico».

Em seguida cala-se e sorri doucemente; o seu silencio quer dizer: Sim, senhor... É assim mesmo, tanto peor ou tanto melhor! O seu sorriso é muito puro e nesse momento vibra nele a alma fatalista da velha Rússia.

Noutras ocasiões ri e gesticula, as duas mãos crispadas e explicativas ou então estende o braço e designa qualquer coisa ao longe, em gesto de orador.

Volta-se à grande pergunta: porquê e a que regimen atribui a sua avançada idade? Ao país, sem dúvida: a montanha produz centenários como produz carvalhos enormes. O seu regimen? Não segue nenhum. Come o que costumam comer todas as boas criaturas que já não teem dentes. Repete que, em tempos, foi um grande comilão e que hoje come regularmente.

A sua mais antiga recordação? Lembra-se de, quando tinha doze anos e era pastor na montanha, ter tomado parte na *razia* duma aldeia proxima: odio e represálias de aldeia contra aldeia, *vendetta:* a velha Abkhasia pode, sob este aspecto, comparar-se à Corsega ou à Sicília. Era, é claro, muito tempo antes da dominação russa. Recorda-se nitidamente do combate e do transporte da preza, que se seguiu a este. Aos

doze anos Nicolas era já alto e forte como um homem.

Casou-se três vezes. A sua primeira mulher abandonou-o depois de terem filhos, arrastada pela onda de uma emigração turca. A sua segunda mulher morreu. Dela teve três filhos, um filho e duas filhas, que morreram de velhinhas, deixando filhos por sua vez. Estes netos de Nicolas vivem actualmente na Abkhasia, no *ouiesd* do Kador, do outro lado do rio. Um deles tem um filho de quarenta anos, que é por conseguinte bisneto do meu interlocutar.

A terceira mulher, Assima, vive actualmente com ele. Tem oitenta e um anos e cinco filhos: quatro rapazes e uma rapariga. Um filho de quarenta e dois anos, outro de trinta e dois, e uma filha de vinte e seis. Sem dúvida, seria para desejar que um homem que viveu durante aproximadamente seculo e meio de historia movimentada, tivesse sido testemunha dalguns dos extraordinários acontecimentos de que foi contemporaneo e tivesse entrevisto algumas das figuras dominantes que viveram ao mesmo tempo que ele. Eu conheci, em tempos, um centenário que, quando creança, tinha visto Napoleão e me contava meticulosamente, a impressão que lhe tinha causado o Imperador, caminhando para ele, numa alêa da Malmaison; e dava detalhes sobre o som da sua voz «breve e metálica». Eu conheci, na União Soviética, outros velhos que evocaram, na minha presença, comovedores pedaços de historia, e é muito natural que

eu venha algum dia a falar, por qualquer forma, da estranha impressão de contacto directo que dão essas revelações positivas: é qualquer coisa como um sonho irrealizavel que se realiza!

Mas Nicolas Chapkovski, o mais velho dos homens, aquele a quem foi dada uma envergadura de destino maior que a de qualquer outro, não pode evocar nada de semelhante. Só é dramático por si próprio, intrinsecamente. Nunca saiu da Abkhasia: apenas se aventurou até Karatchaï e não conhece nenhuma cidade alem de Soukhoume. (Certamente não teria chegado a uma idade tão avançada ao grande vento do universo).

Não se recorda, por consequencia, senão de factos locais, por exemplo: as expedições contra as aldeias visinhas e a volta, carregados de mulheres e de animais capturados. Recorda-se tambem de ter visto construir casernas turcas nos arredores de Lati. (Fui vê-las no dia seguinte de manhã. São um comprido edificio de paredes espessas, esburacadas, demolidas e invadidas pelas arvores. Teem um aspecto de ruinas antigas e a sua destruição data já de uma centena de anos).

E diz tambem: — Quando eu era rapaz não havia florestas à volta da aldeia e as arvores eram poucas. Era preciso andar três dias em direcção a Karatchai para encontrar a sombra do arvoredo. De facto outrora, ha já muito tempo, foi assim. Mas hoje

toda a região está coberta por uma espessa floresta onde abundam as arvores velhas e enormes.

Recorda-se (e este facto demarca a sua visão, bem longe, no passado) de que houve um tempo «em que toda a região desde Kosta (perto de Sotchi) e toda a Svanecia, eram abkhases. A população era, então muito densa». E' um facto: a Abkhasia, durante o decorrer da história moderna, tem visto reduzir os seus limites e a sua população, que chegou a atingir duzentas mil pessoas e que não é, actualmente, senão de setenta mil. Compreende ele a extensão das suas recordações? Perguntamos-lhe se sabia falar russo e ele respondeu:—Não, dantes falei o russo mas esqueci-o». Ignat teve a lembrança de se colocar deante dele e interroga-lo em russo e ele respondeu imediatamente — em russo. Este incidente impressiona-me: Que coisas se poderiam tirar da amálgama entorpecida das suas recordações, vivendo-se durante algum tempo com este vélho e procurando metódicamente acordar a sua evocação interior!

Sabe que o seu país vive agora sob um novo regimen? Sim, sabe. Interrogado sobre a sua opinião ácerca do novo regimen, diz que o governo soviético lhe parece bom, mas que, em todos os regimens, ha creaturas mais favorecidas do que outras.

Não é absolutamente pobre: tem, como eu já disse, uma pequena casa. Possue uma vaca. Vive em casa de seu filho. Recebe, alem disso, uma pen-

são de quinze rublos (duzentos francos) por mês. Tomei a liberdade de, à volta, pedir aos camaradas dirigentes da república para aumentarem um pouco essa pensão.

No fim de tão longa entrevista, que terminou no meio de grandes efusões — tendo o velhote feito menção de me beijar a mão, tomei-o nos meus braços e abracei com precaução a sua veneravel e preciosa pessoa — voltei para Soukhoum com a preocupação de me informar, de uma maneira positiva, da verdadeira idade de Nicolas Chapkovski.

O centenário não tem papeis legais. O seu processo de pensionado, que eu vi no serviço da Assistência Pública, dá-lhe como idade cento e quarenta anos (em 1927), mas não menciona nenhum documento oficial. Contra esta idade quasi sobrenatural de cento e quarenta anos, temos: o aspecto robusto do homem, a idade dos seus três últimos filhos e finalmente as variantes que correm na própria região sôbre o número dos anos que se acumulam em cima da sua cabeça.

Mas pode-se responder aos dois primeiros argumentos (depois de ter notado que a idade dos filhos não pode valer de uma maneira absoluta e scientífica senão no que se refere à mãe e não ao pai), invocando a sua extraordinária vitalidade. Quanto ás contradições da voz pública, compreensiveis quando se trata de tão elevados totais, é conveniente notar que

os mais scépticos, os mais cabeçudos adversários da avançada idade do velhote, todos reconhecem que o *starik* de Lati não tem menos de cento e vinte anos.

Não ha dúvida que se trata de um homem de idade prodigiosa. Testemunhos como os da velha Aroumsouda, sua sobrinha, extraordinariamente inteligente e precisa e os de outras pessoas muito velhas, que na sua infância já o conheceram como um homem de avançada idade, convenceram-me de que a tradição dos cento e quarenta anos se aproximava da verdade. Não esqueçamos que ele tem um bisneto com quarenta anos. Além disso, o funcionário que, em 1927 escreveu cento e quarenta anos na ficha signalética do processo de pensão, não consignou este número sensacional sem algum motivo que o justificasse.

Ha, de resto, meios de chegarmos à verdade. Na impossibilidade em que eu pessoalmente me encontrava, por falta de tempo, de averiguar o facto de uma maneira indiscutivel por uma série de interrogatórios metódicos do centenário, dos seus parentes e dos visinhos, pelo colecionamento das recordações, pelo estudo genealógico sistemático dos seus descendentes e colaterais e consultando os arquivos e os documentos,— dirigi-me à Sociedade Scientifica da Abkhasia, pedindo-lhe para empreender este inquérito. Espero que ela aceitará este trabalho de interesse nacional, de interesse scientífico e até de interesse social. E estou persuadido que essa sábia corporação conse-

guirá fixar, de uma maneira clara, o principio exacto de um dos mais longos caminhos que um homem tem percorrido na Terra (1).

---

(1) Seis mêses depois de eu ter publicado este artigo no «Monde», recebi uma longa carta de Gueguélia contando-me a visita que tinha feito a Nicolas Chapkovski, cuja pensão tinha sido dobrada, em conformidade com o meu pedido. Gueguélia informava-me que, do minucioso inquérito a que tinha procedido, se concluia que o patriarca das montanhas da Abkhasia tinha, certamente, pelo menos cento e quarenta anos. Acrescentava que ele dava sinais de enfraquecimento.

V

A casa montanha

Já a tinha visto em construção, quando em Outubro de 1927 fui a Kharkov: a meio duma praça enorme, apercebia-se como que uma cadeia de montanhas coberta de andaimes. Trabalhavam nela quatro mil operários e via-se êsse imenso formigueiro de gente a trabalhar nas parêdes ciclópicas da construção, e, a distancia, não se ouviam as marteladas nem o éco das conversas. Ao pé das enormes paredes esboçadas e para as quais os operários subiam e desciam como marinheiros pelas cordágens, empilhavam-se montes incalculáveis de materiaes de construção e de edificios provisórios.

Tinham-me dito nessa ocasião: a Casa da Indústria, começada em 1926, deve estar acabada em 1928.

Isto ha dois anos. Ora, na minha opinião, é esta a maior casa do mundo ou, pelo menos, da Europa (não sei se na América ha alguma coisa semelhante). Este edificio tem mais de 300 metros

de fachada e 75 metros de altura. Ocupa 9.850 metros quadrados, tem 6 hectares de sobrados, 1.200 quartos, sendo alguns enormes salas, com 8 metros de altura e 30 de comprimento e de largura. O seu volume é de 340.000 metros cúbicos. Eis os dados do plano que me mostraram ha 15 mêses. Ora, quando no principio de 1929 voltei a Kharkov, encontrei a casa já terminada.

Na imensa praça, agora despida dos alpendres dos pedreiros, dos ateliers, das diversas construções que a enchiam (um bairro inteiro de cidade contendo até instituições de cultura para os operários, uma biblioteca, um teatro, uma estação de correio, etc...) o edificio ergue-se, claro e nítido como uma enorme planta arquitectural. Dir-se-hia, vendo esta casa, que estamos contemplando a metade duma rua vertiginosa de grandes palácios cinzentos.

Não se julgue no entanto que este prodigioso edificio tenha falta de unidade. Com a sua fachada em semi-circulo e a simetria equilibrada das suas alas duma altura de 7 a 13 andares, a Casa da Indústria dá, pelo contrário, uma admiravel impressão de conjunto. Um pintor seria capaz de reproduzir esta harmonia, mas a fotografia, quando não é feita de muito longe, atraiçoa este realismo artístico com as suas reducções, as suas perpectivas intensificadas e os seus desdobramentos deformadores que apagam as curvas. Não se pode fotografar este edificio senão aos bocados.

Inteiramente construida, na sua armadura externa, em cimento armado e em vidro, a Casa da Indústria tem por fim alojar as indústrias de Estado ou Trusts em numeró de vinte (a maior parte próprias da Ukrânia sómente e outras, sobretudo o Trust do aço, com os seus 1.600 empregados, de interesse para toda a U. R. S. S.). Tem, além dos escritórios, salas de reunião, salas de sessão, salas de mesa, clubs, um hotel com 56 quartos destinados aos visitantes vindos para tratar de negocios, bibliotecas, correios e telegrafos, escritórios bancários, cartórios de notários, uma estação de rádiofonia, uma instalação pneumática para distribuição interior do correio e uma enorme quantidade de alojamentos para o pessoal.

Tendo em conta tudo o que se encerra entre as suas paredes, realiza-se uma economia sobre o preço de custo por metro quadrado dos edificios de dimensões vulgares, aproximadamente de metade. Além d'isso a instalação das repartições e dos serviços está feita, se assim se pode dizer, duma maneira perfeitamente racional com os meios de comunicação e ligação proporcionados ás necessidades. Uma rede completa de vias d'acesso: 6 pontes, indo dum corpo do edificio para o outro (estas pontes cobertas teem vinte metros de comprido e erguem-se a alturas variaveis de quinze a vinte e cinco metros), e os ascensores permitem o percurso rápido do enorme labirinto interior, no sentido vertical e no sentido horizontal. As 1.200 divisões da casa comunicam todas entre si: quere dizer que podemos

atravessa-la de lado a lado, sob a condição, é claro, de se possuirem algumas noções geográficas antes de o tentar.

Não penso que seja necessário demorar-me nos detalhes e mostrar com quanto cuidado esta casa foi construida, com os aperfeiçoamentos mais modernos e os últimos melhoramentos que a indústria tem introduzido na edificação em cimento armado. Citarei sómente um exemplo do cuidado prático e técnico, com o qual todos os elementos da construção foram estudados: Os telhados, que são planos e em terraço, foram construidos com camadas sucessivas de cortiça, embebida em alcatrão, cartão betumado, aparas de madeira comprimidas, três espessuras de cartão, embebido num isolante especial que se fabrica no próprio edifício, uma toalha espessa deste ultimo produto e por fim uma camada de brita.

São aproximadamente 7.000 as pessoas que trabalham nesta casa. E ha, além disso, 1.000 visitantes por dia.

Os ascensores são dezoito, sendo quatro italianos e doze russos (Mocelprom). Cada ascensor tem capacidade para seis a doze pessoas, e o conjunto do maquinismo gigantêsco de subida e de descida está calculado de forma, que todo o pessoal da casa pode ser transportado da rua até ao seu posto em 40 minutos e totalmente retirado no mesmo espaço de tempo.

De resto toda a casa está cheia de máquinas, grandes e pequenas, desde as máquinas que servem

para a reprodução das plantas arquiteturais e dos diagramas, para todos os serviços da casa, até às diversas máquinas que trabalham nas cozinhas colossais, às inumeráveis máquinas de calcular e de escrever (os escritórios onde trabalham as dactilógrafas, são forrados duma maneira curiosa, com um estofo plissado, de forma a amortecer o ruido da escrita mecânica), até à admirável instalação telefónica, para vigiar a qual basta um ùnico empregado, pois que funciona quasi toda por um sistema automático. Há no edifício 1.600 aparelhos telefónicos.

O aquecimento está assegurado por meio de dezasseis caldeiras. A ventilação e a distribuïção de água utilizam um esqueleto monumental de tubos, de filtros e de torneiras, e fornecem 160.000 litros de água por dia. O serviço das águas de Kharkov não pôde dar a pressão suficiente para fazer subir a água até ao alto do edifício. Foi preciso portanto construir um gigantêsco dispositivo de bombas e de depósitos. Para o caso de incêndio foi elaborado um regulamento especial e incumbe a certos empregados a responsabilidade de fazer tudo o que é necessário para lutar contra o fogo, proceder à evacuação e evitar o pânico. Há duzentas torneiras de água, especialmente destinadas a combater o fogo. Cada metro cúbico da Casa da Indústria, custou 40 a 50 rublos.

Isto prefaz, para o conjunto, a totalidade de 15 milhões de rublos, ou sejam 195 milhões de francos.

E' preciso não nos esquecermos de que na construção se consumiram mais de oito milhões de quilos de ferro e mais de doze milhões de quilos de cimento e 45.000 metros quadrados de vidro.

O dinheiro foi fornecido pelos «trusts» interessados e pelos Bancos da Indústria. A decisão referente à construção do edifício foi tomada em 1925, pelo Conselho Económico da Ukrânia e mais tarde pelo Conselho Económico Central. Tendo uma crise financeira momentânea feito paralizar os trabalhos em 1926, recomeçaram estes no mês de Agosto do mesmo ano, graças a um adiantamento de fundos, feito pelo Comité Central do Partido Comunista. O arquiteto da Casa da Indústria, (o plano foi aprovado em concurso) é o camarada Kravetz, assistido por Felger e Serafimovitch. O «comandante» da Casa da Industria, isto é, aquele a quem se poderia chamar o *maire* deste formidavel bloco urbano é o camarada Tchistov (1).

---

(1) Quero deixar aqui dito que as ultimas noticias que recebi de Kharkov mencionam entre outras emprêsas sensacionais a construção duma nova casa gigante (375.000 metros cúbicos) que deve estar terminada na primavera de 1931.

VI

Retalhos da Feira de Nijni

Ha males que veem por bem. Graças à doença que me fez demorar algum tempo em Nijni Novgorod onde só contava passar algumas horas, pude tomar contacto intimamente com esta cidade, penetrar no seu âmago, interrogá-la e conhece-la, a ela e à região em que está situada. E este trabalho de aproximação é cheio de encantos, de ensinamentos e de um carinhoso interesse.

O quadro é grandioso: um dos mais belos de toda a vastissima Rússia. Em primeiro lugar vi-o de um único golpe de vista, dum só vôo — pois que era a 800 metros de altura, num hidro-avião da *Ossoaviakim*. Ainda não me habituei ao maravilhoso espectaculo das cidades apercebidas assim, na sua forma exacta e total, pelo olhar elevado no espaço. Vi dois cursos de agua imensos, em comprimento e largura, como dois braços de mar: o Oka e o Volga. Sobre estas espaçosas extensões líquidas, circulam barcos gigantescos de mercadorias e passageiros, no meio

de uma sementeira de barcas e de florestas horizontais de madeiras flutuantes.

No momento em que o avião saltou fora da agua e começou a escalar o céu, vi de perto a enormidade dos barcos-cisternas, que transportam o petroleo desde o Caspio, metálicos e vermelhos, semelhantes a fortalezas. Os barcos de passageiros, de vários andares e pintados de branco, teem verdadeiras fachadas de casa: dir-se-hiam bocados de ruas novas que flutuam e avançam pela água. Mas quando o avião nos elevou no espaço e se poz a desenhar, em círculo, nas nuvens, um pico abstracto e vertiginoso de montanha, os homens da terra transformaram-se em simples pontos, os rios tomaram a sua forma liniar de rio e as enormes barcassas passaram a não ser mais do que simples besouros que nadassem e bem depressa as passamos a aperceber só pela sua esteira triangular mil vezes mais volumosa do que elas. E tambem do brilhante miradoiro mecânico, suspenso no ar se não distingue a imensa ponte de barcas senão pelo redemoinho que se cava ao longe na agua, cada vez que passa o «Tramway». E vê-se desenrolar na velocidade ronronante, lá em baixo, a planta de Nijni. Na margem direita do Volga a cidade em miniatura: pequenos telhados vermelhos cercados, cada um deles, por uma enorme quantidade de verdura, o *rond-point* a pique, pintado de verde em toda a volta e coroado pelo Kremlin contemporaneo do de Moscou e semelhante a um brinquedo de creança. Vêem-se

nas ruas as carruagens oblongas como larvas, os cavalos como moscas e as pessoas como simples sinais de pontuação, picados de côres. Pensa-se na finura colorida dessas adoráveis pinturas que os Koustais executam sobre as tampas das caixas de laca.

Nijni Novgorod! Nome célebre no mundo inteiro. Todos os que passaram pelos bancos da escola o conhecem. Evoca uma velha cidade fundada ao mesmo tempo que Moscou, de história pitorêsca e trágica e evoca, sobretudo na época contemporânea, a feira, essa feira quasi legendária, instalada no coração do maior país e à beira do maior rio da Europa. Era então um extraordinário movimento, emquanto durava a feira. Nijni Novgorod estava em pé de guerra, cheia de visitantes ilustres ou de grandes negociantes, e esta grande feira de negocios transformava-se numa grande feira de prazer em que o champanhe corria em cascatas.

Falei àcêrca dela com uma senhora de idade, casada com um ex-grande industrial de Nijni. Esta senhora, aliás muito digna e muito leal no seu aspecto fóra de moda, não podia deixar de comparar o presente ao passado:

— Era um desfilar contínuo... Pequenas e grandes individualidades, acorriam a Nijni. Em alguns anos havia um serviço especial de aviões de Moscou a Nijni. A feira introduzia na cidade uma outra cidade. Agora, veja o que resta dela: o grande edifício da

margem esquerda e os bazares de amostras. (Estamos, neste momento, em pleno período de feira).

Todos os outros edificios que dantes eram utilisados estão desertos ou demolidos. Olhe esta grande praça que outrora, nesta epoca, estava cheia de gente: é um amontoado de escombros cercado de pilhas de tijolos.

E' um facto que a feira de Nijni, que dura desde os principios de Julho até aos meados de Setembro, está em grande decadencia. O interior do «grande edificio», na margem esquerda é hoje um multiplo armazem onde, em balcões avivados por caixeiros ou caixeiras em trajes nacionais, se vendem alguns produtos caracteristicos das diferentes regiões da União — Ukrânia, Rússia Branca, Cáucasso. Ha tambem estabelecimentos orientais não soviéticos: persas ou afghans.

Além disso, a velha senhora, veneravel resto duma época histórica desaparecida, mostrou-me os barcos em movimento no Volga, murmurando:

— Ah! a navegação já não é o que era dantes. Não se pode comparar a sua anterior actividade com a de hoje.

Então?

Então Nijni perdeu bastante do seu antigo explendor?

Não nos apressemos a concluir neste sentido. Examinemos as coisas duma forma mais completa, como creaturas de bom senso e não como literatos.

Transportemo-nos à Sverdlovskaia, a grande rua central de Nijni que ostenta os seus explêndidos armazens, o seu teatro e o seu banco. Sigamo-la sem nos fatigarmos. Transforma-se dentro em pouco num arrabalde com encantadoras casas de madeira; depois duma vasta praça, que mantem, duma forma extranha, o seu velho estilo de Rússia clássica, a rua transforma-se numa estrada que vai para Muiza através duma planicie onde, bastante afastadas, se erguem imponentes aglomerações de edificios: as prisões (obra e orgulho do tzarismo) e as casernas. Chegados às casernas marchemos pelo campo, à nossa direita, durante alguns passos. Constataremos bem depressa que estamos à beira dum precipício talhado a pique, com mais de 100 metros de altura. Lá em baixo, ao fundo, a magestosa corrente do Oka. Do posto de observação onde estamos, vemos tambem ao longe o Volga e abraça-se a perder de vista um espectáculo colossal sobre as margens dos dois grandes rios. Sem falar do enorme entreposto de madeiras arrumadas sobre uma grande parte do leito de areia, a descoberto nesta parte do rio, avistam-se filas e aglomerados de fábricas, séries de chaminés, bairros inteiros que trabalham.

E' a Nijni industrial, que ao lado da antiga edifica uma nova cidade. Estas duas cidades juntas e unificadas, constituirão, num dado momento, a Grande Nijni Novgorod. E' um impulso de vida volumosa saida da Revolução de Outubro; é a industrialisação

de uma região em grandes traços e em ritmo acelerado.

Mesmo até em Nijni, já tem havido valiosas realizações. Vi lá em construção ou já acabadas algumas fábricas e escolas, uma faculdade mecânica e casas para os sábios. Sei que ha 3.000 estudantes na Universidade, que estende a sua fachada, semelhante à da primeira Universidade de Moscou, diante do Kremlin; e oito *technicums*, na cidade, e vários cursos e faculdades operárias. Visitei o Laboratorio de radiofonia que, com o de Leningrado, é o mais importante da U. S. e alimenta todos os centros radiofónicos. Neste laboratório, existente desde 1920, e que está instalado nos edificios dum antigo seminário e duma fábrica de círios e cujos directores são, além de grandes sábios inventores de mérito, vi a lampada Wladimir Ilitch, que é a mais forte do mundo e aparelhos admiravelmente aperfeiçoados, construidos no próprio laboratório — aos pés de duas antenas de 65^{m} de altura.

Mas é sobretudo fóra da cidade que o grande movimento de reconstrução se está efectuando. Eis Sormovo, à beira do Volga, com as suas fábricas metalúrgicas. Antes da guerra davam que fazer a 13.000 operários e hoje teem 18.000. Produziam aproximadamente 21 milhões de rublos. Produzem actualmente 48 milhões. As numerosas e intermináveis construções, que cobrem perto de cinco kilómetros, envelhecem, e começam-se a construir novos ateliers.

Em Sormovo constroem-se agora barcos-cisternas de 10.000 toneladas. Estive em dois deles, o *Lenine* e o *Profintern* que, quasi acabados e ressoando sob as ultimas marteladas, estendem sobre o Volga a sua imensa silhueta em ferro de transatlânticos. Duas outras construções gigantêscas formam dois pedaços de túnel, ainda perfurados nos flancos, no leito sêco dum braço do rio — onde a primavera trará novamente a água que arrastará os cascos, então terminados, dos barcos de carga. Este ano deu dois navios e cinco barcaças, o próximo ano produzirá cinco navios e quinze barcaças. Noutros pontos da cidade industrial de Sormovo fabricam-se locomotivas, vagons, tramways e motores. Sormovo já tem 50.000 habitantes, o que corresponde quasi a metade dos de Nijni (120.000 habitantes).

Em Kanavino, que faz parte deste colossal arrabalde que a Grande Nijni está em via de incorporar no seu orbe, ha setenta mil habitantes e ha quatro anos apenas existiam 44.000. E' um bairro quasi novo onde o tramway só funciona há dois anos; 300 casas de operários construidas de novo tendo cada uma quatro divisões, um palácio do trabalho quasi acabado, de fachadas gigantêscas, construidas em cimento armado: foi preciso gastar muito tempo para lhe darmos a volta no nosso automóvel. Custou um milhão e 500 mil rublos e a sala de espectaculos terá lugares para 2.500 pessoas. Vi, ao lado, um asilo para orfãos em construção e uma maternidade já construida. Em

todo este bairro há quinze fábricas e 26.000 operários.

Por toda a parte, à volta de Nijni, nascem novas emprêsas: um afábrica hidro-eléctrica, que só tem actualmente 20.000 kilowatts de força, mas que, no proximo mês de Fevereiro terá 42.000, dentro dum ano 64.000 e mais tarde para cima de 100.000. Uma fábrica de papel, que é a maior da Europa, quási construida e que se desenvolve ao longo do Volga em três quilometros de extensão. Utilisa troncos de arvore de 35 metros, trazidos do norte, pelo rio, em grande quantidade. E estes troncos, pescados por enormes guindastes, passam automáticamente e num movimento contínuo através de doze enormes edificios de seis a sete andares e de quarenta metros de altura, e a madeira, agarrada a principio, depois serrada, despedaçada, esmagada, sae pelo outro lado em forma de folha de papel, com seis metros de largura. Só para transformar a madeira em pasta, a fábrica utiliza diáriamente dez milhões de vedros de agua—tanta como consumia toda a cidade de Moscou em 1913. Esta fábrica fornecerá, só por si, papel bastante para imprimir metade dos jornais que se publicam na União Soviética (quinhentas mil toneladas). Actualmente a sua fábrica de celulose ainda não está terminada. Só metade das máquinas trabalham, mas o seu acabamento é uma questão de mêses. Ao lado dela surgiu uma cidade operária duma centena de casas, club, escola, hospital, bombeiros, etc. Ha ainda muitas outras coisas que já se veem hoje ou que se verão

dentro em pouco nos grandes arredores de Nijni ou mesmo na zona que se abraça com o olhar quando estamos no cimo da enorme falezia fluvial, ao lado das casernas... Projecta-se sobretudo uma vasta fábrica de vidros, que deve ser começada no próximo ano e um túnel por baixo do Volga, a juzante de Nijni.

Fui posto ao corrente de imensos projectos positivos, que teem por fim fazer de Nijni um dos maiores centros produtores de toda a U. R. S. S., uma das suas capitais industriais. Nijni já tem na Rússia europeia, uma posição de capital: papel, vidro, produtos químicos e coiros. Não deixa, por isso, de ser tambem um centro agrícola; o rendimento da terra é duma excelente média.

Falemos aqui, entre parentesis, dessa «comuna» de Bogarodska, que é, ao mesmo tempo agrícola e industrial, dedicando-se ao cortimento das peles. Ganhou no ano passado mais de 30.000 rublos e assegura, às 212 pessoas que exploram os seus 500 hectares, um rendimento de dois rublos e quarenta, a dois rublos e oitenta por dia, para os adultos e quarenta kopecks, para as creanças. Notemos ainda que a exploração individual rende na região de Nijni em média 82 rublos por ano, para os seredniáks e 72 para os biednaks. Não somos só nós que fazemos esta comparação: os camponezes fazem-na também com o seu imperioso realismo, que no extrangeiro é compreendido às avessas e qualificado, superficialmente,

de religiosidade. Constata que todos teem interesse em participar no trabalho colectivo. Esta evidência chega até eles pelos factos — e é aqui que está, sem dúvida, a solução da questão agrária soviética.

Quantos, olhando tristemente para os seus bois ou para os seus cavalos, que já não podem ter-se de pé, porque caem de inanicção ao findar o inverno — a ponto de terem de ser suspensos por meio de cilhas, do técto — pensam nos dois rublos e oitenta, dos habitantes da comuna, e compreendem o socialismo.

Por todas estas razões, que eu resumo e exponho à pressa, vemos, pois, sem emoção, que a feira de Nijni Novgorod passa hoje para o segundo plano. Na verdade, não é uma questão de negligência mas a adaptação dessa instituição às novas condições dum grandioso método de trabalho. Dantes, essas condições apresentavam-se duma fórma totalmente diferente: por exemplo, só no districto do Ivanovo Vosnesenska mais de 50 grandes industriais textis tinham de lutar no mercado de Nijni e, agora, em seu lugar há só um trust do Estado.

Não é portanto necessário falar de um estado de regressão ou estagnação, com o olhar obstinadamente fixo sobre os recintos abandonados e cheios de entulho da antiga feira. É, pelo contrário, para um destino bem mais brilhante e benéfico que se encaminha, metódicamente, a florescente cidade de Nijni. Para isto precisa expurgar todos os velhos costumes e racionalisar toda a sua vida. Se me fôr dado voltar a

Nijni Novgorod daqui a cinco ou seis anos, quantas mudanças eu tenho a certeza de ir encontrar! Sem dúvida alguma a Grande Nijni terá então merecido o seu nome e até terá merecido, mais do que nunca, na sua rica história, o sobrenome de Novgorod, a Cidade Nova. E tenho tambem a certeza que encontrarei, apesar da multiplicação industrial e do aperfeiçoamento, o incomparavel encanto poetico desta cidade, com essas profundas ravinas dos dois rios, sobre os quais se abrem, inopinadamente, prespectivas tão magestosas e vertiginosas; com as suas largas ruas verdejantes, ladeadas de pitorescas isbas, que são ás vezes semelhantes a ruas duma enorme aldeia, mas onde os campanários redondos, pintados de cores vivas, prateados ou dourados, se avesinham das chaminés das fábricas, dos pilones, das antenas e dos quadros da T. S. F.

Cidade ampla, de vastas aberturas, banhada pelo vento do largo, batida nos seus arredores por nuvens de corvos, com os seus barcos monstruosos flutuando sobre os rios gigantescos, paisagem severa mas sempre grandiosa, que toma rapidamente, ao sol ou debaixo do nevoeiro aspectos de infinito e que deixa nos olhos e no coração daqueles que por lá passaram um encanto inesquecivel.

VII

A dôce e rude Crimêa

I

Ao percorrer as encantadoras praias da Crimêa, um velho instinto de homem de letras tem-me feito pensar em estabelecer um paralelo entre esta região e a «Côte d'Azur» francêsa, onde a guerra me forçou a viver, todos os anos, algum tempo e que, por isso, conheço perfeitamente.

Foi esse mesmo instinto que me obrigou, nas minhas peregrinações atravez da União, a comparar os scenários do continente soviético com os dos outros países, a procurar os elementos e os caracteres comuns das paisagens que me tem cercado, os traços gerais, de que possamos dizer: Eis o que é característico do aspecto da Rússia e das Repúblicas. Os escritores são os escravos da generalisação, e, quando viajam, procuram fazer o inventário do pitorêsco e estabelecer as aproximações e os contrástes.

A' primeira vista, parece um pouco ridículo querer fazêr descrições homogéneas para um con-

junto tão diverso e tão extenso como o da «outra Europa», para empregar a expressão de Luc Durtain. (Tenho esperanças de que a U. S. nunca virá a sêr uma outra Europa — e espero, pelo contrário, que a Europa venha a sêr uma outra U. S.) E não obstante, julgo ter encontrado esse caracter específico, tanto da paisagem russa, como da ukraniana e da caucasiana: é a *grandiosidade*. Em nenhuma outra parte do mundo a natureza, com o auxílio do trabalho do homem — culturas ou construções — nos comunica as impressões de imensidade, de amplitude patética, por vezes desértica e nua, outras cheia de melancolia e de tristeza, que se ressentem na ex-terra dos tzares. Talvez esta espécie de fatalidade grandiosa das paisagens tenha influido nas dimensões da admirável alma russa, que terminamos por descortinar atravez de tantas lendas e fórmulas convencionais ou antiquadas, e das definições de contrabando...

Do lado do ocidente e da sua civilisação, a natureza está mais bem manufacturada, os quadros das coisas melhor compostos e mais enquadrados de arquitetura, mais acabados, mais amáveis e mais aperfeiçoados. (Na Rússia e na Itália, os grandes panoramas são sorridentes) Do lado do oriente, menos aproveitamento do terreno e menos densidade de edificações; vastas visões, prespectivas a perder de vista, aspectos imcompletos. Os arredores das cidades, as estradas, as planícies, o leito dos rios ou as praias do mar ou ainda os cumes das montanhas, têem uma

envergadura e uma nudez que se tornam, com facilidade, magestosas e impressionantes.

Senti, por vezes, nos pontos mais diversos da U. R. S. S., ao norte, ao centro e ao meio-dia, num campo, numa encruzilhada de caminhos — com os postes telegráficos perfilados em toda a horizontalidade da paisagem, — numa rua de poucas casas de madeira ou no cimo duma encosta pedregosa, a impressão do incomensurável e duma penetrante e tempestuosa monotonia. E não posso deixar de pensar que é esta a diferença que existe, na arte do romance, que é o ramo da arte que mais tem evolucionado, entre os romancistas francêses e os romancistas russos do grande período do romance: uns tendo o encanto da proporção e da medida, os outros, caracterisados pela enormidade.

E eis o que é preciso dizer, em primeiro lugar, da costa sul da Crimêa que mergulha no Mar Nêgro, se a compararmos à Côte d'Azur franco-italiana, que liga São Rafael a Genova, passando por Cannes, Nice, Monte-Carlo, Menton e Bordighera: a paisagem da Crimêa é menos homogénea, menos colorida, mas é mais grandiosa, mais selvagem e mais viva.

O comboio que nos conduz desde a Rússia propriamente dita e desde a Ukrania, saí da noite, em Simfêropol, às quatro horas da manhã, e mostra-nos, num scenário de desolação, a contextura pedregosa da península. São altos e baixos, ravinas e picos, terreno movimentado (e que, sem razão alguma, como

por exemplo, no ano passado, estremece semelhante a uma paisagem de cinêma trágico), steppe despida de vegetação, amarelada e cinzenta, côr de pedra e de poeira, mas semeada, aqui e alêm, de oasís de verdura. Nos vales e nos reconcavos da montanha e, em alguns distritos, no flanco dos montes, onde a terra se conseguiu acumular, surgem pomares, jardins, campos cultivados e—aos grupos ou isoladamente—árvores.

Em Sebastopol troquei o comboio pelo automóvel e, depois das montanhas, tão estéreis como gigantêscas fortalezas em ruinas, abrem-se, à minha volta, vales profundos e cheios de arvorêdo.

Depois, de repente, um golpe extraordinário rasgou as imágens gigantes por meio das quais passavamos. Eis como: está-se no alto da montanha e ultrapassa-se a janela, o rasgão que dá sôbre o mar, e é toda a face marítima da paisagem que, de súbito, nos fere a vista, do limiar desta porta—Baidarskie Vorota—aberta no alto da fachada sul da Crimêa. Da fita de estrada que serpenteia na altura desta encosta vertiginosa, o olhar arrastado a toda a velocidade mergulha nos rochedos, nas árvores, nos parques, nas praias que se espreguiçam algumas centenas de metros abaixo, e se desenrolam com a lentidão própria das imensas proporções do panorama, até ao infinito azul escuro do mar, franjado de branco junto à costa.

Não há, na nossa Riviera ocidental, apesar do explendor de certas quedas a pique, dos rochêdos vermelhos do Esterel, no azul mediterrâneo e das

magníficas transformações da costa de rochas brancas como mármore, que se estende de Nice a Monte-Carlo — nenhuma vista sôbre o panorama marítimo que tenha esta envergadura. De resto, as montanhas das costas do Mediterrâneo não ultrapassam nunca trezentos a quatrocentos métros; na muralha crimeana, as escarpas sôbre a praia, atingem o dobro da altura.

Ao longo de toda a costa, ou antes, por cima de toda a costa, Simiis, Alupka, Yalta, Suuk-Su, Aluchta, durante mais de cem quilómetros de cornija onde o automóvel se precipita, planando horizontalmente sobre o golfo de azul e de verdura, experimenta-se a mesma impressão que se pode resumir assim: o espanto da grandeza.

O Mar Negro assemelha-se ao Mediterraneo como um irmão um pouco mais escuro. A tradição que lhe deu o nome fê-lo certamente por comparação com o Mediterraneo e não se enganou: o Mar Negro é realmente escuro em relação à brilhante substância líquida que banha o sul da França, a Sicilia ou a Algéria. Debaixo do sol é quasi tão azul (não tanto: o olhar conserva a recordação duma tonalidade), mas desde que uma nuvem encobre o sol, toma rapidamente a côr da ardósia e a noite risca-o de reflexos nêgros e esverdeados, como os produzidos pelo petróleo. Pode-se dizer que foram dissolvidas uma ou duas dozes de nêgro, na aguada de cobalto, ultramarino ou azul da Prússia, do mediterraneo francês e

italiano. São, não obstante este detalhe, as mesmas doçuras e as mesmas belezas tropicais e felizes da vaga, as mesmas carícias para o olhar e o mesmo vivo contraste com os esverdinhados e lívidos oceanos que banham os outros lados da Europa.

Comparar a vegetação das duas regiões, é evocar um lindo poema botânico, tanto ao gosto dos pré-românticos do século XVIII. Na Crimêa, nos seus distritos verdejantes, tão nitidamente desenhados sobre a imensa carcassa vulcânica, existem, em igual quantidade, arvores de folha caduca, que no inverno se despojam da folhagem, e arvores de folha persistente, sempre verdes: os pinheiros, diversas coníferas e, sobretudo, os cipréstes. Os cipréstes, essa renda preta, de altas pontas verticais, que corre, ora em linha recta, ora em linha sinuosa, ao longo do dorso cinzento da montanha, pulular de estátuas esguias e nêgras, em grupos, em alinhamentos isolados ou duplos, em batalhões, numa quantidade superior à de qualquer costa italiana, são uma das características da Crimêa Marítima. Mas as arvores de mármore preto que influenciam a arquitetura das casas, são, aqui, encaixilhadas por carvalhos, acácias e nogueiras. O chôpos, alternam fraternalmente com os ciprestes, longas formas de silhueta comparavel, mas uma dum verde claro e a outra dum verde escuro, uma transparente, com as suas folhas raras e palpitantes, picadas de luz, deixando vêr toda a gesticulação das pernadas que erguem os braços ao céu, a outra, densa e pro-

funda, como uma cogula de frade ou um apagador magestoso.

Na Riviéra francêsa ha muito menos arvores de folhagem caduca; em muitas regiões nem sequer existem. E' quasi exclusivamente uma vegetação africana, mais verde durante o inverno do que no verão, em que sofre bastante com a sêca: pinheiros marítimos, eucalíptos, mimosas, mirtos, cactus, agaves, palmeiras, lentiscos, medronheiros — tudo plantas aromáticas, de folhas carnudas e sangue espêsso. Apenas lá vive a figueira, cuja folhagem tem de renascer em cada verão.

Ora, na Crimêa, as plantas, grandes e pequenas, não são tão exóticas. Encontram-se ali a verdura tenra, dôce e frágil, as folhas ligeiras e mortais, que são excluídas dessa estreita facha de clima africano prêsa ao sul da França.

Além disso, a região mediterranea é, à beira-mar, muito pobre de terra: uma magra película, uma camada descontínua de terra arável, posta em cima da rocha e, duma maneira geral, terreno de máto.

A Crimêa tem nas penedias das suas costas uma reserva de húmus mais consideravel. Vêem-se arvores gigantêscas em grande número, misturadas com as essencias raras, que os senhores, os ricos burgueses, os opulentos negociantes, trouxeram, outrora, para os parques da *villas* que hoje são casas de repouso: cedros do Líbano, araucarias ou *sequoias* (em Artek, existe um cipréste dos pântanos, arvore

cujos especimens são contados por unidade, em todo o globo). O tempo e o desenvolvimento da vida, acabaram por fazer dêsses parques artificiais, uma parte integrante da Crimêa marítima.

E no entanto, ainda que menos exótica, pela sua ornamentação vegetal, que a costa sudeste da França, que se liga organicamente ao *maquis* Corso e à Africa, a costa da Crimêa é mais acentuada, tem mais variedade, mais espontaneidade, resplandecente e surpreendente. Além disso, é menos explorada. A nossa, completamente na posse do cosmopolitismo de luxo, não tem um palmo de terra livre de pedras, de beton, de balaustradas ou dum parque. Na Crimêa, as instalações magestosas de alguns personagens importantes, não tinham essa característica de organisação sistemática, que subordina uma região inteira —incluindo os próprios habitantes—ao visitante rico e que termina por dar, até aos rochedos que, nas nossas costas, mergulham no mar, o aspecto de mostruario de rua movimentada. Aqui o campo, não é, como em França, o puro e simples arredor duma praia. Ha na Crimêa, bem perto do azul escuro do mar, camponêses e aldeias; casas turcas construidas como dantes e, nas encostas, telheiros do antigo modêlo, onde secam, pendurados, rosários de folhas de tabaco. Camponêses de tez morena e de boné de astrakan (ou imitação de astrakan), transportam folhas de tabaco, que fazem um ruido semelhante ao de folhas de sêda. Vêem-se mulheres de véus de côres

perrantes, que, ao longe, lembram ramalhêtes de flôres (mas as Tataras já não escondem a cara com o véu); vêem-se, também, algumas mesquitas, que desempenham, hoje, uma função menos importante que dantes, e cemitérios turcos cujas *stélas* com cabeças e até chapeus de pedra, no abandono sagrado em que deve permanecer a necrópole mussulmana, acabam por se inclinarem em todos os sentidos e por titubiarem — em virtude dos tremores de terra. Na Côte d'Azur, não ha camponêses, porque, pela força das circunstâncias, os indígenas passaram a sêr creados ou fornecedores dos ricos. De resto, ha poucas aldeias: não encontramos no nosso caminho senão *villas*, palácios, hoteis, restaurantes e garages.

Como nessa Riviera francêsa para onde, daqui a algumas semanas — em saindo da U. R. S. S. — vou trabalhar, ha, principalmente na zona marítima da Crimêa, uma população flutuante, atraida momentaneamente pelas vantagens da região.

A conquista da Crimêa marcou, ha cento e quarenta e cinco anos, a vitória definitiva dos Grandes Russos de S. Petersburgo sôbre os Tataros. Esta região era o orgulho do império dos tsares e a mais invejada pelas grandes potências. Para ela emigrava periódicamente, a alta sociedade russa. Ha mais de cem anos que Puchkine foi para a Crimêa. Viveu uma quinzêna em casa do general Raievski, que tinha uma filha chamada Maria, por quem o poeta estava apaixonado. A casa lá está, vasia e melancólica, um pouco aban-

donada, e vivendo toda ela do passado, até que lhe dêem um destino. A alguns passos do mar, baixa, cercada de velhas arvores enormes que, certamente, já existiam ha cem anos, é tão comovedora e tão bela como a *vila* San Vigilio que orna com uma belêza sagrada, as margens do lago de Garde. E' simétrica, altiva e triste como um mausoleu, com os seus imensos ciprestes, enormes como torres negras ou campanários de trevas, colocados a um e outro lado do nobre triângulo clássico, da sua frontaria, toda em vidros. Repousa da presença dos homens, preguiçosa e muda, num dos extremos do parque de Gurzufe, onde onze magnificos sanatórios, dão abrigo a trezentos soldados do Exercito Vermelho.

Foi pouco mais ou menos na época de Puchkine que se deu um exodo sensacional: a princêsa Galitzine, a baronesa Krudener e a condessa de Gachet vieram em barco, do norte, pelo Volga, depois pelo Don e pelo Mar Negro e desembarcaram na região de Yalta. Eram três senhoras muito místicas e até um pouco iluminadas, e a ultima era nada menos que a celebre Marie de la Mothe, que teve um importante papel na questão pré-revolucionária do Colar da Rainha, sobre a qual Alexandre Dumas escreveu um romance, talvez menos verdadeiro, mas certamente, mais interessante que a história. Alguêm muito ao facto dos grandes e pequenos acontecimentos históricos, a camarada Solovieva (mulher daquele que transformou Artek em colónia sanitária para os escoteiros, em paraiso infan-

til onde passam mil creanças em cada ano) possue informações documentadas sobre o estado civil dessa misteriosa viajante que, aproximadamente, em 1820 visitou as costas da Crimêa sob o nome de condessa de Gachet, e indica até a pequena casa delicada que, quási com certeza, foi a sua habitação, banhada pelas ondas, entre o monte do Urso e o rochedo de Gurzufe.

Depois, uma parte do país passou das mãos dos aristocrátas, para as dos grandes comerciantes. Ainda se vêem no parque de Artek, saindo de alguma cave não esvasiada e voando ao sabor do vento, antigos rotulos de garrafas com o nome do homem importante que, no tempo do tsar, era proprietário das vinhas, das florestas, das casas... e dos homens da região visinha.

Hoje em dia, a população flutuante é sómente constituida por trabalhadores manuais ou intelectuais.

Entramos no campo das grandes diferenças bem marcadas, entre a Crimêa soviética e a região que, no Ocidente, aproximadamente lhe corresponde. Em Cannes e em Nice, nos hoteis e casas particulares, encontram-se poucos francêses e muitos estrangeiros, diferentes pela origem mas semelhantes pelo dinheiro que lhes sai das mãos; no litoral do Mar Negro, só se encontram cidadãos da União (e alguns da Internacional). Acentuemos ainda mais o contraste, dizendo: aqui, estão trabalhadores vindos para descançar e não inúteis vindos para se distrairem. Distinguem-se,

estas duas espécies humanas, dum lado ao outro da velha metade oriental da Europa, pelo seu aspecto e pelo seu trage, não pelo tipo, porque não ha tipo físico do cidadão da União. Direi mesmo mais: se, rigorosamente, existem certos tipos especificos em algumas populações da União, como por exemplo, o tipo mongol, o tipo kirghiz e o tipo arménio (e ainda devo acrescentar que nem todos os individuos que fazem parte dessas populações, têem, necessáriamente, o tipo carateristico: êste tem-se deformado e tende a desaparecer com o andar do tempo e com os crusamentos)—o que, em todo o caso não ha, é um tipo russo. A sua existência é uma lenda em voga no estrangeiro.

Para dizer a verdade, os habitantes indigenas dos grandes centros russos formam a mais heteroclitica colecção de fisionomias que se pode encontrar. Ha Russos purissimos, de todas as formas e feitios, entre os quais poucos se podem confrontrar com os modelos plásticos consagrados do teatro e da lenda: o boyardo de grandes bigodes, o intelectual hirsúto e nihilista e o mujik de cara feita só de pelos (o diplomata de suissas é só objecto de museu ou de operêta). Seria preciso percorrer durante muito tempo as ruas de Moscou, das grandes cidades e das aldeias, para encontrar alguns traços materiais dessas fisionomias canónicas. E assim tambem seria preciso rebuscar muito tempo entre os operários de boné que se aglomeram à tarde, depois de findo o trabalho, na ponte

de Galata, para encontrarmos a figura clássica ou antes, romantica, do Turco. Aqui, como de resto em todo o mundo, as carateristicas rácicas desapareceram quási completamente, na amalgama formidavel da vida contemporânea. Aqui, como em toda a parte, os traços fundamentais das raças só subsistem no vestuário.

Ha dôze anos passou, nestas regiões, um vendaval mais forte do que em qualquer outra parte do mundo, que tudo modificou. Tanto pior para aquêles que ainda se não aperceberam disso. As gerações actuais da Rússia estão visivelmente proletarisadas. Já disse isto, mas gosto de o repetir. Se acaso existe na Rússia uma raça unificada, não tem caracter étnico: é uma raça de lutadores, de soldados do trabalho, que povôa o país; uma raça onde se difundiu o sangue operário e camponês e tambem, ainda mais largamente, o espirito proletário: a clareza, a energia, o equilibrio, a vitalidade, a saude física do gigante popular. Com feições que recordam tão fácilmente as dos Francêses, as dos Alemães ou mesmo as dos Anglo-Saxões como as dos Slavos, os homens e as mulheres do país dos Soviétes dão sobretudo a impressão duma nova espécie humana cheia de mocidade: toda a frescura, toda a força, todo o entusiasmo do comêço, uma humanidade em mobilisação. Os realisadores da revolução proletária são, como Napoleão dizia de si próprio, não descendentes, mas antepassados.

E, a propósito, faço aqui um parentesis para

dizer que, com efeito, existe realmente um «tipo russo», e que, por uma coincidência curiosa, é sobretudo na Côte d'Azur francêsa que o vamos encontrar sem grandes dificuldades: é o tipo aristocrático, que brilhava antes da guerra em Petersburgo, em Moscou e em Cosmopolis. E' um tipo formoso, estranho e sedutor e apresenta as delicadezas da Decadência: mulheres felinas, duma beleza imponente e perigosa, «fatal», como se dizia dantes, e homens com a graça luxuosa e estranha dos *barzoïs*, uns e outras com olhos de loucos e — como me fez notar um fisiologista—uma certa redondeza curiosa do crâneo. Vêem-se estas prestigiosas criaturas nos lugares para onde confluiram os Russos brancos: em certos restaurantes russos da moda, entre os chauffeurs de taxis de Paris onde abundam os antigos nobres e oficiais tsaristas — e em todo o serviço de limpeza de Cannes, que é executado por soldados e oficiais imperiais e wrangelianos,—sem falar dos salões Grão-Ducais.

De resto, a grande diferença que constáto entre a Crimêa e a Côte d'Azur — essas duas regiões que, a-pesar-de tudo, continuam a sêr fundamentalmente íguais—são as pessôas que as visitam, a imensa maré de forasteiros que as animam periodicamente.

Entre nós, é uma multidão mundana ou mundanisada, aristocrática ou a fingí-lo, que vem distrair-se, esquecer-se e mostrar-se aos outros. Na Crimêa é uma multidão de trabalhadores que vem para recoperar forças. Entre as inúmeras casas de repouso e sa-

natórios da União, os da Crimêa têem, com os do Cáucaso, o privilégio do clima, dum céu que permanece duma incandescente pureza durante mêses inteiros e faz da primavera, do verão e do outôno, festas feéricas de calor e de luz. (Para sêr justo, é preciso confessar que de inverno, a Côte d'Azur é superior à Crimêa, porque o calor e a luminosidade atmosférica não desaparecem, enquanto na Crimêa faz frio e neva. Evidentemente a Crimêa, vista, como nós a vimos, rapidamente, pela sua flóra, não é duma natureza tropical; as cigarras não cantam lá de Julho a Outubro. E' um pedaço de natureza temperada que gosa, durante três quartas partes do ano, dum extraordinário banho de sol.)

Os camaradas soviéticos compreendem bem as férias. Racionalisam-nas. O mês de descanço representa, no destino de cada um dêles, não um papel anecdotico, mas uma funcção orgânica. A gente habitua-se ao repouso como a um sport e é verdadeiramente um sport de que se toma profundamente o costume. Eu, que já não tinha férias ha muitos anos, tomei-lhe o gosto na Crimêa. Acaba-se por sentir a necessidade de andar, de comer, de estar ao sol, de sêr envolvido pelo ar substâncial do mar e batido pela brisa. E' uma limpêsa profunda a que nos entregamos. E' um repouso que equivale a trabalho, porque o prepara. Depois de um tal regimen, pode-se trabalhar onze horas seguidas, como o sabem fazer os camaradas responsáveis.

No entanto, as novas teorias que me foram expostas em Moscou, considerando o repouso como factor directo do trabalho, pretendem dosear com mais rigôr as justaposições de não-trabalho e de trabalho, de maneira a obter-se um maior rendimento. O esforço máximo em bloco, sem outro método além duma espécie de embalagem inicial, é um sistêma antiquado. Os novos pensam agir mais racionalmente. Não deixam de ter razão e serão, por isso, mais fortes.

Chegado aqui, muda-se subitamente de habitos, à espera de mudar de pele (o que não demora muito tempo). A vasta paisagem, vertiginosa e dinâmica da Crimêa, com os seus abismos de verdura, os seus oasis de casas brancas e de fileiras de árvores nêgras, enche-se, ao sol, de torsos em terra cóta e espáduas de caoutchouc vermelho. O banho solar, pinta os corpos com uma primeira demão de ócre amarelo, e em seguida com uma camada de tintura de iodo. Sôbre os bancos, por entre as arvores, ao longo das praias, corpos em pé, assentados ou deitados, recordam os nús salientes e carminados até ao violáceo, da segunda maneira de Renoir. De resto, são estructuras soberbas e algumas atlécticas, as dos corpos que resplandecem sob o sol escaldante, cuja luz salutar é piedosamente recolhida sobre a epiderme, e faz mudar, num mês, da raça branca para a raça nêgra, passando pela amarela e pela vermelha.

Ha saúde, simplicidade, lealdade, compostura. Ha alegria e ao mesmo tempo seriedade neste trata-

mento, seguido para poder produzir mais trabalho ao voltar para casa. E' um dever que cumprem, paciente e gravemente, estes homens e estas mulheres que, pouco a pouco, à força de raios solares, dão à sua branca pele de habitantes da cidade, tons acobreados e dourados, como um fumador «queima» com amor um delicado cachimbo de ambar. De resto, uma organisação metódica e rigorosa fiscaliza e dirige estes úteis trabalhos. Não ha aqui pensamentos reservados, nem libertinagem. Está-se bem longe das maquinações sexuais, da desvergonha hipócrita que grassa nas nossas grandes estâncias climatéricas e balneares da Europa, nesse campo de concentração do snobismo que é a opulenta Deauville e até nos graciosos improvisos, limpos e traçados a cordão, das praias inglêsas ou das praias alemãs do Mar do Norte ou do Baltico — para não falar das New-Jersey e Los Angeles e para não falar, tambem, da Côte d'Azur!

O céu da Crimêa é, na geografia social e moral, o antípoda dessa atmosféra equívoca e cosmopolita, onde o estrangeiro é ao mesmo tempo o *rastaquouère* e o animal de luxo a explorar; onde os casinos não são mais que gigantescos laços, para os quais o cliente rico é atraido, primeiro pelo snobismo, em seguida pela publicidade do mercantilismo da elegância e emfim por agentes de ambos os sexos, subtis e cariciosos.

Sem dúvida a Crimêa não é sómente uma estância de repouso. Tem toda a sua vida económica

própria, com as duas culturas principais da vinha e do tabaco. Voltaremos a falar de êste outro aspecto do encantador país e dos recursos agrícolas e industriais que a naturêsa concedeu ou preparou a esta península, duma extensão igual à da Bélgica.

De tempos a tempos, a naturêsa fá-la teatro de acidentes scismicos dramáticos, assim como, a pôs numa má situação sob o ponto de vista da abundância de água dôce. O problêma da irrigação pôe-se agudamente na Crimêa, como de resto na Transcaucásia e no Turkestão. Muitos outros problemas de importância para a Crimêa estão já a ser resolvidos ou em vias de o serem, pelo Estado Operário e Camponês e pelas organisações locais.

II

Deixei a Crimêa. Passei, mais uma vez, ao largo de Yalta que à noite, parece, como Nice ou como Napoles, um interminavel colar de luzes sobre a imensidade azul do espaço. No outro dia de manhã encontrava-me em face duma costa desértica e batida pelo sol. A região dos oasis está interrompida. Viagem cheia de serenidade e, direi mesmo, de magestade. Está bom tempo, mas, alem disso, o «Tobolsk» é duma tal estabilidade que, quando estamos dentro dele, nunca sabemos se vamos a andar ou estamos parados e é necessário olharmos a paisagem para verificarmos que esta deslisa ao lado do navio imovel.

A cidade que, no esplendor dos ultimos dias bonitos, apercebemos por sobre as ondas, que expõem ao sol monticulos de côr verde viva e monticulos de prata, atravez das idas e vindas das nuvens de passaros, é Feodocia. E' Novorossisk, grande pôrto severo da côr do cimento, feixe de linhas de horizonte cheias de dockas, de entrepostos, de molhes, de quadrilateros com chaminés e de monumentos públicos, ornamentados com explendidas manchas vermelhas: grandes estrêlas e bandeirolas, colocadas por ocasião de alguma cerimonia... Estamos tão longe de Moscou como Moscou está de Paris. Mas tambem já não é a Crimêa...

Ao entrar nas águas orientais do Mar Negro, a caminho desses paraisos terrestres, eternamente verdejantes, de Sotchi, de Gagri e de Sukume, o meu pensamento volta para traz e prende-se na Crimêa.

No capitulo precedente examinei-a só com o olhar do turista. Quero, agora, conceder-lhe uma homenagem prática e, como um operário consciencioso, ajustar por baixo dessas impressões, um pouco de documentação sólida.

Temos pois a peninsula de três lados da Crimêa, que parece a tampa do Mar de Azof, que lhe fica ao lado. A Crimêa tem 25.800 quilometros quadrados: pouco mais ou menos as dimensões da Sicilia, do Peloponeso ou da Jutlândia dinamarquêza. 705.000 habitantes, sendo 500.000 Tataros. O resto são Gregos, Russos e diversos mais. Pouco mais ou menos

os mesmos habitantes nas cidades (321.000) que nos campos (383.000).

Esse prestigioso triângulo crimeano, objecto das ambições dos grandes imperialismos (todos eles teem visto passar Sebastopol nos seus sonhos), foi conquistado a Wrangel pelos bolcheviks num só dia — em 14 de Novembro de 1920. Wrangel não poude levar nos seus navios, além da sua preciosa pessôa—que devia arrastar-se sete anos no exilio—mais do que algumas joias e dinheiro (gostava muito de objectos de valor e de discos de ouro e prata, e numa entrevista que concedeu a um jornal burguês proclamou que o grande ideal da sua vida era apoderar-se das somas consideraveis de dinheiro que a emigração branca oficial tinha levado da Rússia).

A partir de 1921, à medida que se vai esquecendo de Wrangel, a Crimêa organisa-se e eu recomendo áqueles que queiram ter sobre êste assunto uma documentação completa e detalhada, os comunicados das conferencias que o Comité Executivo elaborou em Maio do ano passado sôbre a situação económica do país. . A receita actual da Crimêa é de 35 milhões de rublos: números de 1927. Dêstes 35 milhões, 17 milhões foram utilisados no orçamento local e 18 milhões deram entrada nos cofres da União e da R. S. F. S. R. (Rússia propriamente dita). E destes 18 milhões, 10 tornaram a voltar para a Crimêa (estabelecimentos sanitários e de ensino e auxilio à industria de interesse nacional). As despêsas destinadas no

orçamento aos salários dos dirigentes, a certas administrações e ao Comité Central estão a diminuir. As despesas de caracter social (educação, sanidade, pensões), e os créditos destinados à industria e aos trabalhos públicos, estão, pelo contrário, a aumentar bastante.

Pelas riquezas naturais que são a sua exposição solar e o seu clima, a Crimêa está destinada em primeiro lugar, se assim se pode dizer, à industria sanitária.

A virtude curativa da Crimêa era já explorada no tempo dos tsares. Eram sómente os privilegiados de fortuna e de nascimento, que lá possuiam propriedades onde construiam castelos e *vilas* sumptuosas. No entanto, nessa época, existiam alguns estabelecimentos sanitários para o pessoal dum pequeno número de firmas industriais e havia, tambem, alguns sanatórios públicos, mas as suas diárias estavam muito acima dos recursos dos trabalhadores. Estes ficavam, por tal razão, completamente excluídos dêsse tratamento aristocrático. A exploração metódica das regiões sãs e quentes da União, para tratamento e repouso dos trabalhadores — organisação geral a que nada se póde comparar no estrangeiro — constitue, hoje, um dos espéctaculos mais caracteristicos e mais nobres da Rússia nova. Cada sanatório ou casa de saúde tem os seus hospedes especiaes: ha os do governo, do Comité Executivo, dos sábios, dos artistas, dos camponêses, dos sindicatos, etc.

As casas onde se descança e se é tratado, estendem-se sôbre uma facha de território que segue ao longo da costa meridional da peninsula. Essa tira mirifica de território, cheia de rochedos, de baias encantadas, de palácios brancos envolvidos no azul sombrio, gosa duma temperatura três a quatro gráus mais elevada que o resto da Crimêa (que se pode denominar a Crimêa do norte). E' um brusco sôpro de calor, que nos bate no rosto, assim como, um panorama prodigioso que se desenrola inteiramente perante os nossos olhos, quando se desemboca do interior da peninsula, pela porta de Baidarskiê, na Crimêa maritima.

A velha terra crimeana, cheia de ressonancia turca, tem, desde há séculos, alargado a sua zona agricola. Atinge-se, atualmente, a produção de anteguerra, que é ultrapassada em alguns pontos. Na Crimêa do sul, independentemente do repouso e da saúde, cultivam-se, sobretudo, as uvas e o tabaco. A imensa costa montanhosa e os vales que a cercam pintam-se de côres vistosas, com as grandes plantações de vinha, verdes no verão, douradas e vermelhas no outono, enchem-se de campos de tabaco e cobrem-se de sequeiros onde as grinaldas de folhas de tabaco se tornam castanhas à medida que envelhecem. Estas culturas estão principalmente nas mãos dos camponêses tataros e gregos.

O trigo aparece a alguma distância das costas: grandes e belas explorações alemãs, israélitas e tata-

ras, 665.000 hectares semeados de trigo. Para todos os diversos produtos agricolas, a superficie atualmente semeada, é de 98 % da anterior à guerra.

Se ha na Crimêa menos 80.000 cavalos e 20.000 pórcos, que antes da revolução, existem, em compensação, mais 65.000 cornupetos e 100.000 carneiros e cabras do que nesse tempo. O Plano Quinquenal decidiu que seriam tomadas todas as medidas de forma que, em 1932, o número dos cavalos, tenha aumentado meio por meio e o dos porcos esteja duplicado.

A agricultura na Crimêa é cultura de Estado na proporção de 5,4 %, cultura coletiva na de 5 % e cultura privada nos restantes 89,6 %. Possue, actualmente, a Crimêa 49 centros agrónomicos, 500 terrenos de experiência, 38 haras, 24 centros de aluguer de máquinas para a cultura geral e 35 para as sementeiras. Todos estes estabelecimentos e organisações estarão multiplicados ao fim dos cinco anos próximos.

O rendimento da terra, que, graças à selecção das sementes, aos adubos minerais e ao emprego de máquinas, está actualmente em avanço, sôbre a producção anterior, de um terço para a cevada, um quinto para a aveia e dois terços para o milho — aumentará de tal forma que o trigo, por exemplo, dára 11,4 quintaes por hectare e que a colheita terá o valor de 56 milhões e meio de rublos. A parte negociável de toda a producção agricola da Crimêa deve sêr em 1932, de 64 % do total. Esta producção total terá,

então, aumentado 95 °/₀ e atingido o valor de 85 milhões de rublos.

A agricultura e a industria estão enxertadas uma sôbre a outra e ambas se baseiam na força motris, segundo o principio soviético da economiá dinâmica. Na Crimêa, a energia eléctrica é de 19 kw. hora por cabeça; este número deve em 1932, passar para 54. O número de fábricas trabalhando com o auxilio da corrente passará de 48 a 66, e a energia por elas utilisada, será quatro vezes maior.

A indústria metalurgica está instalada na cidade de Kertchi, situada no centro duma região, cujo sub-solo é rico em mineral de ferro. Ali, como por toda a parte, as grandes fábricas estiveram arruinadas durante a revolução; depois, todos os anos, um ou dois altos fornos novos surgem da terra. Kertchi fornece actualmente 54 milhões de toneladas. São, egualmente, recolhidas 400.000 toneladas de enxôfre nos arredores da mesma cidade. O Gosplan e a Academia das Sciências estão de acôrdo para garantirem que existe ali uma provisão de enxôfre, que só ao fim dum século, poderá estar esgotáda. Os outros productos naturaes são a pedra para construções, a argila, a areia, a cal, o asfálto e o sal.

A indústria e o comércio crimeanos têem muito a aproveitar com o cimento, apesar-de a Crimêa o não produzir; mas, bem perto em Novorossisk, onde existe uma pedra de cimento semelhante à de Bolonha, fabricam-se, por ano, 16 milhões de bochkas dêste magnifico produto.

Ha na Crimêa, segundo me assegurou o director duma emprêsa, 20.000 operários. Seja como fôr, dentro de cinco anos, o número de operários terá aumentado 69 °/₀ e o capital base das emprêzas, deve sêr de mais 168 °/₀. No tempo do tzarismo, a industria privada, a única da Crimêa, empregava 2 a 3.000 operários, o máximo. A participação das explorações privadas no conjunto era, em 1927, de 24 °/₀. Em 1932 será só de 12 °/₀ e deve estar totalmente anulada no que respeita à grande indústria.

A Crimêa tem muito carvão, mas ainda se está no periodo de sondagens e buscas das hulheiras.

Em 1927 as industrias químicas do Estado tinham uma produção de 993.000 rublos, a de cortumes 2.529.000, as conservas 3.856.000, as fábricas de moagem 7.358.000. Estes números devem estar, pouco mais ou menos, dobrados e, para as conservas, triplicados em 1932 (a produção metalúrgica de Estado, na Crimêa, deve atingir, então, 26 milhões e meio) em consequência da aplicação dum capital de exploração de 108 milhões de rublos.

Os trusts de vinhos fazem explendidos negócios na Crimêa. Por ocasião da sua última estada na península, Maximo Gorki afirmava que pouca gente conhece a importância tomada pela venda, no exterior, do vinho da Crimêa (500.000 vêdros, segundo afirma). Os trusts do vinho, que organisam a exportação, têem

uma receita anual de, aproximadamente, 4 milhões de rublos.

A questão dos transportes foi deploravelmente posta à margem durante o periodo dos tzares: os historiadores juram por tudo que Nicolau I tinha uma grande quantidade de projectos, ácerca de estradas e vias de comunicação, mas, por motivos desconhecidos, não pôz nenhum em execução.

A extensão total dos caminhos de ferro da Crimêa é, actualmente, de 570 quilómetros — o que é absolutamente insuficiente em presença das tumultuosas exigências da indústria e da imensa rêde de sanatórios e casas de repouso. Ora o Plano dos Cinco Anos fala-nos, sobre êste têma, duma forma exacta e prática: Sebastopol e Yalta serão ligados por uma linha de tramways, Yalta será ligada a Simferopol pelo caminho de ferro (os planos deste trabalho estão terminados e vai começar a sua execução, que custará 20 milhões de rublos). Outras linhas — 230 quilometros ao todo — darão aos caminhos de ferro crimeanos, a extensão de 800 quilómetros.

A sexta parte das estradas da Crimêa está já alcatroada e a estrada de Sebastopol a Aluchta não tem nada a invejar, quanto a largura e bôa conservação, à famosa Corniche d'Or, que segue ao longo do Mediterrâneo. As estradas da Crimêa estarão inteiramente alcatroadas dentro de três anos ou, pelo menos, os 644 quilometros que são propriedade do Estado.

Não se pode deixar de mencionar — e de cele-

brar — o cais em cimento armado (60.000 rublos) que se estende deante da grande cidade de Yalta. Independentemente das estradas novas (como a que unirá Sebastopol a Simferopol, com 70 quilometros), por toda a parte as vias de comunicação têem sido aumentadas e aperfeiçoadas. Cem mil rublos foram consumidos nas estradas que servem Yalta e 450.000 no conjunto das estradas da Crimêa. Está-se trabalhando (12 milhões de rublos foram destinados a essa obra) para aumentar o número de estradas nacionais, meio por meio, e para duplicar os caminhos comunais.

O tráfico pelo Mar Negro, que foi preciso reorganisar, desperta com bastante actividade. Não se passam muitos dias sem que, todas as escalas, de Odessa a Batum, recebam a visita dum barco a vapor carregado de passageiros e de mercadorias. Ha, em Odessa, quatro barcos novos: são dois para a carreira Odessa-Batum e dois para a Simiis-Yalta.

O problema da irrigação é do máximo interesse para o desenvolvimento do país, o qual luta com falta de água durante o verão. Dois exemplos darão a ideia desta penúria: o volume de água do Aiana varia de $0,^{m^3}023$ a 18^{m^3} e o dum outro curso de água, o Skêlia, oscila entre 0,025 e 26 metros cúbicos! Todos os anos são destinados à captação de águas e à construção de depósitos em cimento armado e de canalisações, 150 a 200.000 rublos.

O Plano Quinquenal, nas suas previsões imperativas, estuda o arranjo moderno das cidades de Yalta

e Sebastopol e o melhoramento dos cinco portos da Crimêa: Fêodocia, Kertchi, Evpatorisk, Sebastopol e Yalta. Este ano serão gastos 80.000 rublos, só na organisação dos planos.

A historia da Crimêa enriqueceu-se, o ano passado, com uma página terrivel: o tremôr de terra. Durante três mêses, a partir de setembro e quási sem interrupção, viu-se a terra, segundo a expressão pitoresca que ouvi a um campónio, balançar como um berço. As arvores e as casas, grandes e pequenas, balouçavam como os barcos no mar. As casitas pequenas caíam por terra e os seus destroços enchiam os jardins e os caminhos, as casas grandes fendiam-se de alto a baixo, os rochedos saltavam dos seus alvéolos nas montanhas. Em certo momento, o mar retirou-se bruscamente, deixando à vista, completamente nuas, sobre a praia, as pessôas que tomavam banho. Nada póde reproduzir o pavoroso dessa oscilação do solo que durou perto de cem dias, destruindo regiões e aldeias inteiras. Todos os que assistiram ao cataclismo se lembram do espanto e como que da loucura, que êle lhes produziu e, por quási toda a parte, nos ferem ainda a vista os vestigios formidaveis e dissimétricos do monstruoso flagelo. E, no entanto, está já quási tudo reconstruido, refeito, composto, substituido. Os prejuizos materiais foram avaliados em 30 milhões de rublos. Moscou deu, em 1927, sete milhões. Este ano o seu donativo elevar-se-ha a quatro milhões aproximadamente. Estas sômas são

especialmente consagradas à reconstrução das habitações.

Os novos edifícios são de preferencia construidos em cimento armado, que resiste melhor que a pedra aos abanões terrestres. Duzentas e cincoenta casas novas foram edificadas para 250 familias de camponêses pobres. Estas casas teem dois quartos e um corredor. Pode-se dizer que, neste momento, estão reparados 50 % dos prejuizos materiais. Independentemente dos sete milhões, dados pelo governo da U. R. S. S., houve ainda para os trabalhos de interesse público e, especialmente, para a reedificação das casas de saúde, uma despeza de 10 a 11 milhões de rublos: 120.000 rublos para Suuk Su, 25.000 para Mukhalatka, 50.000 para Livadia e 200.000 para Dulberg, a antiga propriedade do irmão do tsar. As despezas consideraveis, resultantes do formidavel imprevisto do tremor de terra, obrigaram a restringir ligeiramente, este ano, o número de pessoas tratadas nas casas de repouso e sanatórios da Crimêa. Em Yalta e nos seus arredores estiveram a tratar-se só 350.000 doentes ou enfraquecidos, quando é certo que, no ultimo ano, estiveram lá 400.000. No entanto, este ano como nos outros, continuou metódicamente o desenvolvimento da imensa rêde sanitária da Crimêa. Em Yalta, foi construida uma polyclínica, dum tipo particularmente aperfeiçoado (na União Soviética existem apenas duas casas deste género). O estabelecimento, a que foram destinados 200.000 rublos, funcio-

nará mesmo durante o inverno e terá lugar para trezentas pessôas.

Já aqui falei de Artek, o paraizo dos pequenos escoteiros depauperados. Em Simiis, ha um grande sanatório do Estado e nos seus arredores um sanatório Ukrâniano. Em Mukhalatka, existe um sanatório destinado aos membros do governo e em Aluchta uma casa de repouso da União dos Sindicatos, com alojamentos para quatro mil pessoas. Aluchta tem seis quilometros de praia. Evpatorisk possue um instituto de banhos de lama (êste edificio, completamente novo, custou um milhão de rublos). Está começada a construir em Dalazi, a seis quilómetros de Yalta, em plena montanha, uma polyclínica e um sanatório para tuberculosos, que custam dois milhões e meio de rublos: a estação estava ha quinze anos em observação. Os edificios foram acabados em Junho. Tem cento e cincoenta lugares e cada doente tem o seu quarto, etc... E este ano gastou-se milhão e meio na construção de pequenos pavilhões. Este estabelecimento foi financiado pela Caixa de Seguros, proprietária de seis sanatórios e casas de repouso, na Crimêa.

Tambem existem na Crimêa casas de repouso, do Estado, em que se paga. O preço, porêm, nunca vai a mais de 130 a 150 rublos por mês.

Neste país, cuja população tem aumentado depois da revolução, o operário é, em geral, mais bem remunerado que no resto da União. Um dos enge-

nheiros que mais activamente se ocupa da reconstrução industrial da Crimêa, assegurou-me que, actualmente, no sul, os pedreiros e outros operários de construção ganham 5 a 6 rublos por dia e até, por vezes, 8. (O rublo vale 13 francos.) Na metalúrgia, os aprendizes ganham 40 a 50 rublos por mês, os trabalhadores médios 70 a 80 e os bons operários 150 a 200. Em toda a Crimêa, os salários médios mensais são: na grande indústria, 65 rublos; na pequena 58; nos estabelecimentos de comércio, 67; na construção, 73; nos transportes, 50; na agricultura, 36; entre os professores e os artistas, 58; os empregados dos estabelecimentos sanitários, 45 e os empregados do correio, 64.

Um dos objectivos do Plano Quinquenal é fazer aumentar 20 % o salário médio. E, se tivermos em conta a diminuição dos preços de consumo, o aumento será, na realidade, de 46 %.

Dispendem-se anualmente 452.000 rublos na protecção ao trabalho e vai ser dada uma expansão enérgica ao movimento cooperativo, que está um pouco estagnado.

Ha onze escolas novas. A instrução é ministrada nas linguas tartara, grega e russa. Quem passe hoje, nas cidades e nas aldeias da Crimêa, pode notar os progressos realisados na difusão do alfabeto latino para a lingua turca. Esta engenhosa intervenção da escrita latina permite, segundo me asseguraram, aprender o turco em três anos.

Vejamos, agora, a atmosféra política. Antes da guerra, havia na Crimêa um pequeno quadro comunista. Durante a sinistra época de Wrangel, êsse pequeno quadro reforçou-se e aumentou. Irredutiveis revolucionários ocupavam a montanha e incomodavam constantemente Wrangel, que tinha de receber. sem os restituir, os golpes destes franco-atiradores, Depois da grande fome, tão mortifera que, em 1921, afligiu a Crimêa, o auxilio de Moscou fez-se sentir calorosamente aos seus desgraçados habitantes. A maioria dentre eles consideram hoje a soviétisação como sendo dum grande interesse para o seu país. Entre os tartaros ha, nas cidades, 5 °/₀ de comunistas e entre os camponêses 2 °/₀. Contam-se sete mulheres presidindo a Comités de aldeias tártaras. Nas pequenas casas turcas, sem outros moveis além de tapetes, nos seus dois quartos,—quarto de recepção e quarto de habitação,—os costumes novos começam a substituir os velhos, com a triunfante confiança da juventude que cresce. Alguns velhos conservam ainda, debaixo dos seus barretes de astrakan, restos tenazes de superstição religiosa. Mas isto desaparece pela força das circunstancias, como todos os pesadelos se esvaiem com a luz do dia. O tremor de terra derrubou bastantes mesquitas. Ora, como o Estado não dá dinheiro para instalar nelas novamente o culto, continuam destruidas. Isto está conforme a fatalidade historica: é assim que, pouco a pouco,

as massas humanas, quer queiram, quer não, retomam, em todos os campos, o seu verdadeiro caminho.

Eis o meu golpe de vista sobre a encantadora e viva Crimêa. Devo-lhe bastante, porque ela me restituiu a saude e tambem porque admirei e amei apaixonadamente as suas vastas paisagens, erguidas entre o mar e o sol. Mas, parece-me que faltaria ao respeito devido a qualquer região da União Soviética, se não evocasse, ao mesmo tempo que os seus reflexos e as suas luzes, os dados precisos que fazem da Rússia o teatro duma renovação social única na historia e se desprezasse as triunfantes estatisticas, quando quero falar a seu respeito aos operários e aos intelectuais revolucionarios do ocidente.

VIII

Nos scenários do Paraizo Terrestre

Parti da Abkhasia como quem desperta dum sonho. No mês de Janeiro, a nevosa cidade de Odessa, para onde me dirigi, espreguiça-se, imensa e gelada, nas suas magníficas linhas marítimas e urbanas. Alêm era o resplendor do céu e o seu calor. O paquete Ilitch, que me trouxe de Gagri a Odessa, transportou-me do verão para o inverno, em três dias.

A Crimêa é luminosa, sêca e fria, durante o inverno. A Abkhasia é luminosa e húmida, e, mesmo inundada pelas chuvas, é quente durante o inverno. E' uma terra pródiga e magnífica, espessa e negra, onde a vegetação tropical prospéra, mais luxuriante que nos próprios trópicos. Dir-se-hia um Jardim Botânico plantado à beira de montanhas esplêndidas.

A estrada de Sukhume a Teberda pode rivalisar com a ilustre e admiravel estrada militar, que corta ao meio as montanhas do Cáucaso, de Vladikavkas á Tiflis. E', por assim dizer, uma praia supra europeia e quasi sobrenatural. A natureza parece ter construido

nas costas orientais do Mar Negro uma imensa estufa tropical. Nestas terras que tomam, durante a estação chuvosa, interminaveis banhos quentes e sobre as quais o sol de verão passeia depois, como um projector, os seus raios implacáveis, todas as arvores exóticas se dão bem e bracejam no espaço, soberbamente. Vêem-se bananeiras, cujas grandes folhas verdes e curvas são mais largas que as espáduas dum homem e têem uma espinha dorsal mais forte. Estas bananeiras florescem: vê-se pendurada a sua estranha flôr visceral, sustentada por uma espécie de mola e até se podem ver cachos de frutos, ainda que mortos à nascença. Vêem-se palmeiras fenix — as palmeiras clássicas — de troncos largos e altos (ha-os tão grossos como as colunas onde, nas nossas cidades, se afixam os cartazes de teatro), e terminadas por um ramalhete de folhas, em forma de leque de pontas, ao lado das palmeiras camelos, cujo tronco às escamas está recoberto com uma rude pelagem. (Antes de saber que lhes chamavam camêlos, chamava-lhes eu ursos). Pérto, em parques ou ao longo das estradas, as drassenas elevam os seus molhos divergentes de finos caules, na ponta dos quais se balança um ramalhete eriçado. São estas palmeiras que dão completamente o efeito de orientalismo romântico e não podemos deixar de evocar, a seu lado, um pedaço de deserto, com um beduino e um minarete.

Em Sukhume penetrei num bosque de palmeiras: uma espessa penumbra caía dessas grandes folhas

verdes que estamos habituados a ver, individualmente, nas estufas e nos átrios das casas. E ao sair desse bosque segui por uma rua, formada por gigantescos ricinos, onde se poderiam filmar umas scenas do *Tio Tomás* ou de *Paulo e Virginia.*

Hoje, recordo estas impressões do mês passado, percorrendo as grandes pedras rectilineas do porto de Odessa, cobertas com um branco colchão de neve, onde o vento nos fustiga o rosto com um frio de dez graus abaixo de zero. Penso nos choupos de Gagri. São formidaveis. Na praia, a alguns passos do cais, há uma fila dêles, lembrando monstruosas colunas recobertas de casca, espécie de campanários de madeira que quatro ou cinco homens, de braços estendidos, não poderiam abraçar junto ao pé e que sobem a mais de quarenta metros de altura.

Recordo tambem os carvalhos, que são os visinhos das velhas torres de Novi-Afon. Sacudiram, furaram e esmagaram as muralhas seculares e teem nas suas raizes, como em tentáculos, pedras ainda esculpidas que, como os epitáfios dos livros, dizem a sua idade. Ha uma série completa destes formidaveis gigantes, sobre o monte, entre as duas torres em ruina, que são as cabeças da montanha. Noutros pontos as sobreiras incham as suas carapaças de paquidermes até uma grossura verdadeiramente excepcional nesta espécie de árvores.

Experimentou-se transportar para Sukhume exemplares de origens geográficas diversas de uma

mesma planta e constatou-se que estas plantas teem mais vitalidade e força de expansão nos terrenos de Sukhume, do que na Sicilia, na Algeria ou na Madeira. Num dos parques, onde nos serviu de guia o camarada Semidovitch (da mesa do Comité Central da U. R. S. S.) que passava lá as suas férias, crescem eucaliptos que, em trinta anos, atingem um desenvolvimento que não conseguem em 50 na Austrália, seu país de origem.

Tem-se feito toda a espécie de ensáios entre esta vegetação feérica: plantas de perfumes, palmeiras textis, mimosas, de cuja casca se extrae o tanino, producto que até aqui a U. R. S. S. comprava no estrangeiro. Até tem sido cultivada — a titulo de curiosidade — uma planta que produz um belo fruto vermelho e acabou-se por verificar que esta planta não servia absolutamente para nada. Não é comestivel, mesmo para os animais, não é perfumada, nem oleaginosa. O seu fruto, que é muito bonito, (assemelha-se a um explendido tomate, perfeitamente esférico e dum escarlate puro) não pode sequer servir para ornamentação, por causa da sua fragilidade. Mas já está feita essa verificação e, por isso, não se cultivarão mais. A árvore dos melões (o Karica) dará melhor resultado? Não se sabe ainda, porque a espécie de melões que produz na ponta das suas grandes pernadas, só dentro de alguns mêses amadurecerão pela primeira vez. Sôbre o ponto de vista de madeiras para mobiliário, tem-se plantado o teixo (a que

chamam a madeira vermelha) e o *chumchit* de que se fazem bengalas pesadas e duras e pequenas colheres empregadas pelos camponeses para se servirem individualmente do prato comum: a mesma colher serve, sem se estragar, para a alimentação de várias gerações.

São estas algumas das vantagens concretas, resultantes duma temperatura anual que varia desde 15° no inverno, a 40° no verão. Os camponeses dirão mais que na Abkhasia as galinhas põem todo o ano... Por estas diferentes razões e ainda por outras, a Abkhasia é chamada, pelos seus habitantes, Absu, isto é, o Paraizo.

Conservo nos meus olhos e nunca mais me esquecerei do triplice desenvolvimento das três baias sucessivas de Gagri, de Novi Afon e de Sukhume. Já disse, ao falar destas regiões, que são o mais belo país do mundo.

Não temo repetir esta audaciosa, sumária e um pouco pueril, afirmação.

—Gagri foi o feudo do principe de Oldenburg, tio do tzar Nicolau II. Li em tempos que este grande personagem adquiriu ali, por alguns milhares de rublos, uma propriedade que valia milhões e isto fez escândalo, até no tempo dos tzares.

Para ser justo, é preciso acrescentar que o principe de Oldenburg gastou dezoito milhões de rublos, para transformar o fundo da baia, num parque plantado de essencias raras, que desce até ao mar, em es-

carpas montanhosas. Mas é ainda mais justo acrescentar que os operários, empregados neste imenso trabalho, não eram pagos e só ganhavam a alimentação: era numa época de fome e o principe explorou engenhosamente essa catástrofe.

Já não ha principe em Gagri. Só existe a sua carruagem: uma espécie de enorme diligência pintada de amarelo e azul, que se conserva como uma relíquia inútil e um pouco ridícula, sobre a plataforma giratória onde dantes evoluia despoticamente.

Já não ha principe, mas existe ainda o parque principêsco que se estende durante quilómetros, à beira-mar, para traz da velha cidade de Gagri: choupos e plátanos, palmeiras e ciprestes, chorões e magnólias. Ha tambem os vastos edificios que a incómoda presença desse potentado tornava necessários, para alujar a sua comitiva, os seus criados, camareiros e intendentes. Esse grupo de edificios, constitui como que uma enorme estalagem, das usadas no Oriente, para alojar as caravanas e como uma *villa* de luxo, nem sempre é do melhor bom gosto (nocivos resultados do «estilo moderno» e arrebicado de 1907). Mas, no seu conjunto, estas construções são amplas e magestosas — até com um bocado de boa vontade, o edificio de madeira, demasiadamente recortado, que Sua Alteza mandou vir, inteirinho, da feira de Nijni Novgorod.

Em seguida ao parque, a curva da praia, que se dirige para a parte nova de Gagri, é de uma graça

feérica, bordada de palmeiras, que se recortam nitidamente sobre um céu muito azul e tambem de ciprestes e de todas as espécies de arvores, recobertas, por vezes, de alto a baixo, de plantas trepadeiras. Poderiamos julgar-nos em face duma praia cheia de sol da Tunísia ou da Sicília, se os habitantes que passam, a pé ou a cavalo, não designassem, pelas suas silhuetas, o lugar da terra onde nos encontramos. Os cavaleiros são particularmente prestigiosos. Algumas vezes são soldados, mas no geral são camponezes. Estes usam vestida a imensa burka, de feltro negro e peludo que cobre tambem a garupa do cavalo e cujas pregas rígidas, aumentam magestosamente a estrutura do homem que a traz vestida. Usam um turbante de lã cinzento ou castanho, cujas pontas caem aos lados ou saem como asas, à direita e à esquerda da cabeça. Outros usam o boné de astrakan, baixo e largo. Vêem-se tambem algumas mulheres a cavalo, assentadas de lado na céla, quando são raparigas, e escarranchadas se são mulheres casadas. Passam carros, arrastados por búfalos de olhar bondoso e tímido. Estes gigantescos ruminantes, de enormes chifres canelados e dirigidos para traz, ao longo do crâneo, são os bichos mais pacíficos da criação. Perto das cidades tais como Sukhume ou Gudauti, ha verdadeiras procissões de carretas, no meio das quais os carros lançam (conforme o tempo que faz) a poeira ou a lama — e o pânico. Encontram-se tambem na grande estrada que segue à beira-mar, dum extremo

ao outro da Abkhasia, cavalos carregados com tábuas (60 kg. de cada lado), alguns faetons e automóveis e muitos piões: camponezes cobertos com o bachlik (turbante) ou com um pequeno chapeu de feltro preto ou branco, ex-frades, reconheciveis pela pelagem um pouco equívoca que lhes orna o queixo e as faces e pelos cabelos compridos e sujos, atados atraz com um cordão de sapato. Alguns rudes camponezes que voltam para casa, trazem o varapau ao ombro e, pendurados deste, os restos das refeições: bocados de carne, de queijo ou fatias de pão, que não se resignaram a deixar na meza do restaurante. São sobretudo velhos, quasi centenários, geralmente empacotados na burka rigida, como icones e rapazes magníficos, de traços puros.

Todos falam uma das três línguas: o abkhasiano, o georgeano ou então o russo. E se à beira da estrada existe alguma loja, algum hospital ou, numa encruzilhada, alguma estalagem, as taboletas são escritas num destes três idiomas. Esta exibição, tão nítida e tão oficial, das três línguas locais, data do regimen soviético, de que é o sinal exterior mais preciso. Do regimen soviético, data igualmente o emprego do abkhasiano escrito.

Até há pouco ainda, esta língua transmitia-se só oralmente, como as velhas lendas populares. Não existia, se assim pode dizer-se, senão no espaço sonoro e não na geometria dos sinais. O poder soviético captou-a e encerrou-a num alfabeto. Não era

coisa das mais fáceis, em virtude da extraordinária gama de sons da língua abkhasiana: descobriu-se, nessa altura, que tinha setenta e oito sons diferentes. Procurou-se reduzir o número de sons, mas não se conseguiu levar essa compressão a menos de 62. Poucas línguas apresentam uma tão grande riqueza de modulação. Com uma colecção semelhante de ruidos classificados, chega-se a imitar o canto das aves ou o sussurro das folhas. Uma das células sonoras da lingua é um verdadeiro assobio: não se consegue pronuncia-la bem, a não ser com um apito. Exprime-se esta prodigiosa série de sonoridades por meio do alfabeto latino, mas tiveram de ser importados do alfabeto russo sinais suplementares e até inventar alguns, depois de esgotado o alfabeto latino.

Acrescentarei que uma geração nova de prozadores e de poetas, procura dotar, pela primeira vez, com uma literatura impressa, a velha língua abkhasiana.

Depois de Gagri, ha uma outra grande e explendida curva da costa: Novi-Afon. Vê-se, quando se vem de Gagri, do alto duma paisagem de vales e desfiladeiros fechada, a um e outro lado, pelo Cáucaso coberto de neve. Impressão penetrante e inexquecivel a que nos deixa esse mosteiro, construido por frades gregos, vindos da velha Afon há 150 anos. E' um verdadeiro fresco de primitivo, no alto da colina imensa que desce em anfiteatro até ao mar. Este quadro está subdividido pelas verduras geométricas do imenso parque:

uma fronteira de gigantêscos ciprestes desenha um quadrilatero com a sua alta linha negra, e, no interior, o branco dos edificios apercebe-se atravez das florestas simétricas de oliveiras cinzento prateadas, de cuniferas e de carvalhos de cúpulas clássicas, e os prados plantados de tangerineiras, semelhantes a lanternas acezas. Quando se entra nesse domínio, recebe-se uma impressão de grandeza tranquila, que quasi se transforma em angustia, ao cair da noite, quando as imensas muralhas das alêas de ciprestes, se erguem ao nosso lado, como os taludes duma grave estrada da morte. A-pezar-da revolução, a-pezar-da república, a-pezar-da liberdade, o quadro rígido e implacável da vida monástica transparece em todas as coisas e esmaga-nos cristãmente os hombros.

Neste mosteiro viviam uns mil frades, cincoenta dos quais exploravam os outros. Isto foi-me contado inocentemente, numa bela tarde melancolica, por um ex-frade que vendia jornais num antigo caminho do Calvário, guardado pelo grande exército sombrio dos ciprestes de cógulas negras: «Havia frades ordinários que trabalhavam sempre. Um pouco mais acima, os monges mais beneficiados, que escreviam e em seguida os que dirigiam; depois, ainda mais acima, na casa chamada o Ninho das Andorinhas, agarrada à montanha a pique, o bispo, que não fazia nada».

Hoje, na casa dos frades dirigentes, existe uma

casa de repouso (dirigida, de resto, por um antigo frade).

Quando lá fui, essa casa estava fechada, mas uma multidão de operários e de operárias estava ocupada na colheita e expedição das tangerinas da propriedade. (E' enviado meio milhão para Moscov, Kharkov e Kiev). Entre os operários, cavadores e jardineiros que cuidam do parque, há alguns antigos frades reconhecíveis pela sua silhueta hipócrita e por um resto indelével, de tinta eclesiástica. Outros frades, que já não são, como dantes, obrigados a trabalhar e preferem não fazer nada, vagueiam pelas estradas, em farrapos, mendigando o pão de cada dia. No mosteiro está agora um hotel. O vasto refeitório dos frades, perfeitamente semelhante a uma igreja, com as suas arcádas e os seus frescos, é hoje um restaurante. Precisamente debaixo do púlpito, onde durante as refeições um irmão lia a Bíblia, foi colocado um piano em que eu ouvi tocar patéticas canções populares.

E toda a gente, em lugar de se petrificar, como dantes, directa ou indirectamente, nas regras monásticas, procura as regras praticas da nova vida. Dedica-se a plantar vinhas em lugar do milho, única cultura aqui adoptada desde tempos imemoriais. Procura-se, tambem, como me explicava um pastor, que guardava uma manada de vacas explendidas nas pastagens do antigo mosteiro, melhorar o gado local — pequeno e fraco — importando explêndidos specimens para a regeneração.

A uns vinte quilómetros, num outro grande anfiteatro, aos pés do qual se espreguiça, num vasto arco, batido pelo sol, o mar azul-negro, agrupam-se as casas, as arvores e os vinte mil habitantes de Sukhume.

No alto, está o palácio dos macacos, e torna-se necessário falar, em primeiro lugar, dêstes antepassados quadrumanos. O referido instituto foi fundado há dois anos. E' dirigido pelos professores Forsikov (do Instituto do Cérebro) e Voscrêsienski, assistidos pelo doutor Toboldine. Tem quarenta e dois macacos. Em nenhuma parte do mundo ainda se viu isto. Os alemães tentaram, é certo, agrupar e criar macacos na ilha de Tenerife; mas não poderam reunir mais de oito, que não se reproduziram. Nada poude sêr feito na América, a-pezar-de várias tentativas. Quanto à experiência tentada no sul da França, em Cagnes, é ainda muito recente, para a podermos já tomar em linha de conta.

Há, recentemente, na casa dos macacos de Sukhume, dois novos locatários, lá nascidos. Um tem cinco semanas, e o outro, cinco mêses. O primeiro não sai de ao pé da mãe, que tambem não pensa em o abandonar: quando nós chegámos diante da gaiola em que reside, agarrou no filho, apertou-o fortemente contra o peito e retirou-se para o extremo oposto da jaula, segurando com um braço, de encontro ao coração, o filho que se agarrava a ela com as duas mãos. Esta família de pequenos rostos delicados, de olhos

muito móveis, muito brilhantes e superiormente inteligentes, é uma família de *mandrills*. Olham-nos fixamente, com um olhar agudo e penetrante, como uma lâmina finíssima e estendem-nos de bôa vontade as suas mãozitas negras. O *mandril* de cinco mêses, nascido em Sukhume, parece muito bem desenvolvido. Esse magro bébé negro é já um gimnasta consumado. Em ouvindo diante da gaiola o tic-tac dum metrónomo, interrompe qualquer ocupação e aproxima-se o mais depressa que pode. Sabe bem que êste ruido é sempre acompanhado da dádiva de um bago de uva. Alguns passos mais longe assisti a uma scena ruidosa e melodramática: dois *mandrills*, ainda novos, não se podem vêr, arreganham os dentes e tentam constantemente lançar-se um ao outro. A-pezar-de estarem separados por uma grade, do facto poderiam resultar feridas e contusões. E' isto que inquieta, particular e constantemente, a mãe dum dos adolescentes, a qual, de cada vez que o filho tem um acesso de furor contra o outro, corre e aperta-o nos braços, retendo-o com todas as suas forças e soltando gritos despedaçadores.

Nestas habitações gradeadas, em que há uma temperatura perpétua de vinte graus, vivem tambem cinco chimpanzés. Estes, têem um aspecto muito mais inquietante, com a cara chata como uma sóla, enquadrada por uma barbicha em leque. Ao meio, as duas bolas de vidro amarelo, muito juntas, que são os olhos, têem uma luz fina, misteriosa e um pouco ter-

rível. Estes chimpanzés, que são de grande estatura, obedecem facilmente à voz do professor, mas, fóra disso, não são nada tratáveis, sobretudo Tarzan, que tem vinte anos de idade. Agarra-se ás grádes, fica imóvel e tem uma maneira hierática e ameaçadora de erguer o punho fechado, quando apercebe um bípede estranho. E' justo dizer que estes chimpanzés (Tarzan, Liza, Ziussi, Senador e Tirnich), têem uma certa razão para não estarem contentes: só gostam de comer bananas e neste momento não as há.

Ha tambem ali três órango-tangos, os mais inteligentes e os mais «irmãos» de todos os macacos. Tive o prazer de pegar ao cólo em Boby, de três anos de idade, que, quando eu parti, me apertou amigavelmente a mão, com a sua mãozita de dedos compridos.

Vai ser construido, para estes humildes concidadãos, um parque ao ar livre, com uma área de dois hectares e meio. O camarada Rykov, encantado e edificado com uma visita que fez a esta instituição, deu quinhentas barricas de cimento. A Caixa de Seguros forneceu 40:000 rublos.

Para que se faz esta criação de macacos, que requere o trabalho exclusivo de sábios eminentes e que custa muito cara, dado o regimen de alimentação necessário aos hospedes infra-humanos de Sukhume, ovos frescos e bananas? O interêsse scientífico desta iniciativa, é considerável. Devem resultar dela complementos de informações preciosas sobre a biologia humana. Os macacos estão ali para observação e

experiências. Em primeiro lugar, sob o ponto de vista psicológico, porque é mais fácil separar nos organismos inferiores (não muito inferiores, mas, ainda assim...) as reacções primordiais e as leis basilares do funcionamento dos nervos e do centro nervoso. Em segundo lugar, a medicina humana pode, com muito bons resultados, verificar e corrigir os seus dados mais recentes, pelo estudo comparado dos animais, senão para todas as doenças, pelo menos para algumas. E assim, por exemplo, o professor Voscrêsienski foi levado a fazer, graças aos macacos, uma aproximação cheia de interesse, entre a malária e certas doenças, devidas aos vermes intestinais, doenças que apresentam os mesmos sintomas que a malária, sendo fundamentalmente diferentes. Por agora, ainda se está no período das observações preliminares e de adaptação ao meio.

A esplêndida e encantadora Abkhasia, sôbre a qual se poderiam contar tantos detalhes pitorêscos e sedutores, foi, no último período da história, um bem lamentável paraizo terrestre. Dantes teve muito mais habitantes do que tem hoje. E ainda, actualmente, há duzentos mil abkhasianos espalhados pela União Soviética e, sobretudo, pela Turquia — emigração a que obrigaram as guerras e a miséria. A rèpública da Abkhasia tem hoje, aproximadamente, setenta mil habitantes, no espírito dos quais está bem viva ainda a recordação dos maus tratos que receberam do regimen menchevik, apoz a quéda do tzarismo.

Nos cinco ouiesd da Abkhasia, há duzentas escolas com vinte e cinco mil alunos. No tempo dos tzares havia só sete mil alunos e sete mil, igualmente, durante o governo dos mencheviks. Estas escolas são, hoje, conforme as populações, abkhasianas, georgianas, grêgas, russas e arménias.

Quanto à agricultura, a Abkhasia é o campo de tabaco da Transcaucásia. Pelo menos uma grande parte da produção de tabaco da Georgia, vem da pequena república abkhase, que produz seiscentos mil pouds de folhas. Exactamente o que fornecia antes da guerra. E devemos acrescentar que durante o domínio menchevik, a produção de tabaco da Abkhasia esteve reduzida a zéro. Um grande esforço tem sido feito em prol do tabaco e as perspectivas de futuro parecem, por este lado, bôas.

Com a cultura do tabaco, a Abkhasia acomula a do milho. Hoje, não se podem percorrer os prestigiosos vales dêste paiz sem encontrar, entre as florestas e os rochedos, em qualquer parte em que haja terra, um campo de tabaco, ou uma sementeira de milho. (Depois da colheita, encontram-se, por todos os lados, arvores forradas de palha de milho a secar). A base da alimentação tradicional do camponez abkhasiano é constituida por tórtas e pasteis, confecionados com farinha de milho. Hoje, principiam a plantar vinha, liufa e chá, nos campos de milho. Em dois anos, de 1926 a 1928, a superfície das planta-

ções de chá na Abkhasia aumentou dez vezes (de 30 deciatines para 300).

Apesar de sêr proíbido cortar o arvorêdo das montanhas numa quantidade que modificasse o aspecto das costas, a indústria florestal tem feito grandes progressos na Abkasia, que principia a vender madeiras para mobilias, à Italia e ao Egipto. Foram construidas dez verstas de cremalheiras para arrastar as arvores abatidas, do alto das montanhas até aos vales. Estas cremalheiras são muito caras (quarenta mil rublos cada versta).

Acrescentarei que o incomparavel clima da Abkhasia faz dela um centro magnífico de casas de repouso e de sanatórios? Todas as habitações que os grandes da terra mandaram, outrora, construir sob o céu extraordinário dêste país, são hoje utilisadas para o repouso e a cura dos trabalhadores da União Soviética, desde o múltiplo palácio do principe de Oldenbourg, em Gagri, até ás casas particulares, beatificamente instaladas, nos tempos da injustiça, nos melhores sitios, por parasitas sociaes de importância. Sanatórios novos foram organisados ou construidos. Outros foram aperfeiçoados, como o de Gulerichp que ambiciona o titulo de primeiro sanatório da União Soviética. Dá abrigo a trezentos tuberculosos do primeiro e segundo gráu, num panorama sensacional de montanhas e de florestas, dominando imensamente o mar.

Este sanatório foi construido antes da revolução

por um riquissimo negociante de madeiras, chamado Smeskoi. Quando rebentou a revolução, êste homem idoso não fugiu para o Ocidente, como fizeram tantos outros. Ficou ali e vive actualmente, numa pequena casa de que o deixaram senhor e recebe uma pensão do govêrno soviético. Assim tambem, em Gagrí, a explendida casa do doutor Fedorov foi-lhe deixada, em vista da sincera dedicação de que deu provas para com o proletariado.

Dantes, os habitantes da Abkhasia eram todos mussulmanos. Poder-se-hia dizer que, agora, se dividem em mussulmanos e cristãos. Mas não seria dizer o bastante: na realidade, o antagonismo da cruz e do crescente trouxe como resultado a maioria da população desgostar-se e desinteressar-se completamente duma e doutra. Apesar-de alguns velhos hábitos de fórmulas e de rosários que subsistem ainda aqui e além, o crédito do pope e do mulah tem baixado muito, e nem já lhes resta o recurso de se consolarem entre si.

A pequena república, irmã da república da Geórgia, tem, presentemente, outras preocupações. Os mesmos sofrimentos, os mesmos massacres e as mesmas misérias, resultantes das guerras de nacionalidades, da opressão tsarista e da exploração barbara do trabalhador, despertaram nela as mesmas aspirações que em toda a U. R. S. S. Um sôpro de renovação anima essas bôas criaturas que, de dia para dia, apercebem mais claramente o caminho que

depois de 1921, se abriu na sua frente, isto é, desde que a Abkhasia é um estado camponez e operário que faz parte integrante do continente soviético. Dantes o trabalhador abkhasiano não era nada, agora faz parte dum grande tôdo, num pé de igualdade com qualquer cidadão do imenso agrupamento. O camarada Smidovitch explicou-o muito simples e claramente aos delegados da conferência do Partido em Sukhume, uma tarde em que nós lá fômos usar da palavra.

O espirito soviético faz progressos constantes entre os camponêses. Uma ocasião, ao passar no burgo de Tsebelda, vi um grande ajuntamento: eram trabalhadores pobres, vindos, alguns a muito custo, de todos os pontos da montanha, a convite do govêrno, para apresentarem, numa conferência, as reivindicações dos camponêses pobres e discutir ácerca delas com as autoridades. Noutros pontos, conversei demoradamente com funcionários do Partido e do govêrno e sem falar das personalidades importantes da república como Lakoba, Tchamba, Guêguêlia, etc., encontrei em todos um ardor combativo e um sentido admiravel da obra prática imediata a realizar. Nas massas, ha uma fervente curiosidade de compreender, de se instruir e de agir.

Resta ainda muito para fazer. Requere muita energia e muito trabalho, o plano de acção económica, social e política que o nosso eminente camarada Orgênikidzê expôs a Lakoba, a Amas e a nós todos,

na noite de ano novo que passamos juntos, para que a formosa Abkhasia—que foi, apesar da sua belêza, tão desgraçada, tão perseguida e, tambem, por tal forma abandonada, por tal forma posta à margem, durante séculos, do progresso e da cultura—, encontre, enfim, numa formúla sensata e humana o seu desenvolvimento racional e a sua saúde harmoniosa de grande corpo coléctivo.

IX

O homem de Artek

Não há muito tempo — e o meu coração sente-se oprimido por uma grande angústia ao pensar nisso — ainda não há mutto tempo: alguns dias já e parece-me que foi hontem. Eu tinha ido a Artek, como era meu costume, quando estava em Suuk-Su. Tinha-lhe apertado a mão e tinhamos conversado afectuosamente, como é de uso entre compatriotas comunistas.

Artek é uma espécie de pequena aldeia de grandes casas simétricas que, pela vontade de um homem, veio erguer-se à beira do mar, num dos pontos mais encantadores e mais grandiosos da Crimêa. Á entrada da aldeia, lê-se o nome dêsse homem: Soloviev.

Quanto à aldeia que ele tinha feito surgir da terra, era uma aldeia de crianças. O sitio é célebre, toda a gente o conhece, mas mesmo um estrangeiro, depressa sabe onde está desde que passe o portão de entrada, porque o caminho que se dirige para as

filas de casas, apresenta milhares de vistigios de pequenos pés nús, e é bem visivel que vai para um ninho de crianças.

Habitam o agrupamento de casas de madeira que, ha sómente um ano, substituiram as tendas onde viviam: grandes casas espaçosas, preparadas com uma grande quantidade de leitos, e, além das moradias, uma ambulancia, banhos, um museu enriquecido pelos achados botanicos, minerais ou animais das proprias crianças: do lado de dentro das paredes cobertas de cartazes deste muzeu, podem apreciar-se todas as especies de bichos da região: escaravelhos gigantescos, ouriços e serpentes e até um enorme grifo, grande águia crimeana, com os olhos azuis e o seu pescoço de abutre (mas este está empalhado).

Todos os mezes, durante cinco mezes por ano, se sucedem em Artek grupos de duzentos escoteiros. Mil crianças passam, portanto, por ali em cada ano, vindas de todos os cantos da imensa União, das regiões mais frias e das casas mais pobres, e mergulham no magnífico sol da Crimêa, entre o mar explendido e o parque selvagem e cheio de arvoredo, que escala as encostas e se espreguiça até aos flancos magníficos do monte do Urso.

Portanto, a ideia que presidiu a esta criação foi restituir anualmente a saúde a mil pequenos escoteiros, transportando-os das suas cidades brumosas e das suas pobres casas, para a luxuosa residên-

cia, preparada outrora com amor, por um homem que ganhou muito dinheiro vendendo vinho. No princípio de cada mez, chega alegremente uma leva de crianças enfraquecidas, pálidas e asfixiadas pelo duro trabalho e pela atmosféra viciada das cidades. Durante a estada ali, conservam a sua disciplina de escoteiros e isto é o bastante para manter perfeitamente a ordem e evitar as infracções e incidentes, entre esses cem rapazes e essas cem raparigas, de dez a catorze anos. Comem e dormem, enchem-se de ar e de sol e fazem paradas: encontram-se pelas estradas, com as suas bandeiras, desfilando ao som do tambor (e quando nos encontravamos em pleno campo, cumprimentavamo-nos, porque nos conheciamos bem), jogam no grande parque toda a qualidade de jogos e sobretudo um jogo novo: «à procura de Nobile», fazem excursões scientíficas sob a direcção do bom doutor Chechmariov e da jovem camarada professora de botânica...

No fim de cada mez, a pequena *smala*, cheia de saúde e cheia, tambem, de saudades, deixa o oásis de Artek e espalha-se por todo o continente soviético. A última fornada partiu ha três semanas, no fim de Outubro, antes do encerramento anual. Houve nesta ocasião uma festa com fôgo de artificio e todos os habitantes dos arredores vieram a Artek, atraídos pelas iluminações, os gritos rítmicos, o tambor e a trombeta dos escoteiros.

E, no entanto, a morte aproximava-se já do

asilo da paz. Ao cabo da risonha fila imóvel das casas de madeira, há uma casita mesmo à beira-mar. Na única divisão desta casa construida outrora, vivia Soloviev, o pai de Artek, o seu fundador e animador. Soloviev fez muitas outras coisas na sua vida, alem do campo de Artek. Representou, na jovem União gigantesca das Repúblicas Soviéticas, o seu papel de sabio e de militante. Queria tambem fazer muitas outras coisas e tinha razão: era grande, forte e belo e parecia capaz de levar ainda muito longe, uma existência útil para todos.

Acompanhado por sua mulher—camarada de olhos claros e de voz dôce, que velava por ele com uma solicitude constante, porque já tinham aparecido os sintômas do mal terrível que se apodera do corpo pelas arterias,—tinha-me mostrado detalhadamente essa colónia de Artek, de que era o inventor e de que o doutor Chechmariov, ao seu lado, era o realizador prático. Soloviev levou-me a vêr o local, longamente escolhido por ele, onde pensava fazer construir um sanatório para crianças, aberto todo o ano.

Só pensava em curar os outros e falava do futuro, como são docemente forçados a fazê-lo todos os que se preocupam com as crianças e os que sofrem. E ele, no entanto, estava então mais doente que os outros e tinha medo de ser interrompido no cumprimento da sua missão. Era médico e enquanto todos o comprimentavam pelo seu explendido aspecto,

ele sabia a verdade. Já no mês de Julho, em Uskoiê, ele me tinha dito: «Estou muito doente». Sentia bem o encarniçamento espantoso desses ataques que lhe paralisavam a voz, a vista ou a memoria e que não deixaram descançar, desde que apareceram, até que prostraram esse homem de largas espaduas e de fisionomia nobre. Recebi hontem um telegrama anunciando-me a sua morte. E' para mim um grande luto, porque era muito seu amigo. E será tambem um grande luto para muita gente. Mas será, não obstante êste luto, um belo exemplo de sabedoria, de coragem e de trabalho que ele deixa, um exemplo tão duradouro, como as suas obras e as suas realizações.

X

A literatura proletária

Fala-se muito nela e ha razão para isso. Sim, é preciso liberta-la, mas, em primeiro lugar, é necessário reconhece-la, delimita-la, precisa-la. Estamos ainda no período das escavações, das sondágens, dos inquéritos.

Para começarmos pelo princípio, procuremos estabelecer a definição de literatura proletária. Tem-se hesitado bastante à volta desta definição. A literatura proletária é, sem dúvida, a literatura revolucionária; aquela que melhor se adapta, para a pintar, a dirigir e a animar, à sociedade nova que está em organização activa na U. R. S. S., e que está em formação latente no seio das sociedades capitalistas e à margem dos velhos regimens. Diremos mesmo, se assim o quizerem, que a literatura proletária é a forma actual e viva, intensificada e imposta pela evolução histórica, daquilo a que se chama a literatura popular.

Mas desde que se queira comentar esta descri-

ção a traços largos e estas altivas generalidades, apresenta-se uma dificuldade. Ordináriamente, um movimento literário é representado por um ciclo de obras. Ora, trata-se de alguma coisa que é aqui, principalmente uma possibilidade e de que se vêem mais sinais percursores, do que realizações. As produções efectivas que nos chamam a atenção, são ainda raras e novas. E' evidente, que esta agitação artística, não atingirá o seu desenvolvimento normal e as suas proporções exactas, senão quando a sociedade nova, de que ela emana, estiver integralmente instalada, e mesmo instalada ha um certo tempo. Mas os seus pródromos, as suas estreias concretas já se vão vendo, a sua produção, esboça-se por tentativas fragmentárias em vários pontos do globo, enquanto que noutros, e até em certas regiões do Estado operário, não passa ainda de esforço de eclosão. Acha-se no seu período de guerra, como o próprio mundo que, com altos e baixos, paragens e avanços, sobressaltos e estagnações, se encontra em estado de perturbação revolucionária.

E', pois, dificil de difinir uma energia creadora, que pertence mais ao futuro que ao presente, principalmente neste domínio da arte, em que as grandes obras, em roda das quais as outras gravitarão, são elementos totalmente impossiveis de prever, em si próprios. Eis porque todos aqueles que constataram a aproximação e os primeiros efeitos deste vasto movimento, aínda meio prisioneiro, que recolheram as

suas primeiras manifestações, mais ou menos confusas e anotaram até agora as suas fases, não puderam ainda definir e classificar esta força que, nem por ser de ordem intelectual, é menos comparavel a uma força desencadeada da natureza. Confesso que não conheço todas as discussões que se suscitaram a êste respeito. Procuro pôr meu lado, nas poucas obras do presente e nas perspectivas virgens do futuro, alguns dados positivos.

A revolução fez surgir um homem novo: o cidadão da república do trabalho: trabalhador da fábrica, trabalhador dos campos, trabalhador intelectual.

Este homem novo é, ao mesmo tempo, um lutador, que deve remar contra a maré, destruir os restos do passado e edificar um monumento social de que tem o plano e os materiais. Foi a revolução que o criou todo de novo, na sua vontade, na sua inteligência, na sua sensibilidade, na sua moralidade. A literatura proletária, é a obra deste trabalhador soldado. Ela deve traduzir-lhe a forma, o gesto, o ardor, as efusões e os conflitos interiores, as aspirações e, finalmente, o resultado do seu esforço. Mas ele é, pessoalmente, uma simples peça dum complicado maquinismo. Existe principalmente como célula dum organismo, como parte dum conjunto, que é a multidão internacional. A característica essencial deste homem novo é, pois, a sua aparição fóra do casulo individualista e a sua *forma* social. Isto não implica, porém, o sacrificio e o aniquilamento da sua persona-

lidade. Pelo contrário, numa pátria revolucionária, numa pátria socialista, a personalidade exalta-se, porque diante de cada homem se abrem possibilidades, interdictas aos explorados que vivem em paizes onde ha patrões e escravos. Máximo Gorki, com o seu puro e profundo olhar, notou este acrescimo da personalidade na terra soviética. E' um fenómeno normal, em virtude da participação, da responsabilidade e da importância individual, na obra comum. O socialismo, que criou a solidariedade pela organisação e a organisação pela solidariedade, dá a cada indivíduo as máximas possibilidades de se desenvolver na sociedade.

Se quizermos, vêr agora, mais de perto, as condições e as modalidades, em que deve evoluir a literatura proletária, devemos começar por estudar à parte a questão da forma, do exterior, das roupagens.

Esta forma deve ser tão perfeita quanto possível. E' necessário utilisarmos tratores e não velhas charruas. Mais que qualquer outro mister, a literatura tem necessidade de técnica. A própria bagagem tradicional, que se acumulou de idade em idade, não deve ser iliminada à medida que vai sendo substituida, como sucede com os aperfeiçoamentos das sciencias aplicadas e da indústria, que sucessivamente se substituem. E' sempre util conhecer a obra do passado e, por vezes, torna-se indispensável aproveita-la. E' a substância do progresso artístico. E', portanto, técnica e cultura.

Torna-se necessário ligar uma importância capital à questão do estilo e dela falar especialmente, em primeiro lugar. Se eu dou aqui entrada a esta descriminação clássica e administrativa, entre a «forma» e o «fundo» é, precisamente, para acentuar o ponto de vista marxista, de que a forma, deve estar organicamente ligada ao fundo, como o corpo, anatómica e fisiologicamente, está ligado à vida, e, ainda, para constatar, que esta lei não é observada na literatura comtemporânea burguêsa, de maneira que, assistimos à estranha e paradoxal justaposição duma forma original e nova, a concepções morais já gastas e a uma ideologia pobre e mumificada.

Se, para os escritores proletários, não ha nada de aproveitavel na actual concepção burguêsa da literatura, já não sucede o mesmo pelo que respeita, particularmente, à técnica de escrever.

Tenho tido ocasião de repetir muitas vezes que a forma literária de escrever fez a sua revolução. (O estilo pictural tambem.) Existe d'óra-avante um instrumento novo, um modo de expressão que é notável. Há, entre o que se escrevia há quinze anos e o que se escreve hoje, nas literaturas ultra-civilizadas como a francesa, uma diferença tal que, à primeira vista se reconhece a data de origem de uma página. Existe, realmente, um estilo moderno.

Esta transformação no modo de escrever, consiste, sobretudo, em ter eliminado da palavra escrita, as lentidões, os convencionalismos e os circunlóquios

— sinto desejos de escrever: as delicadezas da linguagem do passado; em ter destruido as velhas metáforas, em ter aplicado, mais directamente, as palavras ao pensamento ou ao objecto, em ter introduzido na imagem, que é a substância do estilo, a nitidez scientífica, a rapidez, a linha recta, o resumo esquemático, em ter quebrado a fraze tradicional, para lhe dar relevos e lampejos mais nítidos. O estilo é, hoje, mais uma pele que um simples fato.

Esta revolução, efectuou-se sob a influência da fruste e pitoresca linguagem popular (tem sangue proletário nas veias), aos encontrões da terrível simplicidade do calão das trincheiras, surgido durante a guerra e, tambem, em conseqüência da introdução geral, nos costumes e na psicologia das classes intelectuais, dum certo espírito scientífico, desportivo e arrivista, duma certa doze de americanismo. Foi destas tendências que nasceram, antes da guerra, o cubismo e o futurismo, os quais caíram em excessos e ridículos, foram sistematisados inconsideradamente, explorados para fins acrobáticos e brincadeiras fantasistas, que não passam de formalismo e decadência. Mas estes movimentos não deixaram, por isso, de operar no código usual das frazes e das regras descritivas, uma demolição profunda e definitiva.

Logo, o estilo de que precisamos já existe. Utilizando-o, os escritores proletários recoperam uma grande parte do que lhes pertencia, porque ele renovou-se segundo princípios de simplificação e de pro-

fundidade, de que todas as criações populares deram o exemplo, no domínio da arte e do espírito. Mas, o emprego dum tal instrumento, é um trabalho que deve ser ensinado (Gorki tinha razão em comparar, recentemente, a aprendizagem dum operário escritor à de um serralheiro). Evitemos apoucar a importância duma forma de tão alta qualidade, e de fazer confusões pueris, entre o natural, o abandono e a vulgaridade. E, principalmente, evitemos as complicações e o preciosismo e todos os vícios da riqueza intelectual. Procuremos conseguir que a nova linguagem conserve a sua frescura, a sua clareza, a sua fôrça e até a sua brutalidade, mas estudemos todos os recursos que ela nos fornece. Saibamos tambem—e é um belo esforço este—faze-la escapar, de futuro, a todas as fórmulas restritivas, mesmo à da originalidade individual, tão tentadora para um escritor: o modo de expressão, deve adaptar-se técnicamente, scientificamente, isto é, por diversos processos, ao assunto tratado.

Neste capitulo, pode dizer-se que, pelo que respeita à poesia, se fôe longe de mais no afastamento dos velhos moldes. Houve o defeito de desprezar, à mistura com as velhas tradições de que era preciso desembaraçar-se, o ritmo e a harmonia. Aqui, foi demasiado, o emprego de uma operação cirúrgica, que deslocou a poesia e será necessário, mais tarde ou mais cêdo, numa certa medida, voltar atraz.

E' preciso que a literatura proletária faça uma revisão naquilo a que se convencionou chamar os

generos literários e nas suas formulas consagradas, principalmente o teatro e o romance. Neste ponto, deve, na minha opinião, reportar-se ao passado, não ao passado imediato, à estabilisação clássica, que foi pobre e abstrata, com a sua mania política de centralisação, mas à grande tradição popular, à da canção popular, à da pintura popular e das grandes composições hirsutas e vivazes, de extraordinária envergadura (apesar de ainda tateantes na sua primeira eclosão enorme), dos «misterios» e dos grandes poemas épicos. E' necessário que ela se apodere dessas antigas formas desmedidas, cujo desenvolvimento foi mutilado e sufocado pela legalisação clássica.

Mas, ao voltar aos seus vastos quadros clássicos, que são tambem a sua propriedade, a literatura proletária deve anima-los com o seu sopro novo e introduzir-lhes o movimento, o impulso e o sonho da multidão actual, construtora manual do futuro.

Esta tendência não tem nada de antecipado. Tem todas as características duma força natural. Já não se trata de diretivas políticas. A ofensiva revolucionária, é a organização dum destino vital. E' normal, pois representa a finalidade histórica, scientífica e orgânica, do aparecimento das massas humanas.

A literatura, deve refletir a imagem desta mobilização, refletida e unificada, da maior parte dos seres vivos, mostrar os tipos, os caracteres, as realizações, os factos da historia revolucionaria que começou e deve durar agora até atingir os seus fins, as reações

interiores e exteriores do presente contra o passado.

Tem tambem uma função negativa, uma missão de destruir. Tem de atacar o antigo estado de coisas, que o mundo em movimento procura substituir: os vicios, os abusos, as anomalias e as monstruosidades, em pequena e em grande escala, em geral e em particular, nos factos, nos costumes e nos sentimentos. Não ha duas espécies de questões: as burguesas e as proletárias, mas dois pontos de vista. E, de resto, é tambem preciso expôr alguma coisa no pelourinho. Ha espectáculos e scenas, vicios e costumes, que se torna necessário evocar e colocar diante do espectador universal, ainda que não seja senão para os destruir na sua presença — ou para que ele próprio os destrua.

A literatura nova tem tambem de guerrear a antiga «intelectualidade» e, mais especialmente, empreender a crítica (por intermédio duma secção particular dos seus escritores de acção), da literatura burguêsa, que exprime sob todos os seus aspectos a sociedade capitalista. Uma mercadoria de tal espécie deve ser nítida e violentamente combatida. Já falei, ha alguns mêses, aos meus ouvintes de Moscou, de essa literatura artificial, superficial e decadente, que conserva ainda um certo prestígio, mercê da virtuosidade técnica de alguns dos seus representantes, opulentos industriais das letras. Esse montão de livros, caracteriza-se pela desordem, a incoerência, o vasio, a banalidade (pois as obras só são renovadas

exteriormente), o gosto do detalhe, a intriga mundana à Marcel Proust, a cultura do vício à André Gide, a da superstição à Paul Claudel, a procura do efeito, do caso excepcional (os loucos e os pervertidos pululam entre todos os personagens fictícios que se tenta em vão erguer do outro lado da barricada), o divisionismo a todo o custo, a análise quintessenciada (imita-se Stendhal e Dostoievski em série), em suma, por toda a parte o esmagamento da vida pela enclausuração, o egoismo e a dissecação. Dêste anarquismo deliquescente só sai uma teoria inteiramente negativa: a da arte pela arte.

Num tal museu, que só nos interessa como finalidade de guerra, os escritores *populistas* introduzem hoje o snobismo do povo, vestem o operário e o camponês à última moda e imaginam que se muda de assunto, como se muda de gravata. São amigos do povo, como o são, igualmente, os nossos bons democratas oficiais. Quer eles pintem trabalhadores, quer descrevam enervados, não lhes volta menos as costas, a forte e brutal tendência que se apodera dum novo personagem para o fazer entrar à força na litetura — ainda que os quadros desta devam quebrar — o personagem colectivo, a multidão, a massa.

Das considerações que acabo de enumerar, esforçando-me por as pôr em ordem, resulta que a literatura proletária, representa, atualmente, uma orientação fortemente caracterisada, um agrupamento e uma polarisação nova das forças intelectuais, mas que,

neste momento, poucos escritores são integralmente escritores proletários; há poucos que reúnam todas as condições necessárias. Da maior parte daqueles cujos nomes nos lembram, pode-se dizer que são escritores proletários só por alguns lados. As nossas falanges organizadas de escritores proletários (criaremos uma dentro em breve em França), ainda não passam de assembleias deliberantes e escolas.

O nosso dever é apressar-lhes o desenvolvimento, começando por definir e expôr, com clareza, esse imenso programa universal paralelo, num plano ideal, ao dos realizadores sociais. Podemos auxiliar esse desenvolvimento na medida em que lhe podemos trazer consciência e clareza. Não devemos esquecer, não obstante as nossas impaciências, que é preciso tempo para coordenar e fundir os movimentos intelectuais e artísticos, ou melhor, para que esses movimentos se coordenem e fundam por si próprios. O espírito humano, move-se com uma certa lentidão, nesta ordem de realizações. O tempo indispensavel à formação das cristalizações intelectuais, pode comparar-se ao que exigem, irredutivelmente, as cristalizações naturais. A demora pode ser prolongada ou diminuida pelos acontecimentos, mas é, em todo o caso, o resultado mais ou menos rápido de um profundo trabalho de elaboração.

O auxilio mais eficaz de que precisamos, agora que constituimos um organismo para esse trabalho, são os representantes da crescente revolução russa que no-lo darão.

XI

Cuidado com as miragens!

E' preciso rendermo-nos à evidência. Muitos dos nossos amigos russos deixam influenciar-se pelo prestígio das modas francesas e do artigo de Paris. Falo, é claro, das coisas literárias e, neste campo, o artigo parisiense em voga, é de peor qualidade que nos domínios do *bibelot* e da costura.

O grito de alarme um pouco inquieto — que dá quasi ao título deste capítulo o aspecto de um manifesto! — resulta de um passeio que acabo de dar em frente dos mostruários das livrarias e pelas bibliotécas de Moscou, bem como duma pequena incursão, arriscada por entre os últimos estudos e relatos da bela falange dos críticos soviéticos. Resulta, tambem, de muitas conversas que tive.

Nos escaparates das casas que vendem literatura estrangeira, na capital da Europa vermelha e do mundo vermelho, vêem-se, por vezes, as produções mais insignificantes e mais ôcas, da nossa literatura francesa da decadência e os críticos parecem, às

vezes, tomar a sério, autores que se não tomam a sério a si próprios.

Se relato isto num jornal que tem o costume de só tratar as questões de grande alcance [1], é porque, no meu modo de vêr, se trata de uma grave anomalia.

Exprimo essa anomalia por esta verdade de facto: Estamos em face dum povo, que domina os outros pela nova concepção vital, ou pelo plano de arquitetura social de que é o obreiro, isto é, que os domina pelo espírito; um povo que mudou a face da história e que se impôz o dever de mudar a face da terra, que é o fundador e será o antepassado de um período histórico; que, além disso, no domínio da arte e das letras, esboça já realizações que serão a sua imagem e se lhe assemelharão; e, sobre esta corrente soberba de dilúvio, que é saude e lógica, vêem-se flutuar obras medíocres de exportação e silhuetas de autores estrangeiros, de quem até temos vergonha de pronunciar os nomes!

Realmente, não se pode englobar num único juízo estético ou ético, o bloco copioso de um país moderno. Existem em França livros de um grande valor. Alguns são aqui conhecidos (nem todos); mas é manifesto que não há separação suficiente, entre estas obras e as outras, nem sob o ponto de vista do juizo que delas se faz, nem sob o ponto de vista

---

(1) *Pravda*, de Agosto de 1928.

da difusão que se lhes dá. E' indispensável fazer uma enérgica demarcação de limites.

Sem dúvida, «o homem novo» que aqui cresce, tem um desejo violento de se instruir, uma necessidade de conhecer e de assimilar, uma ardente curiosidade. E' o seu dever, mas sob a condição de se não deixar prender no seu próprio jogo documentário, nem iludir sôbre a fraca qualidade da maior parte das produções em moda nos nossos paízes ocidentais e de saber coordenar com método os resultados da sua investigação, entre as culturas estrangeiras.

A que corresponde, para pôr os pontos nos ii, o notável crédito de que gozam nos meios instruidos da Rússia revolucionária, escritores como Marcel Proust, Giraudoux e Cocteau, por exemplo?

Que esses escritores sejam hábeis, ninguem o contesta. Mas são habilidosos de uma espécie perigosa. A sua habilidade é a dos *jongleurs* e dos prestidigitadores, a sua cultura é delicadeza e decomposição. Representam perfeitamente uma sociedade chegada ao fim do seu destino e de que cada um dos seus livros é a etiqueta — e o epitáfio.

Vejamos Marcel Proust, à volta do qual se faz, em Paris, uma tal publicidade, que conseguiu infiltrar-se até aqui. E' uma individualidade sem merecimento. Foi um burocrata de salão e um alfaiate para bonecas, um colecionador e expositor fastidioso de minimos detalhes. Destrinçou, durante toda a sua

vida, atomo por atomo, e minuto por minuto, os actos, os gestos e a psicologia, duma casta estupida entre todas: a casta mundana. Escreveu uma pilha elegante de volumes, como quem enche um montão de malas, cheirando a bafio, sem uma ideia geral, sem vida (para um artista, a ideia é mais do que a vida, mas a vida é melhor que a ideia e entre o scenário, a ideia e a vida, o talento faz alianças e o génio faz sínteses).

Vêm depois a literatura aos pedaços de Paul Morand e de Giraudoux, observadores de carruagens salões e de ascensores, diplomatas de vilegiaturas, que anotam em traços rapidos, tem o olhar preciso e agudo, divertindo por vezes pela redução, género Kodak, de que tambem têem o cerebro e «épatent le bourgeois» para lhe fazer a corte. Nestes livros, a aparência substitui a realidade e o efeito substitui mesmo a aparência, a turbulência faz as vezes de movimento e as correntes de ar ocupam o lugar do sopro de génio.

Temos Jean Cocteau, alambicado, encantador boneco de surpresas, acrobata aristocrático, cuja celebre conversão ao catolicismo (dum salto chegou ao ceu e junto do bom Deus) não passa dum acontecimento de circo.

Eis em seguida, com qualidades mais serias, André Gide, que elevou a homosexualidade à altura duma arte e que adquiriu, por este facto, uma grande influência moral. Fala hoje de qualquer coisa, com

a sólida autoridade que confere o escandalo e tornou-se, por isso, um árbitro.

Temos, finalmente, uma outra categoria: os que levam a imitação de Dostoievsky até ao absurdo. O grande Dostoievsky, cujo nome é exibido como um manequim, por certos especialistas (e é com certeza este, o isco principal do laço em que a opinião pública estrangeira se deixa cair), era um analista profundo, mas era tambem um explêndido construtor de sintese viva. Sabia desmontar um homem, mas sabia egualmente reconstitui-lo, para o lançar num drama. Os seus imitadores ocidentais comtemporaneos, não sabem imitar, do seu trabalho genial, senão a mania da dissecação. Para reconstituir e projectar a vida, assim despedaçada, é indispensavel fôrça e luz. E é o que falta a todos aqueles que tomam por modelo a caricatura de Dostoievsky.

Penso que se dá em França uma importância demasiada a todos estes literatos fim de seculo, mas isto compreende-se nos nossos países, onde eles representam, exactamente, os aperfeiçoamentos e taras supremas duma sociedade doente, cuja obra se desfaz e cai em poeira, pronta para a demolição.

Mas aqui, onde tudo é de novo posto em causa com esplendor, até a sua existência devia ser posta em discussão. De resto, amigos soviéticos, eles são os vossos inimigos irredutiveis. Sentem-se ofuscados pela vossa homogeneidade e pela vossa mocidade maciça de barbaros, eles que são os produtos aristocrá-

ticos da burguesia que reina ainda, até ao proximo tremor de terra. Perderam o sentido da vida, buscam, desesperadamente, alguma coisa de novo, ao lado da realidade, no snobismo, na pirotécnia, o exotismo complicado ou o caso anormal. São reaccionários, pela mesma razão que o é o fóssil Paul Bourget ou esse triste escriba rebarbativo que se chama Charles Maurras, ou ainda esse redondo escrevinhador de contos para amas, chamado Paul Claudel. Aceitam os sorrisos dos poderes públicos, que os utilisam na sua propaganda, e até da Academia Francesa, museu de mortos vivos denominados imortais. E *Les Nouvelles Littéraires*, jornal firmemente reaccionário e neo-católico (subvencionado pela Livraria Larousse, que corrige com nacionalismo o seu dicionário de história e de geografia), é o seu balcão.

Bem entendido, é preciso não ser sectário, nem, o que é ainda pior, ignorante. E' preciso equilibrar e selecionar a apreciação, eis tudo. E' indispensavel pôr no seu lugar, os fantasmas que não desempenham nenhum papel importante e real no pensamento e na arte, que não são mais que resíduos de cultura e restos complicados de civilização, e desconfiar, no que lhes diz respeito, das más tentações de delicadeza que todos temos, nós que, pela força das circustâncias, estamos involuntariamente impregnados duma velha tradição. Mas é preciso fazer justiça aos outros, estudando-os dignamente. Os outros, os valores, os bons, os sólidos! Ha alguns, mesmo na literatura

francesa comtemporânea. Devemos admirar, por exemplo, um magnífico escritor como Ramuz, apesar do seu pensamento, de resto, estar cheio de superstições e de prejuizos doutro tempo. Devemos reconhecer a potencia verbal dos poetas Jules Supervielle e Luc Durtain—apesar do primeiro, habitante vitalício duma torre de marfim, não ser dos nossos e apesar de não termos no segundo mais que um amigo amavel, que só nos compreende a meio. E' preciso conhecer certos livros de piedade e de cordial generosidade de Duhamel e certos quadros vivos de Dorgelès (ainda que aquele se tenha afastado da bela chama directa dos seus primeiros tempos e este simpatico escritor se tenha oficialisado), e tambem o Jules Romains atual, apesar de, nos últimos tempos, se apresentar fortemente aburguesado.

De resto, uma quantidade de belos representantes do pensamento francês estão bem perto de vós, entre os de maior valor da actual geração, técnicamente falando: Blaise Cendrars, Jean-Richard Bloch, Léon Werth, Charles Vildrac, sem falar de Marcel Martinet, H. Poulaille, Tristan Rémy, René Maran, Magdeleine Marx e Vaillant-Couturier.

XII

O resultado das sete horas de trabalho na U. R. S. S.

Sabe-se que o TSIK (Comité Central) da U. R. S. S., no seu manifesto de 15 de Outubro de 1927, decidiu a adopção gradual, na União, do dia de sete horas de trabalho «sem diminuição de salário» e todos se recordam da emoção suscitada, nessa epoca, em todos os meios, por uma noticia tão sensacional. Os jornais burgueses atacaram veementemente a audaciosa inovação, julgando-a atentória dos privilégios do capital, nefasta à indústria e, de resto, praticamente irrealizavel.

A questão do dia de sete horas apresentava para os socialistas uma importância capital. Um dos pontos primordiaes das reivindicações da classe operária, recai sôbre a duração do dia de trabalho, tão importante como o aumento dos salários e a manutenção do direito à greve. A luta operária concentrou-se, no decorrer da época comtemporânea, à volta da lei das oito horas de trabalho. O dia de oito horas, depois

de têr sido solenemente prometido ao proletariado pelo entendimento das grandes potências europeas e de ter figurado nos pactos internacionais de após-guerra, foi pouco a pouco, quer oficialmente, quer simplesmente de facto, retirado da circulação. Na Alemanha, na Italia e na Inglaterra, o dia de trabalho foi aumentado legalmente e, por toda a parte, o principio das oito horas está postergado ou ameaçado. Contrariamente à lenda do progresso social contínuo, nos regimens «democraticos» atuais esta conquista dos trabalhadores, que está em relação direta com o seu bem estar, a sua cultura e a elevação do seu nivel de vida, é-lhes retirada ou asperamente disputada.

Era, pois, um gesto de enorme alcance, pôr diante do mundo inteiro, a questão da diminuição das horas de trabalho quotidiano, proclamando que o dia de oito horas, combatido em toda a parte pelo grande patronato industrial, é ainda demasiadamente longo, e começando corajosamente a aplicar o dia de sete horas. Fóra do seu sentido social e politico internacional, esta iniciativa, que recaía diretamente sobre um dos grandes motivos da luta de classes e aumentava quotidianamente, de uma hora, a vida livre dos trabalhadores, apresentava ainda a vantagem de diminuir o número dos sem trabalho da U. R. S. S. (dava emprego a 500.000 operarios, após a sua generalisação, asseguravam os economistas russos).

O socialismo, ou antes, o comunismo atual, que é o socialismo efectivo, tem no seu programa o dia de

seis horas de trabalho, para o qual o dia de sete horas é o caminho matemático. Trata-se de fazer passar estas teorias à prática e introduzir essa imensa reforma na economia moderna. Será possível fazê-lo, sem prejuizo para a economia nacional, que não é mais que uma engrenagem da economia universal?

Em primeiro lugar, uma ligeira resenha dos factos. Em Dezembro de 1927, o XV.º Congresso do Partido, reunido em Moscou, tomou, no tocante à tentativa imediata do dia de sete horas, uma decisão conforme com a do governo.

Em Janeiro de 1928, as sete horas de trabalho foram aplicadas numa fábrica de tecidos (a Vagianokskaia, no governo de Tver). No fim do mesmo mez, catorze fábricas tinham adoptado essa reforma. Em Março de 1928, 23 emprezas. (Eram principalmente fábricas de tecidos). E' preciso acrescentar a este número 13 fábricas ukranianas, com 9.000 operários, que iniciaram nas suas oficinas o dia de sete horas.

O Comité Executivo Central, na sua sessão plenária de Novembro de 1928, decidiu que o dia de sete horas seria aplicado em 1928-29, a 20 % dos trabalhadores de todas as indústrias e transportes. Em 1929-30, as sete horas de trabalho serão dadas a mais um número igual de operários (o que fará 40 % do operariado total em 1930). E, definitivamente, to-

dos os operários soviéticos devem, no fim do ano de 1933, trabalhar sète horas por dia.

Gustaria de examinar o estado atual da questão e os resultados obtidos pelas aplicações, já parcialmente feitas, desta nova cláusula, tão importante, incerta na legislação do trabalho. Ainda não vi em parte alguma esse balanço. Nenhum estudo de conjunto existe ainda, que eu saiba. Procurei determinar no local, os elementos que atualmente permitem avaliar e apreciar as conseqüências da substituição do dia de oito horas pelo de sete, numa parte das empresas soviéticas e reuni toda a documentação de detalhe que tinha sido publicada. Além disso, pedi a sua opinião circunstanciada, a Ivan Ivanovitch Kutuzof, secretário do Sindicato de tecidos. Este camarada só me falou da indústria textil. Mas, como se viu, esta indústria é, até hoje, quasi a única em que tem sido aplicado o dia de sete horas.

Não era uma questão mínima modificar desta forma o horário do trabalho. Não se poude encarar praticamente a aplicação do regime das sete horas, sem encarar, ao mesmo tempo, uma certa modificação da forma de trabalho, a-fim-de não haver uma deminuição brusca da produção. Em consequência, o trabalho foi, em vista das sete horas, fortemente racionalizado. Adoptou-se o sistêma dos três turnos, fornecendo um trabalho contínuo, o do trabalho noturno dos operários e operárias (há muitas mulheres na

indústria de tecidos) e o do funcionamento contínuo das máquinas.

Poude constatar-se, desde o principio, num grande número de estabelecimentos, uma pontualidade maior da parte dos operários, um sentimento mais acentuado da disciplina. Os atrazos e as ausências diminuiram constantemente e o dia de sete horas tende a representar, realmente, sete horas cheias de trabalho. Houve, em todas as regiões industriais, reuniões e *meetings*, destinados a mostrar aos operarios o alcance e o sentido da inovação que se tenta e de que se estudam todas as modalidades antes de a generalizar. Muitos operários não eram a principio favoraveis a esta reforma. Com uma concepção bastante simplista, reclamavam, em seu lugar, um aumento de salário, pois que lhes diziam que um dos resultados da diminuição do tempo de trabalho equivalia a um salário mais elevado. Foi preciso mostrar-lhes que não se podia empreender, com esperanças de êxito, uma tal reforma, em face da atividade do capitalismo mundial, que a não quere de forma alguma, senão tendo em atenção, não somente o interesse imediato de cada trabalhador, mas tambem o interesse geral da produção soviética, em face da concorrência universal. Quasi por toda a parte os operários assim o compreenderam e, num *meeting* de certa fábrica, um deles teve esta fórmula feliz, para especificar o bom rendimento, que é a razão de sêr das sete horas:

«Não se deve dizer sete horas, mas antes 420 minutos».

A maior parte dos resultados satisfatorios que se esperavam, tem sido obtidos, e, sobretudo, a diminuição do número dos *chômeurs:* no fim de Outubro, nas fábricas de tecidos que adoptaram as sete horas, constatava-se um aumento de 19.000 trabalhadores. Em segundo lugar, verificou-se um aumento da produção.

Vejamos alguns exemplos: Em Ivanovo Vosnesenska (grande centro de indústria textil nos arredores de Moscou), o Comité Directivo dos sindicatos deu a conhecer o balanço de três mêses de trabalho das fábricas que adoptaram as sete horas, isto é, de todas as fábricas da região, excepto a fábrica de Dzerjinsky. Número de operários a mais: 4.222. Grande aumento da produção: 40 % na produção bruta e 20 % na tecedura. O aumento da produção traz consigo o aumento de salário. Por exemplo, na fábrica Rodnikovskaia (fiação), a média do salário diário era, em Outubro, 1 rublo e 98; em Janeiro, 2,8; em Fevereiro, 2,13.

E' preciso insistir bem neste ponto: O dia de sete horas é necessariamente benéfico para o trabalhador, desde que não comporta diminuição de salário; mas pareceria que, adoptando-a, se deve comprar essa vantagem social por uma baixa da produção equivalente a um oitavo. Isto parece lógico à primeira vista, mas no entanto não é exacto, porque é preciso atender à

lei física que diz que a intensidade de trabalho e de atenção, aumentam na proporção em que diminue o número de horas de trabalho quotidiano.

A racionalização, que tende a elevar o esforço ao seu limite máximo, é tanto mais possivel, quanto o esforço diário é encurtado. E' a racionalização, isto é, a intensificação calculada, que permite, no caso que apontamos, o aumento da produção, mas é o dia de sete horas, que permite um certo grau de racionalização. Seria erróneo afirmar que a mesma racionalização, aplicada ao dia de oito horas, daria resultados mais elevados um setimo, pois que a racionalização de oito horas de trabalho não pode ser a mesma de sete.

Tomo agora um outro exemplo. A maior fábrica de confeção de Leningrado, «Volodarsky», adoptou o dia de sete horas em 1 de Maio de 1928. Durante o primeiro mês a produção de vestuários aumentou 18 %, conservando-se estacionário o preço do fabrico. O balanço semestral do fim de Outubro dá resultados semelhantes: a produção é mais elevada 26 % que em 1927 e, no entanto, o aumento do número de trabalhadores, foi só de 8 % no primeiro trimestre e de 5 % no segundo. O salário diário médio era, antes da reforma, de 3 rublos e 49; atualmente é de 3 rublos e 85.

A disciplina do trabalho está melhorada, as ausências diminuiram 6 a 7 %. As máquinas fornecem um trabalho contínuo e dois números darão uma

ideia da divisão e da racionalização do trabalho a que se recorreu: a confecção de blusas estava dividida anteriormente em 65 operações e, atualmente, está-o em 125, a das calças, que dantes se efectuava em 45 operações, necessita hoje de 75.

Terceiro exemplo. Aplicou-se o dia de sete horas na grande fábrica de papel «Gosnak» de Leningrado, que fabríca, sobretudo, o papel das notas do banco, das estampilhas, etc... Esta fábrica emprega 1.400 operários. A experiência das sete horas, tentada lá, deu resultados brilhantes.

O rendimento aumentou 17 %; o salário 11,2 % por hora. A parte respeitante ao salário no custo de fabrico deminuiu 4 %.

Voltemos aos tecidos. Em Novoiê Bolchêvo, o dia de sete horas foi adoptado em 16 de Janeiro de 1928. Um operário produzia, no tempo das oito horas, 310 quilos. Nos trimestres que se seguiram à adopção das sete horas, o seu rendimento passou sucessivamente a 343 e a 345; «a intensidade da hora de trabalho» tem portanto aumentado em proporções notaveis. Se há uma diferença de produção entre o dia de oito horas e o de sete, tomados isoladamente, esta diferença diminue; no segundo trimestre, era de 3,8 %; no terceiro trimestre, baixou a 1 %. O preço de custo de 100 quilos de tecido baixou 19,15 % em comparação com o ano anterior.

O aumento dos salários é muito sensível. Em Novoiê Bolchêvo, por exemplo, a quando da adopção

das sete horas de trabalho, o salário dos trabalhadores aumentou para as tecedeiras 8,7 % e para uma outra categoria de operárias (vaterstchine), esse aumento atingiu 16 % em Fevereiro e 19 % em Setembro. Este aumento do salário provêm, como já vimos, do aumento do rendimento do trabalho. A produção média dum operário aumentou em 1927, 50 % e para a totalidade dos operários de Novoiê Bolchêvo, 57 %.

Estes resultados são, como se vê, extraordinariamente probatórios. Atestam, que a aplicação do dia de sete horas é, uma medida perfeitamente inteligente e, por conseqüência, prática, que só pode apresentar vantagens para a classe operária e para a própria produção.

Mas é indispensável que a transição do dia de oito horas para o de sete, só se efectue depois duma longa preparação técnica. Não é menos indispensável fazê-la preceder de conferências aos operários, afim de lhes mostrar todos os aspectos do grande e complexo problema que trata de resolver.

Sem esta organização técnica e esta preparação, a reforma corre o risco de naufragar e, em muitos casos, não deu resultados satisfatórios, por não se ter feito tudo o necessário para evitar a desordem e os prejuizos. Há na verdade dificuldades, algumas bastante árduas e às quais é preciso dar remédio, antes de mais nada. Entre estas dificuldades, há a da falta de qualificação dos *chômeurs* que se empregam. O aumento da produção exige uma quantidade bruscamente acrescida de matérias primas e houve por

vezes a necessidade de transigir sobre a qualidade. Mencionemos tambem o problema do alojamento dos operários suplementares. Esta última dificuldade agrava-se com o trabalho noturno e a necessidade que há de todos os operários e operárias viverem relativamente próximo da fábrica. Emfim, como já dissémos, o dia de sete horas, não podendo equilibrar o de oito na economia nacional e na economia mundial senão por uma racionalização meticulosa, o operário e a operária devem submeter-se a essas necessidades técnicas do trabalho e, para isso, em primeiro lugar, compreendê-las a fundo.

Em resumo, vê-se desde já, duma maneira positiva, que não há impossibilidade intrínseca em adoptar o dia de sete horas, pois que ele constitue, sob todos os aspectos, um aperfeiçoamento nos anáis do trabalho e da luta industrial.

Mas verifica-se, não menos evidentemente, que esta modificação, supõe um grande número de medidas preparatórias: a instrução das massas, a organização do trabalho das máquinas, o alojamento dos operários, a iluminação, a ventilação e as medidas de protecção aos trabalhadores, que exige especialmente o trabalho noturno, e a regulamentação dêste. Todas estas questões secundárias, por mais árduas que sejam, podem resolver-se em princípio e até bastante rápidamente na prática. Só resta, como argumento ponderável contra o dia de sete horas, a usura das máquinas: submetidas a um trabalho intensivo, a um

funcionamento constante, ao fabríco em série, as máquinas só podem servir durante um lapso de tempo muito menor que nas condições tradicionais. Fala-se em quinze anos para as máquinas e utensílios da indústria textil.

Mas isto tambem não é uma dificuldade insuperável. O magnífico aumento do rendimento do trabalho, onde a passagem do antigo sistêma para o novo foi suficientemente estudada e amadurecida, mostra que, quando o dia de sete horas se tenha generalizado, dará triunfantes resultados gerais, apezar da amortização mais elevada da mecânica industrial.

Os resultados obtidos tem sido tais que os economistas soviéticos entrevêem já a possibilidade de aplicar o dia de seis horas. Um dos dirigentes da exploração petrolífera de Baku, que, mais que nenhuma outra na União, sofre a pressão da concorrência estrangeira, dizia-me que seria mais fácil fazer funcionar o dia de seis horas que o de sete, implicando, o primeiro, quatro grupos por cada vinte e quatro horas, e não se adaptando o segundo, senão por fracções, à divisão em turnos no lapso normal de 24 horas. Schmidt, Comissário do Trabalho, disse ultimamente ao Comité dos Sindicatos da Rússia propriamente dita, que julga necessário que as fábricas, com intenção de adoptar o dia de sete horas, encarem directamente o problêma do dia de seis horas.

O Tsik, vendo o valor de todas as experiências tentadas e indo para a frente sem hesitações, como

é próprio do organismo dirigente do Estado Operário e Camponês, estabeleceu, independentemente das directivas que citei acima quanto à extensão metódica do dia de sete horas, uma série de medidas, destinadas a opôrem-se aos obstáculos que se apresentem e às derrotas parciais; em primeiro lugar, campanhas de propaganda junto dos operários, para lhes explicar o mecanismo de multiplas rodagens da lei das sete horas. E' indispensável que seja feita, com a suficiente antecipação, uma preparação técnica, para que a aplicação do dia de sete horas não sofra precalços. Resolveu criar alojamentos para operários, nos centros industriais onde o número dos trabalhadores deve aumentar. Egualmente devem ser instalados créches, escolas e hospitais em número suficiente pelas fábricas que adoptem o dia de sete horas. Decidiu ainda que, as mulheres grávidas e as que amamentam os filhos, devem ser excluidas do trabalho nocturno.

Estas decisões do TSIK mostram que a questão passou, efectiva e definitivamente, à faze da realização geral. O dia de sete horas, objectivo comovedor do imenso exército internacional do trabalho, promessa de progresso e de justiça social, afinação lógica do esforço produtor, contra o qual os governos capitalistas pregam a execração e a escomunhão, está, portanto, daqui para o futuro, solidamente implantado na União, significando isto que, fatalmente, mais tarde ou mais cêdo, esta nobre e bela reforma, nascida e criada na pátria socialista, se imporá em todo o mundo, pela vontade das massas.

XIII

Um belo filme ukraniano

Orelovitch, director da secção de Odessa do cinema do Estado ukraniano (Voufkou) acaba de me apresentar em primeira mão um novo filme: *O Arsenal*, obra de Dojenko, filmada parte em Kiev, e parte Leningrado e Odessa.

O Arsenal é, na minha opinião, da alta classe das melhores produções cinematográficas de Eisenstein e de Pudovkine — cujas creações têem, apezar da censura, corrido o mundo.

E' um grande filme.

Nos arredores de Odessa, numa das imensas avenidas de aspecto tão grandioso e tão puramente russo, que terminam no campo, há um terreno cercado por muros. E' o vasto reino do cinema: o domínio do grupo local de organizadores, de artistas e de operários encarregados, cada um segundo as suas aptidões, de projectar vida sobre o écran. Este terreno é, só por si, um mundo completo. Há, ali dentro, planícies, campos, florestas, ruas, construções de toda a

espécie — scenários sobre três dimensões — e grandes construções, mais duradoiras, onde estão os ateliers, os escritórios e um *stúdio* magistral para filmagens de interiores.

Há tambem ali um pequeno teatro, com algumas centenas de lugares, para o exame de filmes ou de pedaços de filmes. Foi nesta sala quasi dezerta — eramos apenas quatro — que se desenrolou, um dêstes dias, o formigar branco e negro do novo drama.

Nenhum dos camaradas que ali estava conhecia suficientemente o francês para me traduzir o texto ukraniano, que se apresentava no *écran*, entre as imagens. De maneira que, assisti a um filme sem legendas.

Seria por esta circunstância que os seus sucessivos episódios nem sempre me pareceram rigorosa e estritamente ligados entre si?

Seja, porem, como fôr, sería esta a única crítica que me podia suscitar este filme, e isto seria apenas uma crítica superficial. Com efeito, mesmo onde o fio condutor parece escapar, a emoção dramática não cessa de surgir: cresce sem cessar, acumula-se, dá a unidade e coesão, necessárias à compreensão da tragédia que passa em relâmpagos.

Conclusão final: o conjunto da obra é dum efeito grandioso e impressionante. *O Arsenal* é a história duma sublevação de operários, numa fábrica de munições de Kiev. E' na Ukrania o primeiro rebate da revolução de Outubro — um ano depois. Esta

subievação, é dominada pelos soldados e pela polícia do feroz poder branco e os seus promotores exterminados. O filme acaba no sangue dos libertadores, num grito de dôr, que é tambem de cólera e de execração. As scenas sucessivas que concretizam este tema, são todas dum relêvo, duma intensidade e amplidão surpreendentes e por vezes geniais e sem quebra na sua continuidade.

Técnicamente a obra é notável. Muito rica e multipla, mas breve e sucinta, procede por detalhes scintilantes. Fotografia magnífica, sobriedade de jogos scénicos, movimento, vertigem, sucessão impressionante de imagens. Na primeira parte, um comboio de soldados, desenfreado, lança-se numa velocidade crescente, parecendo que por momentos nos fere a vista como uma roda de palhetas, com as silhuetas rectangulares dos vagons e por outros nos arrasta e parece passar sobre o corpo.

Os realizadores soviéticos, são mestres consumados na sucessão desordenada de imagens: eu tinha já experimentado em Moscou, há alguns mezes, uma impressão análoga quando Pudovkine me mostrou, na Meschrabpom, algumas passagens do filme *O Descendente* (que estava, nessa altura, em via de realização)—um kaleidoscopio torrencial e formidável, de cavaleiros a galope.

Assim tambem no *Arsenal*, filas de esquadrões acabam por nos girar no cérebro e não se está bem certo de se não ser arrastado por este ciclone desenfreado.

E tambem o jogo sintético das máquinas de fábrica, todas as entranhas de ferro em turbilhão. Dojenko antes de fazer filmes fazia caricaturas. Este animador tem a noção do traço que marca, do gesto essencial, da sintese expressiva, de que faz um uso extraordinário neste filme, ao mesmo tempo abundante e esquemático, que, poder-se-hia dizer, procede por golpes e por saltos.

A maior parte das vezes, as scenas são bruscamente interrompidas, para serem retomadas apoz outras.

São cortadas, por vezes, no meio de um gesto. Este visionismo precipitado, mantem a espectativa, desde o princípio ao fim.

O criador do *Arsenal* tira efeitos poderosos da imobilidade. Certas aparições ficam sem movimento, por um espaço maior ou menor e isto fere-nos como uma pedrada e oprime-nos. No início do filme, alguns quadros mostram-nos a mizéria, a fome, o desolamento, semeados pela guerra nos campos. Ao lado duma porta, encostada à parede duma casa, na rua, uma mulher está imóvel, pendida para a frente, a cabeça envolta por um lenço, que cai em véu; tem um ar moço, mas decaído; não se meche. Um soldado aparece, o sabre batendo nas botas. Marcha ao longo da rua, pára deante da forma feminina, estende a mão, apalpa-lhe os seios. Ela não se move. Ele passa. E' tudo. E esta scena terrível, é duma enorme emoção.

Outra mizéria causada pela guerra e pela longa

ausência do homem: num quarto escuro, uma mulher levanta-se. Vêem-se, sobretudo, as duas manchas pálidas da janela e do seu rosto. Tem uma creança nos braços. Um soldado—um espectro de soldado—aparece, passa atravez da janela e pergunta-lhe:

—Quem?

Noutros lugares semelhantes, outras mães surgem e outros recem-chegados interrogam. E a esta série de visões a palavra «quem?» inscreve-se no écran em ukraniano, em alemão e em francês:

Kto? Wer? Qui?

Tem se falado muito destas lamentáveis aventuras de soldados, substituidos no seu lar, mistura banal e dilacerante de amor, de morte e de vida passiva: Dojenko resumiu definitivamente êsse poema em sombra e luz.

Outro aspecto: a maldade. A mãe está no meio da casa: sonha alucinada. Tem fome, tem frio, por ela e pelos seus filhinhos que a cercam.

Num canto, mais pequeno que as creanças, está o pai, sem pernas, mísero destroço, restituido pela guerra ao lar. A mãe não diz nada, as creanças choram e pucham-lhe pelo vestuário.

Num campo, um homem, um pobre manêta, mal se sustendo de fraqueza e de fome, conduz um cavalo velho, magro e curvado. Um sopro de raiva, de loucura e de crueldade passou. Eis a mãe que se põe a bater violentamente nas creanças, o homem que espanca o velho cavalo, a socos e pontapés, até que,

fatigado, cai por terra aos pés da pobre besta que, tranquilamente, espera que ele se levante.

O comboio já não obedece aos freios. Os soldados, que enchem os vagons, saltam para fora do comboio louco.

Vêem-se fantásmas esfumados deslizar no espaço, como projecteis, da vida para a morte. Um deles tinha um harmónio com que tocava para excitar os camaradas. O tocador de harmónio está deitado por terra, esmagado, transformado em coisa. O harmónio, esse, tem ainda, em terra, movimentos, e como que sobresaltos, de maneira que, durante alguns instantes, o comprido instrumento, flexível e plissado, toma a aparência dum organismo que tivesse sangue e entranhas.

Outro quadro: uma praça pública, uma cerimónia oficial, oradores, toda a série das cabeças bem pensantes, que vociferam a demagogia da ordem mascaras burguezas, monstruosas, mascaradas de intelectualismo... Depois tambem os popes que pregam e psalmodiam, Charlatões pomposos, cristos de feira, no meio de beatas pasmadas, que se esfregam a eles.

No campo de batalha, no meio dos fios de arâme farpado, está estendido o cadáver dum soldado que ri às gargalhadas, com todos os seus dentes brancos e moços. Como escreveu Andreas Latzko

numa das suas mais pungentes novelas, é preciso estar louco para conservar a razão deante do pesadêlo da guerra. Um outro, ainda vivo, está em pé e põe-se a rir com toda a força, sobre um outeiro donde contempla um trecho da batalha. Tornou-se o monstro do riso.

Um outro soldado, está no alto duma colina. Destaca-se em grande e negro. Reflecte: lança a espingarda para o chão e fica para ali, sem fazer nada. Vem um oficial — algum oficial de Petliura — cabeça volumosa e uivante, mandibula de polichinelo que se agita com frenesim, que maneja um enorme revolver. O soldado nada quere ouvir; as mãos abertas, não se meche. O oficial gira em vão em volta dele, vomitando ameaças. A pose calma e suave, implacavel e rígida, deste soldado, transformado em estátua de ferro, é duma beleza quasi sublime. No quadro seguinte a estátua está tombada por terra, aos pés do gnómo de revolver. Não se vêem dela senão os dois pés e a ponta da baioneta abandonada.

A enfermeira escreve uma carta que o soldado ferido, estendido na ambulancia, dita para sua mulher. Acaba de ditar e cala-se. Ela pergunta: «A direcção?» Ele não responde. Não responderá mais. Está inteiriçado, a cabeça deitada para trás. A enfermeira fica só, tendo, nas mãos, a carta perdida.

E' um intelectual de barbicha e gravata de artista, um burguez grandíloquo e pegajoso que já se viu perorar em outro ponto. Isto passa-se após a derrota dos operários.

O senhor tem precisamente um operário sob a ameaça do seu revolver, numa sala. Grita-lhe: «Marcha até à parede». O outro, desarmado, obedece. «E agora volta até mim!» O operário avança, passo a passo, para o revolver apontado. Está tão calmo, tão sereno, que o outro, à medida que a vitima se aproxima, perde a cabeça, como que em presença de um espectáculo que tem qualquer coisa de sobrenatural.

Treme, tem medo, não pode atirar. O outro estende a mão, arranca-lhe o revolver e mata-o.

Mais trágica ainda é a execução dos operários revoltados. Aqui, a sobriedade, a concentração do drama nas silhuetas, nos scenários, no desenrolar da sua impressionante simplicidade, atinge a perfeição. E' numa cave. Um sargento, ou um polícia, de grande capote, viseira do kepi sobre os olhos, mandíbula de bruto (no entanto esta fera não tem o exagero de uma caricatura) tem um revolver e, mastigando algumas palavras, aponta-o, e desfecha pausadamente, uma vez, duas vezes, cinco vezes a seguir. Afasta-se, deixando observar o que estava diante dele: veêm-se expirar os martires um a um, encostados à parede, sobre a qual um respiradoiro lança uma luz crua. Operários, cabeças másculas e resolutas,

um moço de olhos iluminados, um velho de olhos suaves, e ainda outros, tipos que se encontram em todas as fábricas. O tempo dum sorriso ou dum grito e rolam num só bloco.

Quando a luz volta à sala, destruindo sobre a tela branca esta visão, parece-nos que remontamos dos abismos, onde se geram horrorosamente as grandes transformações sociais.

E' a impressão que, definitivamente, nos deixa o desenrolar total deste filme angustioso e intenso.

Uma vez mais, os livres e grandes artistas do cinema soviético, fizeram uma obra poderosamente humana, ao lado da qual se ridicularizam ainda um pouco mais, as produções dos nossos grandes mercadores do Ocidente. Saudemos com, alegria o nome deste belo soldado novo da arte fulgurante: Dojenko.

XIV

Novos filmes soviéticos

Assisti, nestes ultimos tempos, na U. R. S. S. à apresentação dum certo numero de filmes novos, que ainda não foram projectados perante o público, mas que não tardarão a sê-lo e dos quais alguns são obras de alto e poderoso valor.

Eisenstein conduziu-me a uma pequena sala da Sovkino para assistir a uma reprodução completa do seu filme *A Linha Geral*, em realização há vários anos. O assumpto deste filme, é o imenso drama dos campos: as novas orientações das massas aldeãs no trabalho colectivo da terra. Na cabeça genial e épica de Eisenstein, este assumpto, do qual se tem feito, na União Soviética, um largo uso e que tem sido servido em todos os môlhos e apresentado, pode-se dizer, sob todas as formas — oratória, literária, artística — tornou-se qualquer coisa de singularmente magestoso e emocionante. E' a epopeia pitoresca e enlevante da comunidade de esforço que se desenha e explode diante dos olhos, seduzindo-nos e arrebatando-nos.

Nenhum simbolismo: fragmentos maciços de realidade, colados pedaço a pedaço. Nada de síntese, nada de ordenação literária. Há, simplesmente, uma unidade orgânica poderosa, entre os diversos fragmentos do panorama concreto que nos arrasta consigo.

E', primeiro, a miséria e a fragilidade daqueles que outrora e ainda actualmente, se encarniçam a permanecer cada um no seu pedacito de terra e a tirar dele a sua subsistência e a da família. O seu pobre cálculo sai quasi sempre errado. Chegam a não ser mais do que animais domésticos do aldeão rico e, vencidos por ele ou pelos elementos, não tendo outro recurso além da oração dirigida aos ídolos, que sustentam os sacerdotes e que apenas a eles aproveitam, os aldeões isolados vêem um belo dia o seu destino desmoronar-se, a ruina instalar-se no seu lar e expuliá-los dêle. Mas, eis que grandes harmonias fecundas se tentam nos campos. Uma rede de trabalho estende-se com uma simetria scientífica sobre as extensões terrestres. Os koulaks, a séca ou a tempestade teem menor poder sobre estes conjuntos de forças humanas apoiadas umas sobre as outras, que fazem do aldeão um gigante.

O trabalho colectivo, com a sua velocidade e vastos fins aperfeiçoados, suscita a colheita, arranca-a da terra e amontoa-a com um ritmo e uma grandeza, com que nem mesmo podem sonhar, as formigas individuais dispersadas.

Tudo isto mostra Eisenstein numa corrida

atravez dos campos, corrida no tempo e corrida no espaço, que impele o nosso olhar e o nosso pensamento, do esforço teimoso e animal dos lamentáveis bípedes que arrastam, eles próprios, a charrua, como uma parelha infernal, para os arabescos harmoniosos dos tratores e das máquinas, em movimento sobre o imenso teatro das coisas.

Este filme, que não desenganará aqueles que, com razão, muito esperam do autor do *Couraçado Potemkine* e de *Outubro,* foi posto em scena e realisado sem actores profissionais, unicamente com aldeões tomados no seu meio e apanhados pelo aparelho registador. Todos desempenharam os seus papeis insconscientemente, ou contra a sua vontade. Foi preciso seguir e acompanhar durante mezes e anos, a rapariga que serve de personagem principal, de *eixo vivo,* para tirar dela os gestos e as atitudes necessárias que lhe surgiam «humanamente». Tem no desenrolar do filme um lugar capital e a acção irradia à sua volta. E no entanto, ficou estranha à obra, que nunca compreendeu e pela qual nunca se interessou. Como os outros, ela não foi mais que um instrumento passivo nas mãos dum grande realizador de vida.

Da mesma Sovkino, vi um filme tirado duma novela minha: «*Le Revenant qui ne revient pas*». Fiquei vivamente interessado. A desculpa da atracção que exerceu esta nova obra cinematográfica sobre mim, está no facto da minha colaboração me ter pa-

recido ínfima. O Director Room e os seus colaboradores transformaram uma breve narração sentimental escrita por mim, numa vasta tragédia, onde a vida dos prisioneiros americanos é descrita com uma intensidade de detalhes prodigiosa.

Room fez construir uma prisão completa, que é uma gaiola monumental de multiplos andares, enorme construção transparente e aperfeiçoada, vigiada ao centro por uma torre blindada e rotatória, onde está um guarda que passeia, assim, continuamente a sua vista, sôbre a imensa gradaria da fachada. Há uma revolta de prisioneiros e a repressão dessa revolta, principalmente pelo emprego de terríveis jactos de água, que açoitando as celas são dum efeito magistral. Quanto a mim, aplaudi de todo o coração.

Outra empreza cinematográfica de Moscou, a Meschrabpom, terminou dois filmes importantes; um deles «*A Tempestade na Asia*» é já conhecido do público, não sómente de Moscou, mas de Berlim e de Paris, onde obteve um grande sucesso.

Este filme, que em Moscou se chamava o «*Descendente*» é do rival de Eisenstein, Pudovkine, autor ilustre de «*A Mãe*» e de «*O Fim de S. Petersburgo*».

A obra é notável pela amplidão do desenvolvimento scénico e pela variedade sensacional dos scenários. Trata-se dum camponez mongol que, exasperado pelas exacções dos traficantes inglezes, se lança numa luta de guerrilhas, organizada nas montanhas da

Mongólia por homens de fisionomias extraordinárias e perturbadoras. Os inglezes tentam primeiro fuzilá-lo; depois, julgam mais útil à sua política transformá-lo num potentado exótico que lhes obedeça. O homem, estupefacto e deslumbrado, deixa-se a princípio convencer, mas depois revolta-se. No fim da pelicula, que se amplifica e se reforça com um soberbo simbolismo, personifica a guerra ao estrangeiro expoliador.

Este explendido filme contém um outro elemento de interesse: uma curiosa reconstituição das sumptuosas e estranhas festas sagradas da Mongólia, cortejos e danças mascaradas, com todos os grandes pontífices. E' a primeira vez que estas cerimónias são apreciadas pelo público ocidental. Até aqui, era preciso contentar-mo-nos com as descrições feitas por alguns viajantes. Desta vez, entramos até às entranhas da velha tradição sumptuosa, que vive ainda, algures, num sector da Asia imensa.

Além disso, a Meschrabpom acaba de terminar um outro film, que é a adaptação ao cinema do «*Cadáver vivo*», de Tolstoï (realizador: Otzep).

A estrutura deste film é absolutamente tradicional e até «vieux jeu». Apezar disso o interesse mantem-se e a téze que resalta do enredo, atrai e retem a atenção: o direito para o marido epara a mulher, de se divorciarem por mutuo consentimento. Mas a principal atracção da nova obra consiste, especialmente, no facto de ser Pudovkine que desempenha o principal

papel: o do marido que se quere sacrificar e que, finalmente, para o conseguir, tem de se suicidar. O grande dramaturgo que é Pudovkine, na sua nova função de actor mostra surpreendentes qualidades de simplicidade e sinceridade. A sua figura grave e profunda, com o seu ar de juventude calma e um não sei quê de estranha, dá intensas impressões de emoção concentrada.

Uma outra novidade «*O Canário Alegre*» (realizador, L. Kulechoff), é um alegre quadro da febre de prazer e de intrigas que se desencadiaram em Odessa, durante a ocupação estrangeira, há déz anos. Os oficiais dos exércitos invasores, sobretudo os inglezes, são descritos sob um aspecto que se pode achar severo, mas que ninguem achará excessivo. As numerosas peripécias de uma aventura algo melodramática, mas possível, no meio e na época evocada, são reproduzidas com uma explêndida riqueza de detalhes.

Independentemente das duas grandes marcas soviéticas centrais, Meschrabpom e Sovkino, existem organizações de filmes em várias das repúblicas da União. Na Ukrania é a Vufku, que tem a séde social em Kiev e várias filiais, sendo de notar a de Odessa. O director geral é Voroviev. A Vufku é uma enorme empreza e, pelo que respeita a material, a primeira da U. R. S. S.

As instalações de Kiev são, sem dúvida alguma,

as mais vastas e provavelmente as mais ricas da Europa.

Já falei aos meus amigos e leitores da última criação, ainda inédita, da Vufku: «*O Arsenal*», de Dojenko. Não voltarei a falar desta magistral produção que dá à Vufku um lugar de destaque entre todas as emprezas mundiais de cinema. Vi lá projectar outros filmes antes da primeira apresentação pública: «*Djelma*», obra de Kurdium, um operário a quem dons notáveis elevaram a realizador, contém trágicas visões da guerra no Cáucaso e um drama, cheio de visões intensas, sobre a luta na aldeia, entre as velhas tradições da cultura individual e o esforço de alguns para obterem a exploração colectiva da terra (nesta segunda parte, é o mesmo assunto da *Linha Geral*, de Eisenstein). Tive tambem em Odessa as primicias de «*Em benefício do clown Jorge*» que traduz, duma forma tocante, um assunto engenhoso: um clown, alistado na guerra contra os russos brancos, utiliza os seus conhecimentos especiais, a sua habilidade como prestidigitador, ao serviço da causa revolucionária.

O filme termina por uma patética apoteose deste humilde soldado, que morre, victima da sua audácia, depois de ter dado tudo à revolução, inclusivamente o seu talento de prestidigitador e ilusionista.

O autor do scenário é Radzinski.

Em Tiflis, visitei as instalaçõs de cinema da Geórgia. Esta «fábrica», como se diz na U. R. S. S.

é muito vasta, magnificamente construida e fornecida com os aparelhos mais aperfeiçoados. Pela importância e pelas possibilidades técnicas, este *studio* cinematográfico vem logo a seguir ao de Kiev e antes do de Moscou. O director mostrou-me, numa das salas de trabalho, dois filmes documentários. O primeiro é de ordem histórica. Evoca o período em que a Geórgia esteve nas mãos do governo social democrata (1918-1920). Uma grande parte das scenas projectadas, provêem, pura e simplesmente, do stock de fotografias obtidas do natural, na época própria, pelo governo em questão. Têem, ao mesmo, tempo um aspecto bastante caricatural (sobretudo a série de festas em honra dos oficiais da ocupação estrangeira) e um caracter estritamente documentário, que lhes dá um extraordinário interesse. Misturadas com algumas scenas da guerra, ocorridas durante o lamentável dominio dos mencheviks, constituem uma poderosa arma de propaganda, no seu puro e simples objectivismo. O outro documentário, é uma série de quadros representando os trabalhos industriais, as diversas construções e as iniciativas de agricultura mecânica, que têem, ultimamente, transformado a Geórgia. Este filme é dum grande efeito e dum notável valor artístico. Não é possível reproduzir, duma forma técnicamente mais perfeita e mais impressionante, sobre todos os aspectos, a obra de reconstrução económica, empreendida na Transcaucásia.

O progresso que manifestam todas estas obras,

é indiscutível. Os filmes soviéticos, que já nada tinham a invejar às grandes firmas americanas e americano-europeias, pelo lado técnico, são-lhe superiores, indiscutivelmente, pela intensidade, a vida e a amplitude das suas realizações. Eisenstein vai passar alguns mezes à América para conhecer a fundo o trabalho dos americanos e para, com a mudança de ares, adquirir novas energias. E' preciso não nos enganarmos sobre as suas intenções. No fundo, é simplesmente curiosidade e condescendência de grande artista, que já nada tem que aprender. Voltará dentro de alguns mezes e pode sêr que, durante este tempo, faça um filme «individualista» para se distrair. Os criadores soviéticos não podem, nem querem viver no estrangeiro. Pudovkine, depois de estar algum tempo em Berlim, voltou para Moscou, onde ganha algumas centenas de rublos por semana. Tinham-lhe oferecido, para ficar na Alemanha, um milhão de dolares—vinte e cinco milhões de francos. Pudovkine recusou. Eis um facto que muito boa gente, nos nossos paízes capitalistas, consideraria como um acto de heroismo!

XV

Uma visita a Clara Zetkin

Fui visitar Clara Zetkin ao asilo encantador em que se encontra de passagem, no dia em que ela fez setenta e um anos.

Estamos em Arkhangelskoié, a perto de trinta quilómetros de Moscou, numa casa de repouso, ou seja uma casa onde se pode trabalhar em paz. Quanto a descansar, é uma coisa que depende do feitio de cada um e não se pode razoavelmente pedir isso a Clara Zetkin.

Encontrei-a instalada deante de uma mezinha, ao ar livre.

Deante de ela, papeis seguros com pedras para não serem arrastados pelo vento. Escreve. Escreve desde a manhã até à noite. Explica-me que o médico a proíbiu de andar mais de alguns quartos de hora por dia, o que a obriga a escrever o resto do tempo, e que dorme mal durante a noite, o que lhe permite pensar no que ha-de escrever durante o dia.

Não tem mudado há alguns anos para cá: as

faces rosadas, rosto cheio, a célebre auréola dos seus cabelos brancos e a sua voz patética. A fisionomia da grande propagandista da Revolução é bem conhecida da população operária da Europa central e da U. R. S. S., onde o ano passado, por ocasião dos festejos do décimo aniversário, a magnífica carreira da indomável mulher, foi consagrada pela entrega solene da condecoração do Estandarte Vermelho. Os operários francezes também a conhecem e já a viram.

E' com uma fraternal veneração que, hoje em dia, os proletários de todos os paízes a saúdam e lhe estendem as mãos.

Clara Zetkin ocupa-se actualmente da organização do VI Congresso da Internacional Comunista. Quando terminar esse trabalho irá para Moscou, onde permanecerá durante todo o Congresso.

Que fará depois? Muitos amigos aconselham-na a escrever as suas memórias. Seria toda a história da vaga revolucionária contemporânea, com os seus tumultos, as suas ressacas e os seus obstáculos derrubados, vista atravez dum olhar nobre e duma alma intrépida.

Está muito tentada a faze-lo, mas, de cada vez que quere começar, alguma obrigação inadiavel de «directora de consciencia» e de tribuno fulgurante a arranca aos seus projectos e lança na luta imediata. E, tanta necessidade tem dela a causa do proletariado, que as ocasiões nunca faltam!

Não somente ela se não queixa, mas procura

mesmo essas ocasiões de exercer uma acção útil, pela palavra e pela propaganda directa. E' assim que, para depois desse Congresso solene, de que será a alma, deseja, a não ser que a sua saude lh'o não permita, ir falar ás massas alemãs que teem confiança nela. «Ha ali muito que fazer», disse-me ela, o que na sua boca quere dizer: «é preciso fazer» e «fa-lo-hei»!

E como o seu espirito é lucido, agudo, cheio de vivacidade, como ela se interessa de uma maneira intensa por todos os detalhes dos acontecimentos de actualidade e pela grande luta aberta no mundo, entre a reacção, ainda tão poderosa e voraz e a Revolução em marcha!

Por vezes uma recordação remonta do passado, antiga ou recente: conta-me as peripécias da sua ultima viagem clandestina a França e como, quasi por milagre, poude assistir ao Congresso de Tours. Não tomou nenhuma precaução. Desembarcou em Paris, na gare de Leste, sem prestar atenção à policia que lá estava para a espiar, pois tinha havido noticia da sua viagem. «Eu não estava disfarçada: trazia a saia e o chapeu que usava habitualmente e com que era conhecida. Atravessei a estação tranquilamente, como uma bôa burgueza e subi para um taxi... Julgo que, com sangue frio e calma, se escapa mais facilmente à policia, do que com disfarces. Infelizmente, não encontrei os camaradas a casa de quem fui, o que complicou a situação, que ainda se agravou

mais com a necessidade de ir a Tours e voltar. Estive escondida durante alguns dias em Paris, em casa de um camarada e regressei sem dificuldade, com grande indignação do serviço de segurança que tinha jurado prender-me». —Falei com Clara Zetkin acerca da intensa luta que o Comité Anti-fascista Internacional, empreendeu contra o fascismo internacional e, finalmente, dum projecto que actualmente elaboro: a organização duma grande manifestação anti-fascista.

Julgou especialmente util este projecto, que nos permitirá centralizar e mobilisar, duma forma mais metódica, as forças dispersas, contrarias ao flagelo. «E' necessário, diz Clara Zetkin, fazer um esforço supremo contra o fascismo. A-pezar-de se desenvolver, por toda a parte, duma forma extraordinária, é preciso considerá-lo não como uma prova da força da burguezia, mas pelo contrário, como uma manifestação da sua fraqueza. A infanteria, a cavalaria e a artilharia de que ela dispõe, por intermédio dos governos domesticados, já lhe não parece suficiente para a proteger, e recorre, por isso, a forças mais directas e mais seguras. E' o seu ultimo cartucho, a sua derradeira probabilidade, que ela arrisca, lançando as suas alcateias de bandidos, no campo de batalha do trabalho e introduzindo na organização social, perseguições medievais». E falamos de muitas outras coisas, da luta de hontem, de hoje e de amanhã, da obra e da missão da M. O. P. R...

Não ha, entre as figuras dos dirigentes revolucionarios, nenhuma mais notavel que a desta mulher, cuja vida foi um exemplo luminoso e incendiário e que parece buscar, maravilhosamente, novas forças, na necessidade que se tem dela, neste agitado periodo histórico em que vivemos: a passagem da velha ordem, para uma nova ordem de coisas.

Todos nós, proletários e intelectuais revolucionarios, camaradas, irmãos ou simpatisantes, celebramos nos nossos corações a gloriosa velhice de Clara Zetkin e a sua eterna e preciosa juventude.

XVI

Reflexões feitas em Moscou (1)

Toda a gente gritou: bravo! deante da competencia, da energia e do heroismo dos homens do Krassine e de Tchukhnovski. Eu tambem! E não viria, certamente, incomodar os leitores de *Izvestia*, para lhes anunciar que tambem tómo parte num aplauso tão universal, se o comovedor acontecimento polar, não tivesse provocado em mim uma certa surpreza, que eu quero deixar ficar aqui bem vincada.

Não é a surpreza que se poderia imaginar. Não estou de forma alguma admirado com o feito dos navegadores e aviadores soviéticos, mas, pelo contrário, com o espanto que, por toda a parte e sobretudo em França, se mesclou com o entusiasmo. Mesmo a forma por que esse entusiasmo se manifestou, me faz cair em profundas reflexões.

Por ser magnifico, o facto em si é muito simples. Se a expedição do *Italia* não era sensata, o

(1) Artigo publicado por *Izvestia*.

salvamento dos sobreviventes, nas condições em que se efectuou, era lógico, — e se os nossos camaradas vierem a salvar outros, será igualmente muito lógico.

A vertiginosa proeza, em que misturamos os nomes de Tchukhnovski, de Babuchkine e de Samoloivitch, o que é que prova? Em primeiro lugar, que o governo do Estado Operário passou aos actos, porquanto homens, que são soldados soviéticos, arriscaram a sua vida, — pois havia uma obra de solidariedade humana a executar.

Não se preocuparam, a-pezar-de vermelhos, com tudo o que o imperialismo e o fascismo tinham podido ajuntar de vaidade, de acessórios de teatro e de *bibelots* de publicidade, a uma expedição polar.

Não se importaram com este detalhe: a pressa e a negligência, absolutamente políticas, com que a expedição Nobile tinha sido lançada nos gelos polares. Não se preocuparam com o facto da preparação técnica da terrível viagem, ter sido sacrificada às urgentes exigências do reclame da firma Mussolini e da exibição da bandeira neo-italiana, sobre os bancos de gêlo — e arriscaram-se mil vezes à morte, para ir pescar alguns mortos, em que ainda havia um sopro de vida, e ressuscitá-los. Elevando nos ares alguns desses náufragos do ar, diminuiram o número dos crimes dos responsáveis oficiais ou oficiosos da empreza.

O seu esforço e a sua audácia, espantaram uma grande parte da velha Europa. Os meus pobres compatriotas do ocidente, ignoram ainda que os soldados

soviéticos, não são soldados como os nossos: são soldados cujo fim é justamente salvar os homens e sômos forçados a constatar lealmente, por mais que isso nos custe, que, fóra da Rússia, a imagem do homem com um punhal entre os dentes não é simplesmente uma fotografia.

Assim é que nós vemos jornais, que pelo seu servilismo, são um reflexo da opinião corrente, manifestar uma aprovação estupefacta, como um certo jornal parisiense de teatro, que, julgando-se tão bem informado àcêrca dos bastidores da grande actualidade mundial, como sobre os de music-halls, escreve: «a feliz expedição do *Krassine* fêz e fará no mundo a maior impressão. Não significará a volta da Rússia para a humanidade, o retorno do regimen soviético aos sentimentos e aos costumes da sociabilidade»? Esta frase magnífica, que seria ultrajante para aqueles a quem se refere, se primeiro não ridicularizasse aquele que fala, mostra-nos o sentir duma parte do público: eis os selvagens soviéticos que regressam à civilização. Redimem-se. Procuram obter o seu perdão. Por ocasião da instituição da N. E. P., já se tinha esperado esse movimento da sua parte, mas foi uma esperança vã... Agora, já não será um acto de coragem e de temeridade, passear na U. S. sem escolta, como fez o ano passado Madame Andrée Viollis, que pôz valorosamente ao seu livro o seguinte título: «Sózinha na Rússia»! E agradece-se quasi tanto ao

poder operário, como se ele tivesse vindo ao mercado capitalista vender o socialismo, para obter a paz.

Mas o acontecimento do *Krassine* prova ainda outra coisa. Atesta que os homens que, na U. R. S. S., comandam os quebra-gêlos e pilotam os aviões, conhecem admirávelmente a sua profissão, são verdadeiros azes, herois aperfeiçoados e tambem que eles têem à sua disposição aparelhos e uma utensilagem de primeira ordem e que a aviação soviética é poderosa e capaz de agir, tão bem ou melhor, que qualquer outra, em qualquer circunstância.

Tambem isto causou bastante espanto. A célebre opinião pública, que resiste dificilmente ao vento, e que tem por especialidade descobrir de vez em quando a América, prepára-se para descobrir a Rússia Moderna!

Foi necessário que caísse do céu esta aventura trágica e soberba de dirigível e de avião, para se conseguir saber que no ex-império dos tzares, existem homens de coração e de cabeça e técnicos à altura dos acontecimentos e um grande povo que é forte e sólido — e para que se visse bem, o que é o coração vermelho de Moscou.

Foi pouco mais ou menos pela mesma razão que o assassinato de Matteotti, se tornou indispensavel para mostrar que Mussolini era Mussolini. Falo do fascismo como falaria de qualquer outra coisa e porque, neste acontecimento, foi ele que começou, se assim se pode dizer; mas o gesto dos soviéticos não teve,

é incontestavel, como finalidade, agitar uma foice e um martelo, contra a cruz e o estandarte mobilisados por Nobile. A questão fascismo-bolchevismo será discutida noutro ponto e resolvida duma maneira diferente. No acontecido, nós só vemos soldados, que cumpriram o seu dever de homens e fizeram uma demonstração ruidosa, da força e da organização soviéticas.

Mas, por sobre as vagas élites que fazem os jornais e que traduzem o errante pensamento do público, nos paízes de ditadura burgueza, existe uma imensa massa de indivíduos que principiam a saber o que é o novo continente, instalado no velho continente. E, para estes, a história do *Krassine* e dos seus aviões, não é um milagre: está perfeitamente certa.

E' a opinião desse público, que se torna principalmente útil para a boa preparação do futuro.

XVII

Conversa com Maximo Gorki

Era a primeira vez que eu o via. Tinhamos por vêzes, trabalhado de acôrdo, de longe, mas não nos conheciamos pessoalmente, se me é permitido dizê-lo assim, senão por cartas.

Apareceu-me (e apertamo-nos as mãos e beijamo-nos) na varanda da *vila*, entre as colunas brancas e nos cruzamentos lineares da bela luz da tarde e do reflexo azulado do grande parque.

Habita, por alguns dias, esta ex-residencia aristocrática, transformada em casa de repouso, a uns quarenta quilometros de Moscou. (A vila é uma ilhota vermelha, numa colina dum vêrde espesso; é ampla e rica, mas bastante prejudicada pelo mau gosto do seu anterior proprietário, amador do estilo moderno, que utilisou em todo o edificio.) E' ali que Gorki retoma folego, depois da recepção que lhe fêz o povo soviético, longe do qual vivia ha anos e, fóra daqui, pode-se dificilmente imaginar a amplidão unificada e o entusiasmo desta série de festas. Moscou está ainda fremente

das ovações que se elevaram à volta do maior escritor russo, que voltava ao redil; o seu retrato vê-se em todas as montras, ergue-se gigantesco, azul vivo, sobre arcos, altos como scenários de teatro e flutua ao vento, com uma frase de saudação, repetindo-se aos olhos, em bandeirolas que atravessam as grandes ruas.

Viemos vê-lo juntos—alguns amigos: Khalatov, o director das Edições de Estado (a maior casa editora do mundo: lançou êste ano, no mercado, 80 milhões de volumes); Khalatov organisou, em tempos, os caminhos de ferro da U. R. S. S. e fez ainda muitas outras coisas; tem uma magnifica figura biblica, de péle fulva e barba tão negra, como os seus olhos de Arménio, o boné de astrakan e o casaco de cabedal, com que sempre o conheci. Stiêpanov-Skvortsov, o director das *Izvestia*, um homem direito e magro, estatura de granadeiro e colarinho militar: cabeça rapada, olhos azuis, grandes bigodes e uma bela vóz, grossa e ardente; Ganietsky, um dos pilares da Tséka (Comité Executivo Central). (Estes homens são formidaveis trabalhadores, tendo, cada um dêles, a seu cargo, um tão grande número de direcções importantes, que não nos podemos arriscar a enumerá-las). Damian Biedny, personagem monumental, de olhos finos: publicista e poeta popular (muito popular) e homem de espirito, célebre. «Se você compreendesse o que êle diz, afirmava-me espirituosamente um camarada, ainda teria mais pena do que tem, de não saber russo».

E muitos outros que, na varanda, se agitam com as pernas se estão de pé, com os braços se estão sentados: faladores, turbulentos e alegres, como toda a gente daqui.

Gorki, que está ali sentado na minha frente, deixou-me esta primeira impressão, que exprimo singelamente dizendo: *E' pouco parecido.* A fisionomia de Alexis Maximovitch, pelo menos a sua fisionomia actual, tem sido bastante deformada pelos desenhistas e notavelmente atraiçoada pelos fotografos, que se atropelam à sua volta. Só vagamente recorda os seus inumeros retratos. E' muito mais delicado que os seus sósias que circulam em papel, por todo o mundo. Tem um corpo comprido e magro, que se quebra quando está assentado, com os dois hombros muito altos e uma cabeça pequena, de cabelos castanhos, que começam a enbranquecer. O seu bigode gaulês, castanho e caído, é bem aquele que tantas fotografias tornaram célebre, mas à sua volta a mascara está mudada, cheia de rugas, emagrecida e fechada. A têz é mate e clara e nenhuma palavra poderia descrever, a extraordinária luminosidade dos seus olhos azuis.

Não fala o francês: sabe apenas responder-me: «non» quando o interrogo—em francês. No entanto, compreende-o regularmente: neste mesmo momento, antes de falar, pegou no último número do *Monde* com as suas mãos magras de dedos nervosos e tendo posto as lunetas, nos seus admiraveis olhos, quasi

fosforecentes, percorre-o, lê os titulos, algumas frazes, passagens. Aprendeu o italiano, mas fala-o bastante mal, segundo me afirmaram. A sua poderosa originalidade russa, apodera-se da sua linguagem e não lhe deixa fazer partilhas neste campo.

Em seguida responde ás perguntas. O que faz aqui? E' um entreacto de alguns dias; descança; organisa a sua documentação. Vai partir para a Ukrania, em seguida para o Cáucasso e depois para Nijni-Novgorod, a sua cidade natal. Escreve? Sim, mas, neste momento, não escreve livros: impressões, artigos. Voltará a Sorrento? Sim. Regressará depois definitivamente para a União? Talvez.

O seu estado de espirito, a sua primeira impressão? *Sentiu-se transtornado.*

Recebia em Italia, onde ha anos estabelecera domicilio, uma abundante correspondencia da Rússia. Lia os jornais e estava ao corrente de tudo o que se passava. Mas sabia sem saber: a prova, é que não reconheceu nada, quando aqui chegou. E no entanto, abriu bem os olhos, olhou à roda, voltou-se para todos os lados; falou a toda a gente e diante de toda a gente. A imprensa soviética, registou essa activa e infatigavel curiosidade, que se prendeu com todos os detalhes, com todos os acontecimentos e retalhos de acontecimentos, com todos os avisos e com todas as opiniões: «olhava para todos os olhos», constata Boris Voline num pitoresco e meticuloso artigo consagrado à volta de Gorki à patria.

Para ele, a caracteristica da Rússia actual é uma grande modificação, uma transformação enorme e profunda. De tal forma que os próprios scenários, as grandes coisas imutaveis, lhe pareciam diferentes do que eram dantes. Louvei-lhe a encantadora majestade das aldeias que se atravessam para vir de Moscou aqui: os lados da grande estrada aberta atravez da planicie, tornam-se verdes e arborisados umas centenas de metros e, atravez das folhagens, de cada lado da estrada, veem-se filas de cercados e de casas de madeira — as paredes em madeiros redondos, como os *chalets* suissos, e janelas com guarnições de madeira recortada e cercadas de trepadeiras, pintadas de branco, azul, verde, vermelho, cores tão vivas como as dos lenços das mulheres descalças e as das blusas dos homens, calçados com grandes botas. De vez em quando, uma igreja, geralmente pintada como as isbas e bandos de corvos: os negros, de asas recortadas, como aplicações de mãos negras sobre o céu, os bicolores, que tem um colete cor de café com leite, são franjados de negro e parecem-se tanto com gaivotas como com corvos.

Docemente, diz:

— Tambem não reconheci os campos e os passaros, que eu conhecia tão bem.

Não reconheceu tambem Moscou que, no entanto, conhecia perfeitamente. Realmente, a silhueta da capital modificou-se inteiramente, e, sem contar tudo o que tem sido reconstruido, ha alguns anos, sobre os

escombros, existe hoje um grande número de enormes edificios de construção geométrica, duma belesa magistral e unitaria de maquina, como a Central Telegráfica, a Casa dos Trusts, a da cooperativa Mosselprom, o Instituto Lenine, as Izestia e outras arquitecturas cúbicas e desmesuradas, de vidro e cimento armado.

Mas não é isto que ele quer dizer, quando fala de mudanças. Mesmo assim, teria reconhecido fácilmente Moscou atravez dessas espaçosas fachadas, mas foi a atmosfera, os individuos, foi a vida que ele não encontrou. A mudança apareceu-lhe sob a forma dum *rejuvenescimento*. E' esta a palavra que ele repete constantemente, o *leitmotiv* das suas sensações de volta à patria.

— Cheguei à Rússia, diz ele, mais fatigado e mais velho, do que me sinto atualmente. Tudo o que vi, rejuveneceu-me.

Fala da «cara nova e brava», do «olhar independente e seguro» dos edificadores novos (é tambem esta a expressão que ele emprega). Explica que se sentiu cercado «duma atmosfera de energia e de criação inteligente e santa».

Essa mocidade espirrou sobre ele: «A sua energia é contagiosa». Essa energia transformou-se, nêle, em entusiasmo e em emoção. Por vezes, essa emoção embarga-lhe a voz. Gostaria mais de escrever do que de dizer tudo isto, porque não emprega as pala-

vras precisas: a sua mão, traduz mais fielmente o seu pensamento, que a sua boca.

Parece-lhe que essa multidão, a quem admira e a quem ama e cujo sopro chega até ele, não sabe o que vale e o que faz e constata que, quando se vem de longe, como ele, e nos colocamos, de repente, em contacto com ela, no meio das suas realizações, no meio de tudo aquilo que ela conquistou, no meio da sua marcha e da sua disciplina de trabalho, se sente uma impressão muito mais forte e muito mais justa, que tendo estado sempre misturado com ela.

Recolher esta reacção, duma alma e dum espirito, que conhecia tão bem os Russos e a Rússia e que conhece tão bem os homens,—e que não voltava do fundo das idades, mas duma ausencia de alguns anos,—é importante e comovedor. Exerce-se em profundidade. Contrariamente ao costume dos anotadores de pitoresco, que veem à Rússia soviética para amontoar detalhes, sob a forma de livros e continuar, com uma mercadoria nova, os seus pequenos negócios literários, ele separa a causa, o vasto orgão movimentador, a orientação e o conjunto. Todo o resto desaparece diante disto. Vê bem os defeitos e as lacunas, ele que vê tudo, mas o seu olhar é o de um grande homem sobre um grande facto e, por isso, conclui: «as massas soviéticas em movimento, são o maior e mais importante acontecimento do mundo». A sua apreciação, tem uma espécie de amplitude histórica.

Fala do homem velho, que êle era e que conti-

nua, um pouco, a sêr ainda e também do homem novo, esse «homem novo» que um dos mais brilhantes e lúcidos espíritos, e um dos melhores obreiros da Rússia actual, Lunatcharsky, procura definir e delimitar.

O homem novo, diz Gorki, é um homem que se «rejuvenesceu interiormente». Falava-se dantes, com certa razão, no russo de «corpo mole», e esta expressão proverbial aplicava-se ao «não te rales», à resignação profunda, da raça russa domesticada. Esse tipo de ontem desapareceu. O homem novo, é um lutador: «acumula fôrças intelectuais», apodera-se do saber e, o que é mais, das ideias gerais, claras e nítidas. Adquire a consciência social e a noção do seu papel no todo. E' a sua cabeça que trabalha, mas é também o seu coração, nêste executar da Revolução. A Revolução é uma fôrça lógica, mas é também uma fôrça harmoniosa e moral. Sustenta-se pela reflexão e pelo entusiasmo: ambos ao mesmo tempo, porque é uma fôrça viva e porque a vida, sendo uma só, não se pode partilhar entre a cabeça e o coração.

Sem dúvida, estas duas razões individuais apresentam grandes contrástes. Há, por vezes, irredutíveis contradições entre os lógicos e os sentimentais; existe até, o que é ainda pior que a divergência, um mal entendido perpétuo, entre estas duas categorias de sêres: A's vezes parece que pensam a mesma coisa, porque, sucede empregarem as mesmas palavras, mas não é assim. Na nossa época, em que tudo é

sujeito a uma revisão severa e em que se tem a necessidade de estudar a fundo os grandes problemas, encontram-se, em toda a parte, vestígios desse conflito entre a razão e o sentimento, que é, em suma, o famoso conflito clássico, do sonho e da acção, pôsto por Hamlet diante do tribunal da opinião pública internacional. E' também a luta entre a teoria e a prática, entre o abstracto e o concreto e, emfim, entre o individualismo e a disciplina.

Na realidade, não é necessário que haja luta. Está-se em presença de dois aspectos da vida e não de dois principios diametralmente opostos. Tornam-se utópicos, um e outro, se pretendem ser exclusivos. E' precisa uma dosagem. E' necessária, tambem, uma ordem: a lógica primeiro, a sensibilidade depois; o plano, e em seguida, o entusiasmo. Nem a bôa vontade, nem os bons sentimentos, nem o fervôr ou espirito de sacrificio, são suficientes para construir uma sociedade nova. Para construir qualquer coisa, é necessário conhecer a técnica do trabalho. Mas o entusiasmo, — força motriz desperdiçada, se não é organizada por uma doutrina —, é util e até pode ser indispensavel, para executar uma missão.

Poucos individuos têem, sem desfalecimentos, podido constatar quanto, numa obra de edificação revolucionária, começada pela destruição e pela guerra e continuada pelo esforço construtivo e pela luta — é preciso empregar de teoria rígida e de realismo adaptavel. Lenine foi um dêsses. Pode-se dizer que deu

à teoria e à pratica um só corpo e fez entrar o abstrato no concreto. Num dado momento, Gorki sentiu-se bastante esmagado pela enormidade de Lenine. Não encontrou logo o caminho. Estava de coração com a revolução, mas não a compreendia integralmente. Mais revoltado do que revolucionário, tendo manipulado genialmente a doença e a chaga da miséria e da exploração, soltou gritos de cólera e pensou, por vezes, que a tomada do poder pelos escravos do capitalismo, era uma justa vingança, o que não corresponde à forma por que se exprimem os que fizeram a revolução de Outubro: esta, para os últimos, é sómente um equilíbrio, a subida duma força natural, prêza, até aqui, por meios artificiais, que retoma a sua fórma e o lugar que lhe compete normalmente.

Não há duas verdades. Existe unicamente aquela que está preza à realidade, como a vida está ligada à natureza. Esta verdade, a que hesitamos dar o seu verdadeiro nome, com mêdo que façam dela um ídolo abstracto com uma palavra, é, em si mesma, vida e natureza. A sensibilidade recta, mostra-a tal como é, tão bem como o raciocínio puro e a perspectiva scientífica. E' à síntese dessas duas fôrças, que é preciso chegar. E' necessário, não sómente, que elas co-existam mas ainda que estejam estreitamente unidas. Enquanto não chegarmos a isso, enquanto essas duas necessidades, com o seu impulso interior, se não ajustem, estamos entre a espada e a parêde. Os tolstoïanos, com o seu arnarquismo sentimental e o

seu crédo a que não sabem pôr limites, nem orientar no mundo como uma corrente útil, com o seu orgulho amargo de legisladores morais, postos à margem pela luta contemporânea, sofrem, por isso, sem deixarem a sua posição, ou caiem no pessimismo, ou então, dedicam-se ao espiritismo divino, para encontrar uma base concreta ao seu idealismo sem fundamento na realidade. E são, cada vez mais, postos à margem da história que continua.

De resto, recorda-me o debater de Anatole France, na sua velhice: (intervim, quanto me foi possível, nessa crise). A sua prodigiosa intuição de artista, via bem os contornos grandiosos da revolução russa. Mas já não tinha força bastante para dar corpo à sua admiração. Estava demasiadamente paralizado por hábitos antigos e pelas algêmas do catecismo liberal e superficial que, durante meio século, tinha repetido, para atrelar a sua sensibilidade à sua clarividência e ir para a frente.

Gorki, passou êsse estado. A sua envergadura de homem, o seu instinto de artista, mais amplo, mais imperioso, mais arrebatado, salvou-o. De resto, esteve sempre bem perto da revolução. Hoje, vê em toda a parte na vida, passar o espírito de Lenine.

Se as massas russas executaram o seu trabalho de renovadoras e persistem nêle, é porque seguiram o espírito de Lenine. Lenine revive na colectividade. Todos os que o conheceram pessoalmente reconhecem isto.

Máximo Gorki insiste no papel da personalidade na nova ordem de coisas: o comunismo, longe de a esmagar, exalta-a!

—Os adversários do comunismo, afirmam que o socialismo integral cria autómatos, pessôas de «individualidade acinzentada». Não, aqui sucede o contrário. O que me impressiona, é que no Estado soviético, as criaturas adquirem uma individualidade intensa. Assistimos ao aumento da personalidade. Dantes, oprimidos e explorados, os homens gemiam; agora, falam todos, em voz alta.

Era interessante conhecer a opinião de Gorki àcêrca dessa *auto-crítica*, de que tanto se fala actualmente na Rússia. Está na ordem do dia, em conseqüência da decisão dos dirigentes políticos, de lhe dar o mais amplo desenvolvimento.

Gorki critica bastante a propensão que tem os militantes e dirigentes soviéticos para censurar o seu próprio trabalho. Estas reservas não incidem sobre o fundo, mas sobre a forma desta crítica. Em todo o resto do mundo, está-se habituado ao que eu chamarei uma separação de poderes: o que realiza e o que aprecia. Gorki admite que ambos estejam orgànicamente ligados. Mas não admite o caracter agressivo que, por vezes, toma na terra soviética a apreciação do trabalho teórico e prático, nem a violência dos ataques pessoais resultantes dêsse dever de se erigir em juiz. Já no seu asilo de Sorrento, se surpreendia com formidáveis disputas. A sua opinião não mu-

dou depois, e, ainda que reconhecendo que é preciso nunca desarmar contra certas tendências perigosas, como sejam a burocracia e as revivescências do velho mundo, que nos restam, necessáriamente acresta: «E' preciso não nos deixarmos intimidar pelos nossos defeitos e pelas nossas faltas. Esta afinação faz parte integrante do trabalho, mas não é uma razão para gritarem uns contra os outros e se ferirem. A virulência da linguagem, gela-nos e faz-nos voltar para traz». Está mais inclinado a pensar que o povo russo se estima em menos do que o seu valor — e em todo o caso, que não se dá, inteiramente, conta, de toda a amplitude da realização socialista esboçada, que a auto-crítica e as ásperas discussões interiores levam, de facto, a uma certa calúnia e que o estrangeiro, que tem desta realização, dos seus métodos e do seu rítmo, uma ignorância selvagem, sofre, por isso, uma impressão desfavorável.

Máximo Gorki tem um grande projecto, que tomará corpo dentro de pouco tempo: uma revista mensal, intitulada *As nossas realizações*. Esse periódico será puramente documentário e terá por finalidade, não só esclarecer uma opinião pública ignorante e hóstil, mas tambem e principalmente, dar a todos os trabalhadores russos, a consciência de si próprios.

— Parece-me indispensável a criação duma revista, onde, como num espelho, se possam ver todas as manifestações da nossa actividade: indispen-

sável, porque julgo que não vêmos, com a clareza suficiente, a obra realizada nesta U. R. S. S. e nesta Moscou, onde os homens caminham, hoje, duma maneira diversa da de há dez anos.

Abordamos um outro assunto: a arte nova, a literatura proletária. E' este o grave problêma que conduz a arte e a vida social pelos novos caminhos, ora abertos. Declaro a Gorki, que uma das finalidades do *Monde*, é dar vida a esse novo modo de expressão, do homem novo, de quem êle acaba de dizer: «Mesmo fazendo pequenas coisas, trabalha para uma grande obra». A arte, que sairá da própria terra e das próprias multidões, na gléba dos campos ou nas ruas das cidades, renovará pela sua enorme saúde, pela rectidão e pela fôrça do seu movimento, a vida artística da humanidade.

Por entre o vendaval que principia, por entre a onda que se avoluma, o que será feito das nossas literaturas delicadas, decadentes e inconsistentes, em moda nas ricas sociedades moribundas? Simples *bibelots*. Quando há pouco recebi, à frente da população de Moscou, Bela Kun, ao chegar à estação, fugido das garras da polícia hungara, saudei-o em nome do *Bureau* Internacional dos Escritores Proletários, porque durante o tempo que esteve no poder, se esforçou por dar um vasto lugar à literatura vinda de baixo e combateu a má literatura burgueza, em moda, então como hoje, no seu paíz como no resto do mundo, que tem todos os luxos e todos os

vícios da decadência. E' essa luta entre o que exprime a antiga ordem de coisas e o que exprime a nova visão humana, que nós queremos sustentar.

Gorki aprova abertamente esse programa, no qual colaborará com alegria. Mas, é claro que a vasta campanha, ora no início, será acompanhada dum esfôrço tenaz em prol da educação, do enriquecimento intelectual e da documentação, dos novos soldados da ideia. Para esta batalha é preciso, como para qualquer outra, estar bem armado. Pergunta-me Gorki o que eu penso àcêrca da abundante literatura biográfica retrospectiva que, neste momento, floresce em França. Expuz-lhe o meu ponto de vista.

— Em si mesmas, essas obras que, na realidade, abundam entre nós, válem o que válem os seus autores. Mas uma tal abundância é um sintôma de pobreza. A literatura burgueza é uma literatura de decadência. Não tem nada para dizer, porque não a orienta nenhuma ideia e nenhum ideal. Não faz mais que repetir, duma maneira mais ou menos aperfeiçoada, aquilo que já disse e rebuscar novas facetas do egoismo sentimental, já tão frequentemente escalpelizado e explorado por ela e repetir enredos já usados outras vezes. Não se pode voltar para o futuro, onde não há nada para ela; volta-se para o passado e pésca, às cegas, no retrospectivo. Marca passo e não sai do mesmo sitio.

— E' verdade, diz Gorki, e no entanto, essas obras são úteis sob o ponto de vista documentário e

torna-se necessário, antes de mais, instruir-se. Mas, sem dúvida alguma, os homens novos devem criar os seus escritores e estou certo que os criarão.

Gorki entrevê, para os primeiros tempos, uma literatura de combate:

— A literatura deve ser mais revolucionária que nunca. Deve desenvolver e estudar, os gestos e actos do homem novo e instituir uma crítica artística da actualidade. Devem ser joeirados, sem piedade, os nossos actuais pequenos burguezes, tipo entre todos odioso (sinto-me encolerizado quando penso nêles!). São astutos e perigosos, escondem-se em toda a parte, esses novos burguezes miúdos. Hoje, estão mais organizados que dantes, são mais prejudiciais que no tempo da minha mocidade.

Com o seu faro de artista, compreende aquilo que os organizadores revolucionários viram e previram, por meio da sua análise leninista: a resistência teimosa do kulak e do pequeno produtor, «dêsse resíduo da revolução, que quer viver bem e melhor dormir, comêr pasteis e gozar os seus prazeres preferidos». Êste obstáculo humano desenha-se, também, no campo literário.

— Tomará parte pessoalmente nessa luta?

A resposta é um pouco evasiva (talvez simplesmente modesta):

— A minha obra é a dum escritor do meu tempo, da minha geração. Nós cantámos a missa e fechámos a historia duma classe que já passou e

desaparecerá para sempre. Fizemos literatura de liquidação. Mas eis outras forças que acorrem para lutar contra a pequena burguesia e criar o homem que caminha com passo firme para o futuro. Os quadros novos ampliam-se. Os «correspondentes operários», que os grandes jornais do proletáriado estabeleceram, pedindo aos seus leitores para serem colaboradores, têem dado, em pouco tempo, algumas centenas de jornalistas e de escritorès de mérito. Acredite, diz Gorki, dentro de cinco anos, toda a literatura russa estará ocupada, e brilhantemente ocupada, pelos correspondentes operários.

Mas insiste sobre a necessidade que ha, de dar a êsses recenchegados o máximo de cultura e de fazer dêles técnicos literários: para pôr as palavras no seu lugar e de harmonia com as regras, para trabalhar com a ferramenta que se molha na tinta, é indispensavel uma aprendizagem semelhante à que faz o serralheiro para aprender a trabalhar o ferro.

— Nas cartas que recêbo dos correspondentes operários (na Itália recebia dez por dia), ha faltas de ortografia e ha talento. Deixai passar dois anos e os signatários de tais cartas já não cometerão erros; só lhes restará o talento e serão, por isso, escritores qualificados.

Gorki não pode actualmente precisar o que irá fazer agora. O que sabe, é que trabalhará pela grande comunidade laboriosa que ha dez anos se instalou sobre as ruinas do império dos tsares. Lenine já

tinha anunciado que Gorki, «o maior representante da arte proletária, que tanto fez por ela» tinha a missão «de um dia fazer ainda mais». E Maximo Gorki, pela orientação e pela efusão de toda a sua vida de trabalho, e, duma maneira mais imediata, por essa força de esperança e de confiança, por esse reconhecimento e por essa vontade, que acaba de adquirir em contacto com os seus, dedicar-se-lia, cada vez com mais entusiasmo, a servir e a iluminar a obra dos russos.

XVIII

Algumas palavras de conclusão ácerca da «verdade soviética»

Alguns amáveis correspondentes, aliás bem dispostos a meu respeito, estranham a perpétua aprovação que eu e o «Monde» concedêmos à U. R. S. S.

«Porque é que o senhor e os seus colaboradores, escrevem-me eles, só falam da U. R. S. S. para a louvar e nunca para formular criticas?»

Êstes correspondentes vêem uma opinião antecipada na nossa atitude em face de uma questão que interessa, de uma forma tão intensa, uma grande parte do público. Porque é pouco natural, dizem, que tudo seja perfeito no Estado Soviético e que não haja nenhuma reserva a fazer.

Expliquêmos, duma vez para sempre, a nossa atitude e procuremos dissipar qualquer equivoco a este respeito, entre nós e os nossos leitores.

Já o tenho dito e repito-o agora: a nossa atitude em face da União Soviética não nos é imposta por nenhuma obrigação de principios. Se apresenta-

mos, sistemáticamente, um quadro favoravel da nação nova, não é, de forma alguma, porque entendamos ser do nosso dever fazê-lo, em razão do valor e do alcance que, pessoalmente, dêmos ás concepções em que essa nação se baseia. Ainda menos obedecemos, neste particular, a uma ordem comunista.

A posição que tomamos, resulta duma linha de conduta muito simples, de bom senso e de probidade, e que, como nós o pretendemos, é bem objectiva.

Sim, toda a gente quer saber a verdade ácerca da U. R. S. S. Mas procuremos determinar, nítida e lealmente sobre que incide esta curiosidade. Incide sobre o seguinte: Em outubro de 1917, estalou na Rússia uma revolução proletária, após a revolução burguêsa de fevereiro, que, a-pesar-de ter derrubado o tsarismo, não tinha modificado essencialmente, o estado social e politico do ex-império, pois a supremacia continuava nas mãos das mesmas classes. Pelo contrário, a Revolução de Outubro trazia uma transformação profunda das relações e dos valores sociaes. Era uma experiencia enorme, sem exemplo na historia, que se tentava: a classe operária, a multidão dos explorados tomava nas suas mãos o poder pela primeira vez nos anais da humanidade. Esta tentativa gigantesca, nasceu e tem sido executada, no meio de lutas e de dificuldades sem par, que ninguem ignora já.

Logo, a pergunta formulada pelo público universal, antes de mais nada, é esta: A Revolução de

Outubro deu bons resultados ou, pelo contrário, foi um desastre?

As esperanças que despertou o operariado russo, quando se ergueu, as prespectivas por ele abertas ás multidões mundiaes, não passavam de miragens—ou de mentiras? E' a libertação definitiva dos escravos do trabalho que se prepara e executa no país soviético ou, pelo contrário, vem esta experiencia provar que esta concepção não pode resistir ao maquinismo capitalista que rége o resto do mundo? Ou dá-se na Rússia o mesmo que entre nós: o povo é enganado por detraz dum scenário teatral de democracia?

Sim ou não, a revolução politica e a ordem nova que ela instituiu, conseguiram assegurar o destino económico dum vasto país? Sim ou não, os operários e os camponêses reconstituiram a potencia de produção, do continente em que deitaram abaixo o regimen —e continuam a ser revolucionários?

A cupidez de saber, que orienta os espiritos para a obra histórica da Revolução de Outubro, não é da mesma ordem do desejo que sentem de se instruir ácerca da actividade económica de qualquer outra região do mundo. Ou melhor, não é das mesmas dimensões. A sorte de uma nação ou dum agregado federativo de nações que ha doze anos procura constituir um grupo à parte, no universo, sob a lei do socialismo puro e ao qual, o estado de coisas capitalista, todo poderoso no resto do mundo, procura impôr compromissos mortais—põe em jogo o destino social

e politico de todos os países da terra. Mas só se pode estabelecer uma situação de facto. O que nos pedem, é um balanço das realizações materiaes positivas, e não exposições ou defêsas, nem teorias balôfas.

A realidade soviética, conseqüência orgânica da revolução proletária é, portanto, um grande exemplo, esclarecendo a grande luta que, divide os homens em duas partes antagónicas, na época em que vivêmos, os explorados e os exploradores. Ela é a verdade prática, que dá ou tira as armas a uns e outros. O facto concreto da U. R. S. S. e a orientação que ele toma, alimentam, da maneira mais positiva, a luta de morte que está aberta entre a revolução e a contra-revolução. A's massas mundiais, que olham e que esperam os acontecimentos que se passam no continente soviético, podem provar que está em formação um mundo novo e incitar o proletariado universal a ajudá-lo e a crêr nêle—ou podem, pelo contrário, demonstrar que esta revolução faliu como tantas outras e que só resta às multidões do trabalho baixar a cabeça e voltar para a velha ordem capitalista, para debaixo dos pés do banqueiro, ladeado pelo general e pelo padre.

Chego ao ponto essencial:

Para saber se a vasta convulsão dum paíz, que despedaçou todas as suas cadeias e entrou num caminho completamente novo, está vitoriosa ou vencida, é preciso considerar êsse paíz e a sua história con-

temporânea num só blóco e não separar senão os resultados de conjunto, de maneira a poder dar-se conta se as aquisições compensam as perdas, se os proveitos da imensa aventura equilibram as desvantagens, se a nação inteira sobe ou desce, está próspera ou em decadência. E' preciso responder sim ou não, como um juri, terminantemente. Esta generalização não é mais que honestidade intelectual. E' um producto do senso comum e da dignidade. Em tempos, Clemenceau, deante de quem se falava dos excessos do terror revolucionário de 1793, declarou que a Revolução Francesa formava um blóco indivizivel. Esta afirmação, é o único clarão de marxismo e de espírito scientífico, que os seus admiradores podem censurar a esse velho e feroz burguês.

Portanto, em que sentido caminha, há doze anos, a Rússia nova?

Para a frente, ou para traz?

Mais uma vez digo: é este o ponto capital, não duvideis, e a atenção dos povos está desesperadamente presa à resposta que a vida é susceptivel de dar a esta pergunta simplista.

Acrescentemos que é do interesse vital do Estado Operário que os proletariados internacionais — de quem êle precisa—sejam informados com precisão das fases da luta social, que êle incarna.

Ora, nós vemos aparecerem dois juizos, diametralmente opostos, àcêrca da situação económica e social da U. R. S. S. Uns exaltam, os outros vilipen-

diam. Facto anormal, que não se explica, porquanto se trata de dados positivos, senão pelo que põe em movimento a aspereza da actual guerra social e a noção do enorme apoio histórico, que a essa guerra traria a estabilização do Estado Operário e Camponês. Facto, em todo o caso, extremamente grave, em virtude das conseqüências desastrosas que podem ter certos actos de calúnia, sôbre o desenvolvimento e a organização revolucionária internacional.

Uma única atitude se impõe: estudar, meticulosa e scientificamente, a realidade soviética, formar uma opinião unicamente basiada nos factos mais precisos e nos números, pois que se trata, antes de mais nada, de realidades e de factos, e divulgar essa opinião na medida do possível, com todas as suas conseqüências.

Assim temos nós trabalhado. Quando, um dos primeiros, senão o primeiro, eu procurei reconstituir a história integral da Geórgia, apoiei sólidamente o meu estudo sobre multiplos dados estatísticos—método que me censurou o pobre Panaït Istrati que, saído das suas histórias de bandidos, não me parece ter um espírito crítico muito sólido. E', evidentemente, apoiando-se em números e em elementos positivos, que se estabelecem os limites da realidade no tempo e no espaço e que se colocam as observações feitas, ao abrigo de toda a deformação sentimental ou ideológica.

Ora, deante da massa documental que, dia a dia, se edifica à volta da Rússia dos Soviéts, torna-se cada vez mais arriscado e ridiculo pôr em dúvida

a sua larga realisação. Os factos estão à vista. A Revolução de Outubro não faltou aos seus compromissos. Logo, devemos ter o cuidado de não enganar os que nos escutam, quando falamos dela.

Mas devemos, aqui, arriscar uma pequena incursão no domínio, cheio de recursos, da hipocrisia jornalística e literária.

Esta guerra de revelações, se assim me posso exprimir, que mantemos uns contra os outros, à volta da verdadeira figura da U. R. S. S. deve—repito-o—recair sobre conjuntos e não sobre detalhes, porque, em face do conjunto, o detalhe mente. Não nos cancemos de dizer, que se trata de saber se a modificação de ha doze anos, implantou uma nova ordem de coisas ou, pelo contrário, comprometeu e fez recuar a causa revolucionária universal dos escravos.

E', portanto, um trabalho odioso, o de ampliar os detalhes e generalisá-los ilicitamente, para responder sim ou não à grande interrogação patética dos povos, e para conduzir este impressionante inquérito à esperança ou ao desespero, segundo o bom ou mau humor que se tem, segundo a miopia, os rancôres e as amizades de quem escreve, segundo o efeito a produzir, o sucesso a esperar e o dinheiro a ganhar (1).

(1) Ninguem se deve iludir ácerca dos resultados da propaganda contra-revolucionária internacional. Os livros favoraveis à U. R. S. S. são metodicamente *boycotados*. Dentro em bréve nem poderão aparecer. Um grande editor inglês disse-me que não havia hoje nenhuma possibilidade de publicar nos Estados Unidos ou na Inglaterra, um livro sobre a U. R. S. S. que não fosse hostíl a este país.

E' bem conhecida a célebre anecdota do Inglês que, desembarcando em França e encontrando uma mulher ruiva, daí concluiu que todas as Francesas são ruivas. Ainda não há muito tempo li um estudo literário em que o autor, com uma paciência de insecto, rebuscava na obra de Flaubert as frases gramaticais incorrectas. Tinha encontrado algumas e alinhava-as uma atraz outra. Do conjunto dessa nomenclatura, resultava, nitidamente, que Flaubert não sabia escrever francês.

E é por esta forma que certas obras de reportagem e certos jornais anti-soviéticos, escrevem a história. Certo jornal, redigido por emigrados russos, afirma só dar informações exactas. E assim é; mas de todos os factos minimos que se passam na União, extrai, dentre centenas e milhares, exactamente aqueles que permitem fazer uma crítica qualquer à Rússia nova. Desta forma, e como ninguem se lhe opõe, a U. R. S. S. é apresentada como um antro, exclusivamente povoado por malfeitores. E' assim que, utilizando dados verdadeiros, os hipócritas, os traidores ou os imbecis, chegam a construir perigosas mentiras. E a grande imprensa facilita-lhes a tarefa recolhendo essas calunias, que a desgraçada opinião pública aceita beatificamente.

Cada facto deve ser pôsto no seu lugar e reduzido à sua verdadeira proporção, quando o expômos. Sôbre tais assuntos e em semelhantes circunstâncias, a escala exacta, a dosagem justa, são uma necessidade moral imperiosa.

E é precisamente essa, a razão que nos guia, quando falamos da forma nova de sociedade, que o proletariado oriental estabeleceu na terra em 1917.

Não tentamos, por forma alguma, negar as insuficiências, as lacunas e as fraquezas. Mas evitamos de lhes dar, escondendo a contra-partida, uma importância que falsearia a verdade, desviaria o espírito público da exacta apreciação das coisas e faria perder a coragem à multidão fraternal.

E' bem visivel que, para empregar um exemplo concreto, ainda quando nas faltas imputadas à burocracia soviética houvesse algum fundo de verdade, isso não teria as conseqüências de falência social, que de tal facto se querem tirar para as necessidades da conservação e da reacção. Temos visto com que exuberância e encarniçamento a contra-revolução utiliza essas críticas, abstraindo-as, isolando-as, isto é, falsificando-as. Por uma espécie de ilusão de optica, o público deixa-se iludir. E' agindo por esta forma que se chega a desviar dos realizadores de Outubro, uma grande parte das classes médias e parte da classe operária. Assim se tem enganado o rebanho crédulo dos leitores (1).

---

(1) Assim como, nos nossos velhos paízes da Europa, uma prosperidade parcial, alguns aumentos isolados de bem estar, não devem impedir-nos de compreender que os atuais regimens burguezes, com a sua arbitrariedade, a sua corrupção, as suas explorações e as suas invejas, estão à beira do abismo.

Não devemos esquecer-nos de que todos os inimigos da Revolução Russa formam um grupo unificado de facto e que, apezar das declarações demagógicas de alguns dentre êles, não podem livremente separar-se uns dos outros.

Alguns ex-revolucionários, os quais, bem entendido, fazem valer o facto de terem sido revolucionários, afirmam que, se fazem côro contra a única nação revolucionária, se ajudam de todo o coração as classes espoliadoras a esmagar o proletariado liberto e a quebrar os laços que o ligam aos proletários de todo o mundo, é sómente para o bem da causa socialista. Operário fruste e puro, soldado, afasta de ti esse sofisma que só tem um resultado prático: aumentar as pedradas e os latidos da matilha, que cerca a rèpública vermelha do povo.

Mas, se uma exposição honesta da situação do país soviético, nos obriga a pôr sempre à vista, no primeiro plano, a vitória crescente do socialismo, isto não quer dizer que fechemos voluntáriamente os olhos, aos defeitos e às taras, resultantes da aplicação do sistêma. Quando estão a trabalhar e não se trata de dar um quadro de conjunto e explicar a verdade às populações, mas se procura, simplesmente, fazer melhor, os construtores soviéticos criticam-se a si próprios, com uma severidade impiedosa e não julgam nunca ter atingido o seu fim (insaciável rigôr que espanta Gorki). Não é a êles, cuja emulação neces-

sita de sêr aguilhoada a punhal, que se fará marchar melhor lançando-lhes lama.

De facto, o espírito revolucionário e proletário da Rússia soviética, é uma evidência, que é preciso, egualmente, sêr cego para não vêr. O impulso dado é formidável. Um sólido entusiasmo impele, em bloco, os operários emancipados. A centralização, a organização e a divizão do trabalho, crescem com a multiplicação da produção. O Plano Quinquenal — que nenhum outro poder no mundo seria capaz de edificar — realiza-se. Nêste momento, no fim do primeiro ano dum Plano Quinquenal extremamente carregado e do qual tanto se tem dito, o aumento da produção industrial, fixado em 21 % atingiu já 24 %. A adesão gradual das populações dos campos, à exploração colectiva, pode sêr lenta, mas é incontestável. A individualidade, é cultivada na Rússia pela consciência que cada um tem da sua participação útil, na obra comum. Ideológicamente, artisticamente, o paíz nascido duma fórmula nova, caminha a passos de gigante. Depois de dizermos isto, é que mostramos, se o quizermos, algumas nuvens no quadro. E' sómente então que sômos verídicos, porque essas nuvens, históricamente, não têem importância. Se as não mostrarmos, não há grande prejuizo.

Mas é preciso que os defensores da causa do homem, que têm, ao mesmo tempo, o respeito scientífico da verdade, saibam quanto devem velar, atentamente, pela experiência soviética, para que os auxi-

liares e serventuários de toda a espécie do capitalismo ameaçado, não vão, pelas suas prestidigitações desonestas de escritores, deformá-la no coração das massas. Que o trabalhador honrado, que será o conquistador desde que deixe de sêr o forçado, repila violentamente essa amalgama de adversários e de caluniadores, mais ou menos cínicos e mais ou menos pérfidos, que, pelos seus ataques, as suas insinuações e as suas reservas, — quer não fazendo quadros de conjunto, quer tornando responsável a direcção atual da Revolução em marcha, pelos obstáculos que, fatalmente, encontra a realização dum estado socialista, num planêta capitalista, — minam a obra heroicamente realizada e armam laços à revolução mundial.

Eis a explicação da nossa suposta parcialidade, que é sómente uma justa apreciação dos factos.

ÍNDICE

Pág.

Prefácio 5
I — Síntese 9
II — Impressões de Congresso. 25
III — O drama da terra e do trigo na União Soviética 33
IV — O homem mais velho do mundo. . . 45
V — A casa montanha. 63
VI — Retalhos da Feira de Nijni 69
VII — A dôce e rude Crimêa 81
VIII — Nos scenários do Paraizo Terrestre. 115
IX — O homem de Artek. 135
X — A literatura proletária 141
XI — Cuidado com as miragens! 153
XII — O resultado das sete horas de trabalho na U. R. S. S. 161
XIII — Um belo filme ukraniano 173
XIV — Novos filmes soviéticos 183
XV — Uma visita a Clara Zetkin. 193
XVI — Reflexões feitas em Moscou 199
XVII — Conversa com Maximo Gorki . . . 205
XVIII — Algumas palavras de conclusão ácerca da «verdade soviética» 223

Acabou este livro
de se imprimir aos
3 de Junho de 1931
na tipografia da
Gráfica da Lousã.